

LENAD

Levantamento Nacional
de Álcool e Drogas

CADERNO TEMÁTICO LENAD III

RESULTADOS CONSUMO DE ÁLCOOL NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

UNIFESP

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP). Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III): Caderno Temático - Resultados Consumo de Álcool na População Brasileira. São Paulo: UNIFESP, 2025.



PSIQUIATRIA
DEPARTAMENTO DE PSIQUIATRIA



III Levantamento Nacional de Álcool e Drogas LENAD III

TERMO DE EXECUÇÃO DESCENTRALIZADA (TED 003/2019)
UNIFESP - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (SENAD)



SECRETARIA NACIONAL DE
POLÍTICA SOBRE DROGAS
E GESTÃO DE ATIVOS

MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA



SÃO PAULO

Coordenação Geral TED UNIFESP

Ronaldo Ramos Laranjeira

Coordenação do LENAD III

Clarice Sandi Madruga

Comitê Científico LENAD/UNIAD

Ana Paula Dias Pereira

André Constantino Miguel

Cláudio Jerônimo da Silva

Kátia Isicawa de Sousa Barreto

Maria Carmen Viana

Quirino Cordeiro Júnior

Raul Caetano

Equipe do Serviço de Apoio aos Participantes LENAD

Thiago Marques Fidalgo - **CAISM**

Guilherme Sabido de Godoy Filho - **Supervisão Clínica**

Aline Saraiva Ramos

Bárbara Correia Belamio

Cláudia Aparecida Vieira Lima

Letícia Salles de Siqueira

Thiago Pires da Silva

Colaboradores Científicos/Acadêmicos

(Os pesquisadores mencionados colaboraram com o LENAD em diferentes etapas do estudo, como na definição dos instrumentos e na análise dos dados. Outros colaboradores poderão ser incluídos à medida que o trabalho avance).

Cassandra Bortolon

Daniel Tornaim Spritzer

Felix Henrique Paim Kessler

Frederico Garcia

Giovanni Salum

Helian Nunes

Henrique Teruo Akiba

Homero Vallada

Isabella A. de Azevêdo Oliveira

Jair Mari

Juliane P. de Bernardin Gonçalves

Lísia Von Diemen

Luís Fernando Tófoli

Maria de Fátima Padin

Martha Canfield

Mary Anne Nascimento Souza

Patrícia de Saibro

Patrícia Manzolli

Paulo Rossi Menezes

Pedro Pan

Rafael Bello Corassa

Rafael Claro

Renata Rigacci Abdalla

Rodrigo Affonseca Bressan

Rogério Bosso

Sérgio Baxter Andreoli

Sérgio Dualibi

Seeromanie Harding

Sheila Rizzato Stopa

Sterling McPherson

Thiago Marques Fidalgo

William Crano

Colaboradores Caderno Temático Álcool

Alanna Gomes da Silva

Kátia Isicawa de Sousa Barreto

Laura de Souza Cury

Rogério Adriano Bosso

Sumário

1. Apresentação do Caderno Temático Álcool	8
2. Sobre o LENAD	12
Histórico	12
Diferenciais do LENAD	15
3. Método do LENAD	19
3.1 Abrangência	19
3.2 Amostragem	19
3.3 Plano Amostral	19
3.4 Aspectos metodológicos da investigação do consumo de bebidas alcoólicas no LENAD	21
Medidas e Escalas	23
Indicador de consumo de bebidas alcoólicas	24
Diagnóstico do Transtorno por Uso de Álcool (TUA) no LENAD III	28
3.4.1 Análise dos Dados	31
4. Resultados LENAD III	34
4.1 O Consumo de Bebidas Alcoólicas na População Brasileira	34
4.1.1 Estratificação Sociodemográficas de Consumo de Álcool	35
4.2 Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Adultos	39
4.2.1 Estratificação por Macrorregião Brasileira entre Adultos	40
4.2.2 Padrão de Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Adultos	43
4.2.2.1 Consumo Pesado de Bebidas Alcoólicas entre Adultos	45
4.3 Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Adolescentes	48
4.3.1 Estratificação por Macrorregiões Brasileiras entre Adolescentes	50

4.3.2 Padrão de Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Adolescentes	52
4.3.2.1 Consumo Pesado de Bebidas Alcoólicas entre Adolescentes	54
4.4 Problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas	57
4.4.1 Experiências negativas relacionadas ao consumo	57
4.4.2 Consumo de Risco	59
4.4.3 Transtorno pelo Uso de Álcool - Entrevista CIDI (DSM-5)	69
Estratificação de Transtorno por Uso de Álcool (TUA) por Macrorregiões Brasileiras	71
4.5 Motivação para Diminuir ou Interromper o Consumo	73
4.5.1 Busca por tratamento	75
4.5.2 Uso de rede de serviços e apoio para tratamento de problemas relacionados ao consumo de álcool	76
4.6 Abstinência Alcoólica	78
5. Comparações Intertemporais	82
5.1 Comparações Intertemporais dos Indicadores de Consumo	82
5.1.1 Comparações Intertemporais do Consumo entre Adultos	86
5.1.2 Comparações Intertemporais do Consumo entre Adolescentes	88
5.1.3 Impacto da Pandemia da COVID-19 no consumo de bebidas alcoólicas	93
5.2 Comparações Intertemporais dos Indicadores de Consumo Pesado	96
5.3 Transtorno pelo Uso de Álcool (TUA)	102
6. Síntese dos Resultados	107
7. Considerações Finais	112
Referências	115
Adendo	117

Prefácio

O monitoramento epidemiológico contínuo do uso de álcool, outras substâncias psicoativas e comportamentos aditivos é essencial para compreender a dinâmica desses fenômenos e seus impactos na saúde pública. A identificação de padrões de consumo, tendências temporais e a magnitude dos problemas associados ao uso e abuso de substâncias oferece uma base sólida para a formulação, avaliação e aprimoramento de políticas públicas de saúde.

O Brasil é privilegiado por contar com pesquisadores e grupos de pesquisa com excelência reconhecida internacionalmente na área da saúde mental e dos transtornos por uso de substâncias. A produção científica nacional nesse campo tem se destacado no cenário global, refletindo um compromisso consistente com o avanço do conhecimento e com a qualificação das respostas às demandas emergentes.

O país dispõe, ainda, de uma base sólida de estudos epidemiológicos robustos e de um sistema de monitoramento de indicadores de saúde fortalecido por iniciativas governamentais importantes, como a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), o sistema Vigitel, o Inquérito Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), entre outros. No entanto, persiste o desafio de assegurar que o investimento nessas iniciativas seja sistemático e contínuo, de forma a garantir a consolidação de séries históricas que permitam a compreensão acurada das mudanças nos padrões de uso ao longo do tempo. No que tange especificamente à vigilância do uso de substâncias psicoativas, ainda há lacunas relevantes, atribuídas tanto à complexidade desse fenômeno quanto à ausência de consensos consolidados sobre indicadores e metodologias capazes de sustentar um sistema de vigilância permanente e sensível às transformações contextuais.

Nesse cenário, o **Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD)** desponta como uma iniciativa singular e estratégica. Realizado, ao longo do tempo, por um mesmo grupo de pesquisadores, com a parceria técnica da **Ipsos** para sua execução, o estudo combina rigor metodológico com continuidade investigativa. Esse privilégio confere ao **LENAD** a capacidade de manter a padronização necessária à comparabilidade de indicadores fundamentais entre as edições, ao mesmo tempo em que incorpora avanços

conceituais e metodológicos para ampliar e atualizar a investigação de temas emergentes. As comparações intertemporais são fundamentais no exercício de levantar hipóteses sobre transformações no cenário nacional, ainda que a realização da terceira edição tenha representado um desafio considerável. O intervalo de 11 anos entre as edições constitui, sem dúvida, uma limitação, especialmente ao se considerar um período historicamente marcado por eventos disruptivos, como a pandemia de COVID-19. Ainda assim, a vigilância epidemiológica exige pontos reais de mensuração — marcos que permitam interpretar, com base empírica, indicadores de agravos à saúde da população.

Ao fornecer evidências consistentes e atualizadas sobre o uso de substâncias psicoativas e comportamentos aditivos na população brasileira, o **LENAD** contribuiu de forma decisiva para o planejamento de políticas públicas baseadas em informações, e para a definição de prioridades e alocação de recursos. Assim, reforça seu papel como ferramenta essencial para a promoção da saúde, aprimoramento de estratégias de prevenção e a redução dos danos associados ao uso de substâncias no país.

Apresentação do Caderno

O consumo de álcool permanece, de longe, o principal fator de risco para mortalidade e morbidade associadas ao uso de substâncias psicoativas no Brasil. Os dados do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III, 2023) reforçam a magnitude desse fenômeno: aproximadamente 73,9 milhões de brasileiros (42,5% da população com 14 anos ou mais) relataram uso de bebidas alcoólicas, e cerca de 19,9 milhões apresentam critérios de transtorno por uso de substâncias (TUS) ou uso problemático. Nenhuma outra substância ou comportamento analisado — como tabaco, cocaína, crack ou mesmo as apostas — alcança tamanha dimensão em termos de prevalência e carga para a saúde pública.

A despeito desse impacto, o álcool mantém elevada aceitação social e ampla disponibilidade, o que representa um obstáculo considerável à formulação e implementação de políticas públicas eficazes de prevenção e controle. A naturalização de seu consumo ofusca os danos associados, invisibilizando a relação direta com milhares de mortes evitáveis, adoecimento físico e mental, além de repercussões sociais e econômicas expressivas.

Nesse cenário, torna-se crucial rastrear de forma detalhada os padrões de consumo de bebidas alcoólicas. O Brasil configura-se como uma exceção no contexto internacional, marcado por dois extremos: de um lado, uma elevada proporção de pessoas abstinentes; de outro, entre aqueles que bebem, uma forte concentração de padrões abusivos de consumo. A identificação de indicadores de uso de risco, uso nocivo e alcoolismo é fundamental não apenas para estimar a carga de doença, mas também para orientar o planejamento de estratégias de prevenção e a ampliação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do SUS. Nesse sentido, o LENAD III não se limita a dimensionar o consumo de álcool, mas também investiga a busca por tratamento entre pessoas com alcoolismo e a utilização dos serviços da rede de apoio, oferecendo uma visão abrangente sobre como a população brasileira lida com os

problemas decorrentes do consumo de álcool.

É nesse contexto que se evidencia a relevância do monitoramento epidemiológico contínuo do consumo de álcool no país.

O presente Caderno Temático de Álcool dedica-se a aprofundar a análise do consumo no Brasil a partir dos dados do LENAD III, trazendo indicadores que permitem compreender tanto a amplitude da exposição quanto a gravidade de seus desfechos. Trata-se de um esforço essencial para iluminar a formulação de políticas públicas mais efetivas e para enfrentar aquele que se consolida como o maior desafio brasileiro em saúde pública no campo das drogas.



2

Sobre o LENAD

Levantamento Nacional de Álcool e Drogas



2. Sobre o LENAD

O **LENAD** tem como objetivo compreender os hábitos e atitudes da população brasileira em relação ao consumo de álcool, tabaco, uso de medicamentos e outras substâncias psicoativas, principalmente, além de investigar também aspectos relacionados à saúde mental, violências, jogos de aposta e outros comportamentos aditivos.

O **LENAD** é um levantamento de base populacional, domiciliar e transversal, sendo este a sua terceira edição, dando continuidade a uma série iniciada em 2006 (1ª edição) e repetida em 2012 (2ª edição).

O levantamento é conduzido por pesquisadores do **Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)**, uma instituição de referência nacional e internacional, reconhecida por sua excelência técnica e científica. A coleta de dados em todas as suas edições foi realizada pela **Ipsos Public Affairs**,  assegurando a qualidade e o rigor metodológico necessários para a obtenção de dados confiáveis e representativos em todo o território nacional.

Histórico

A primeira edição do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (**LENAD I**), então denominado “**I Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira**”  ocorreu em 2006, em resposta a uma demanda da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos (**SENAD**) do Ministério da Justiça e Segurança Pública (**MJSP**), em parceria com a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (**UNIAD**) do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (**UNIFESP**). Seu principal objetivo foi investigar atitudes, práticas e comportamentos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas na população brasileira, sendo o primeiro estudo nacional a examinar fatores como exposição a campanhas publicitárias de cigarro e álcool e a aceitação de políticas públicas preventivas. Embora o foco tenha sido o consumo de álcool e tabaco, a pesquisa também explorou fatores associados aos transtornos aditivos, como violência na infância e entre parceiros íntimos.

A [Segunda edição do LENAD](#) (LENAD II), realizada entre 2011 e 2012, foi financiada pelo Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT, CNPq e FAPESP), resultando na criação do Instituto Nacional de Políticas Públicas sobre Álcool e Outras Drogas (INPAD), sob a liderança do Professor Doutor Ronaldo Laranjeira e pesquisadores da UNIAD e UNIFESP.

Como levantamento transversal repetido, o **LENAD II** preservou a metodologia de amostragem e os instrumentos de medição dos componentes centrais do estudo, garantindo a comparabilidade entre edições. A análise dos padrões de uso de álcool e tabaco entre 2006 e 2012 foi essencial para aprimorar políticas públicas voltadas à prevenção e cuidado dos transtornos aditivos. Além disso, a repetição das investigações sobre violência doméstica e dirigir sob efeito de álcool permitiu avaliar o impacto de políticas como a Lei Seca (2008) e a Lei Maria da Penha (2006).

O **LENAD II** inovou ao adotar um questionário de autopreenchimento sigiloso, permitindo maior confidencialidade e precisão dos dados sobre o uso de drogas ilícitas. Esse aprimoramento metodológico consolidou o **LENAD** como uma das principais fontes nacionais sobre consumo de maconha e cocaína, fornecendo dados essenciais para a compreensão do padrão de uso dessas substâncias na população brasileira. A segunda edição também se destacou pela ampliação de seu escopo, incorporando a investigação de fatores associados ao uso e abuso de substâncias, como depressão e suicídio e preenchendo lacunas importantes no monitoramento epidemiológico de doenças não transmissíveis no Brasil.

Os achados do **LENAD II** resultaram em mais de 30 [publicações científicas](#), contribuíram para dez [títulos acadêmicos](#) de mestrado e doutorado (na UNIFESP e em outras instituições) e tiveram ampla repercussão na comunidade científica e no debate público sobre drogas no Brasil.

A [Terceira edição do LENAD](#) (**LENAD III**) foi realizado entre 2022 e 2024 por via de um Termo de Execução Descentralizada (TED) pactuado em 2020 entre Governo Federal e a UNIFESP (TED 003/2019), conforme apresentado na Figura 1. O **LENAD III** ampliou ainda mais o rol de temas investigados, com a inclusão de mais medidas para a avaliação de transtornos de saúde mental (como rastreamento de transtorno de ansiedade e sintomas psicóticos), aprofundando a investigação sobre o uso de substâncias psicoativas de outras drogas (como o uso dos dispositivos eletrônicos para fumar - DEFs e novas drogas sintéticas, por exemplo), e explorando outros comportamentos aditivos (como transtornos do jogo, uso de plataformas de apostas -“bets”, entre outros).

Figura 1 - Fontes de financiamentos do LENAD nas três edições.



Outro aprimoramento importante feito no **LENAD III** foi o aumento expressivo da amostra, estimada em 16.000 e atingindo 16.608 participantes, selecionados com a mesma metodologia de amostragem adotada nas edições anteriores.

A operacionalização da abordagem metodológica da coleta de dados por meio de amostragem probabilística do **LENAD** foi realizada pela **Ipsos Public Affairs** desde sua primeira edição. Amplamente reconhecida pela realização de levantamentos populacionais de alta qualidade na Europa, Estados Unidos e Canadá, a **Ipsos Public Affairs** desempenhou um papel fundamental no planejamento e condução de todas as edições do **LENAD**. Seu envolvimento assegurou o rigor metodológico necessário para a obtenção de dados fidedignos, consolidando o reconhecimento do estudo tanto no cenário nacional quanto internacional.

O **LENAD** é atualmente uma das maiores pesquisas com ressonância de dados científicos sobre uso e dependência de álcool e outras drogas no Brasil. Até o presente momento, permanece como o único levantamento epidemiológico de drogas, em âmbito nacional, que utiliza protocolo de entrevista autopreenchida para a investigação de temas demasiadamente sensíveis para serem abordados por meio de entrevistas face-a-face, obtendo assim índices mais confiáveis sobre o consumo de drogas ilícitas no país, bem como em outros temas, como violência sexual e suicídio.

Com a etapa de execução de campo finalizada em 2024, o **LENAD III** apresenta seus resultados tanto por seus próprios canais de comunicação (**UNIFESP** e Site **LENAD**) quanto pelo Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas (**OBID**), como parte da parceria com a Secretaria de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativo (**SENAD**), do Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Diferenciais do LENAD



Investigação de temas sensíveis com autopreenchimento sigiloso:

A coleta de informações sobre temas sensíveis, como uso de drogas ilícitas, comportamentos de risco, abuso sexual e histórico de suicídio, é realizada por autopreenchimento sigiloso, evitando a interação direta com o entrevistador e reduzindo o viés de resposta por subnotificação. Os participantes respondem diretamente no tablet, com a opção de versão em áudio para aqueles com dificuldades de leitura, diminuindo índices de não-resposta e ampliando a precisão das estimativas.



Contou com a Ipsos Public Affairs em todas as edições:

A empresa tem amplo reconhecimento internacional e expertise para operacionalização e logística para garantir o rigorismo metodológico de amostragens totalmente probabilísticas em um país de dimensões continentais como o Brasil. Tais aspectos foram essenciais para manter a qualidade das três edições do **LENAD**.



Utilização de novas tecnologias:

O **LENAD III** utilizou protocolos avançados de monitoramento e checagem de campo por meio do sistema próprio de **Computer Assisted Personal Interviewing** (CAPI) – iField, que assegura rigor metodológico e integridade dos dados. O sistema permite geolocalização dos entrevistadores, gravação de áudio, captura de fotos para aferição do arrolamento e verificação de domicílios sorteados, além da realização de consistências em tempo real para prevenir fraudes e garantir a qualidade das informações coletadas.



Canal direto para busca de apoio em casos de violência doméstica:

Os participantes contaram com a busca de apoio com acesso a contato imediato com psicólogo do LENAD para encaminhamentos e/ou denúncias.



Qualificação das equipes para investigação de temas sensíveis:

Capacitação dos entrevistadores sobre as temáticas: álcool, drogas ilícitas, violência doméstica e sexual, problemas de saúde mental e manejo de casos (aulas on-line síncronas e sistemáticas com pesquisadores da UNIFESP, e material complementar de apoio via portal e informativo impresso).



Abordagem diferenciada nos domicílios:

Recursos e treinamento específicos visando o aumento dos índices de resposta e garantia de segurança de participantes e entrevistadores (procedimentos de checagem da identidade dos entrevistadores e interlocução com segurança pública e outros gestores municipais).



Orientação e pronto-atendimento psicológico para participantes:

O Portal **LENAD** ofereceu orientações sobre drogas, melhores práticas em tratamento e prevenção, além de uma rede de referenciamento, incluindo o mapeamento prévio e a interlocução com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de cada município sorteado. Também foi disponibilizado teleatendimento com psicólogos treinados para os participantes, com até cinco sessões que envolveram psicoeducação, orientação e/ou encaminhamento para serviços do município previamente mapeados ou para serviços parceiros, como o CAISM.



Ampla comparabilidade entre edições dos indicadores principais sobre consumo de substâncias psicoativas (SPA):

Fornecer tendências de indicadores nacionalmente representativos sobre o consumo de substâncias psicoativas (SPA), garantindo ampla comparabilidade entre edições. Além de abranger temas transversais relevantes para a vigilância epidemiológica em saúde mental.



Acompanhamento contínuo da equipe de pesquisa da UNIFESP:

O **LENAD** é desenvolvido e monitorado pela equipe de pesquisa da UNIFESP e da UNIAD, garantindo rigor metodológico em todas as etapas do estudo. Desde a fase de planejamento até a análise dos dados, pesquisadores altamente qualificados acompanham de perto a execução do trabalho de campo, assegurando a qualidade da coleta, o cumprimento dos protocolos amostrais e a integridade das informações. Além disso, a expertise da equipe da UNIFESP na análise e interpretação dos resultados agrega profundidade às investigações, permitindo não apenas a descrição dos padrões de consumo de substâncias psicoativas, mas também uma compreensão crítica sobre os achados, produzindo publicações científicas de alto impacto e fazendo do levantamento uma fonte confiável para o desenvolvimento de políticas públicas baseadas em evidências.

3

Método LENAD

Levantamento Nacional
de Álcool e Drogas



3. Método do LENAD

3.1 Abrangência:

Todas as edições do **LENAD** possuem abrangência para todo o território nacional (áreas urbanas e rurais). A população-alvo do **LENAD** é constituída por indivíduos brasileiros residentes em domicílios particulares permanentes, com idade igual ou superior a 14 anos.

Exclusões amostrais do LENAD:

- ✘ Pessoas que não falam a língua portuguesa;
- ✘ Pessoas com grande limitação de entendimento;
- ✘ Residentes em áreas especiais, como hospitais, conventos, quartéis militares, instituições de longa permanência, etc;
- ✘ Residentes em reservas indígenas.

3.2 Amostragem:

O método de seleção dos participantes em todas as edições do **LENAD** foi por amostragem probabilística estratificada por conglomerados, garantindo que todos os estágios da seleção fossem realizados de forma completamente aleatória. A **Figura 2** exemplifica o processo de seleção supracitado até chegar ao nível do indivíduo.

3.3 Plano Amostral:

O **LENAD** é uma pesquisa domiciliar, cujo plano amostral empregado foi o de amostragem probabilística, em quatro estágios de seleção. Considerando as amostras das edições anteriores do **LENAD** e o objetivo de se estimar mudanças em prevalência ao longo do tempo, decidiu-se que a seleção de municípios no **LENAD III** deveria se aproximar metodologicamente das versões anteriores, mas com um maior número de municípios selecionados devido à maior amostra e o desejo de se ter um desenho mais eficiente, com menor erro amostral.

Figura 2 - Processo de seleção em amostragem probabilística em quatro estágios de seleção.



Critérios da Amostragem LENAD III:

- ✓ A estratificação explícita aplicada no desenho da amostra remete a dispersão geográfica, tamanho dos municípios (porte) dentro dos Estados da Federação e dentro das Regiões Geográficas, além do índice de urbanização das áreas.
- ✓ Dentre os 5.565 municípios, foram considerados autorrepresentativos aqueles que tinham população superior a 1.014.535 habitantes (190.732.694 habitantes/188 pontos), uma vez que a probabilidade de serem selecionados era igual a um.

Figura 3 - Amostras edições LENAD I, LENAD II e LENAD III

LENAD



3.4 Aspectos metodológicos da Investigação do consumo de bebidas alcoólicas no LENAD

Recortes Amostrais dos Módulos sobre Consumo de Álcool

A amostra total do LENAD III foi composta por 16.608 brasileiros com 14 anos ou mais. O questionário foi estruturado em módulos temáticos, e os indicadores centrais de consumo de álcool foram aplicados a todos os participantes, assegurando estimativas nacionais representativas e com baixos erros amostrais, mesmo após estratificações por sexo, região e faixa etária. Para que a entrevista não ultrapassasse aproximadamente uma hora de duração, o instrumento foi segmentado em três versões de aplicação, que combinaram de forma rotativa diferentes módulos específicos. Em todas as versões, manteve-se um bloco central comum, aplicado a toda a amostra, garantindo a comparabilidade dos principais indicadores de álcool, enquanto os módulos complementares variaram conforme a versão, permitindo análises aprofundadas em subtemas específicos sem comprometer a viabilidade operacional do inquérito.

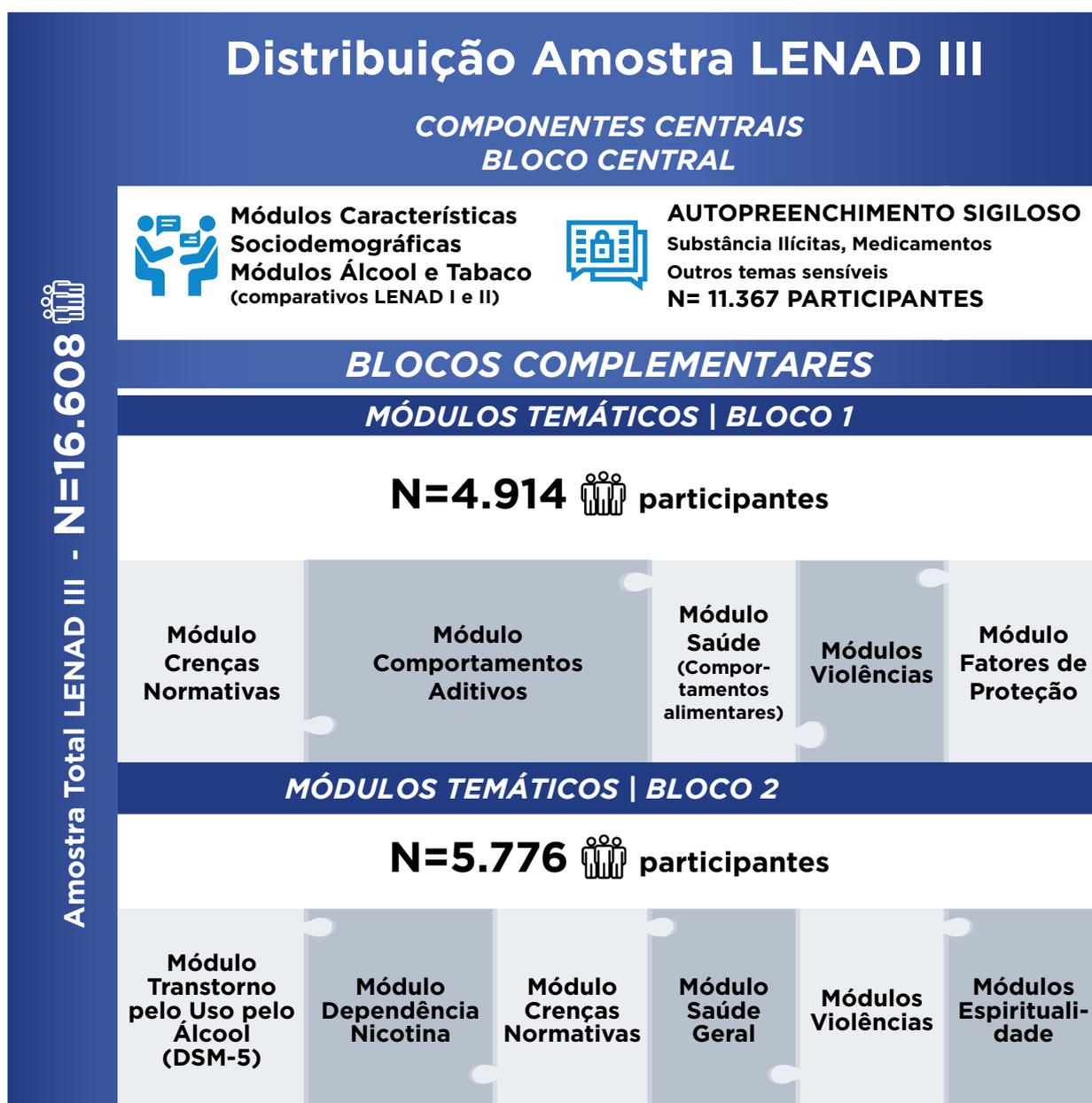
Figura 4: Ilustração com amostra total e sub-amostras do LENAD III para cada versão de entrevista.



Essa estratégia metodológica permitiu conciliar a abrangência populacional garantida pelo núcleo central com a profundidade analítica dos blocos complementares, assegurando comparabilidade com edições anteriores e introduzindo novas dimensões de análise no LENAD III.

Embora os indicadores de consumo de álcool integrem o bloco central do LENAD, aplicado a toda a amostra de 16.608 participantes, a extensão do módulo da entrevista CIDI (Composite International Diagnostic Interview) para diagnóstico de Transtorno por Uso de Álcool (TUA) exigiu que ele fosse incluído no Bloco 2, aplicado a uma subamostra de 5.776 participantes.

Figura 5 - Ilustração descritiva da segmentação do questionário do LENAD III



Essa estratégia viabilizou a duração da entrevista sem comprometer a qualidade das estimativas e, sobretudo, não afetou a comparabilidade dos indicadores de TUA com as edições anteriores da série, nas quais o mesmo protocolo já havia sido utilizado.

Assim, a segmentação em blocos garantiu simultaneamente a abrangência nacional dos indicadores de consumo e a profundidade diagnóstica utilizando o protocolo CIDI, preservando a consistência histórica do levantamento.

Medidas e Escalas

O módulo de características sociodemográficas foi aplicado a toda a amostra e seguiu padrões reconhecidos de inquéritos populacionais nacionais, com questões baseadas no Censo Demográfico do IBGE e na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS)¹. Esse módulo contemplou variáveis como idade, sexo, escolaridade, renda, raça/cor e estado conjugal, assegurando a comparabilidade dos achados do LENAD com outras fontes oficiais de monitoramento da população brasileira.

Considerações sobre os indicadores sociodemográficos no LENAD:

Grande parte das questões que compõem o módulo que investiga as características sociodemográficas são componentes centrais do LENAD, mantendo-se idênticas em todas as edições do levantamento. Essas questões estão baseadas nos padrões da Pesquisa Nacional de Saúde ou no Censo Populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁽⁸⁾.

- ✓ **Sobre a variável Sexo x Identidade de gênero:** Destacamos que a variável sexo (“sexo atribuído ao nascimento”) foi escolhida para a estratificação das prevalências, uma vez que o tamanho da amostra não permitiu o recorte pela variável de identidade de gênero. Salientamos que o questionamento da identidade de gênero (pergunta original: “*Marque sua identidade de gênero: Como você se identifica?*”) compõe o módulo de autopreenchimento, de forma que a indagação face-a-face não gere qualquer viés de medição. Ainda assim, somadas, as prevalências das categorias não binárias: *Mulher Trans, Homem Trans, Não Binária e Outro*,

não alcançaram tamanho amostral suficiente (N=163 (1,5%, IC 95%: 1,2-1,9)) para seu uso como fator de estratificação de indicadores que, por sua vez, já possuem prevalências reduzidas.

- ✔ **Sobre a variável Cor/Raça:** Como descrito no Caderno Metodológico, a investigação dessa variável segue o padrão estabelecido pelo IBGE, e também não pôde sofrer alterações devido ao fato de ser parte dos componentes centrais. Destacamos que a alta frequência de participantes que responderam “Não sei”- 1.75% da amostra total (N=344)- gera limitações no seu uso para a estratificação dos indicadores de consumo.

Indicador de consumo de bebidas alcoólicas

Os marcadores de prevalência de uso de álcool: Definidos a partir das janelas temporais de referência, tendo como marco a data de coleta dos dados em 2023.

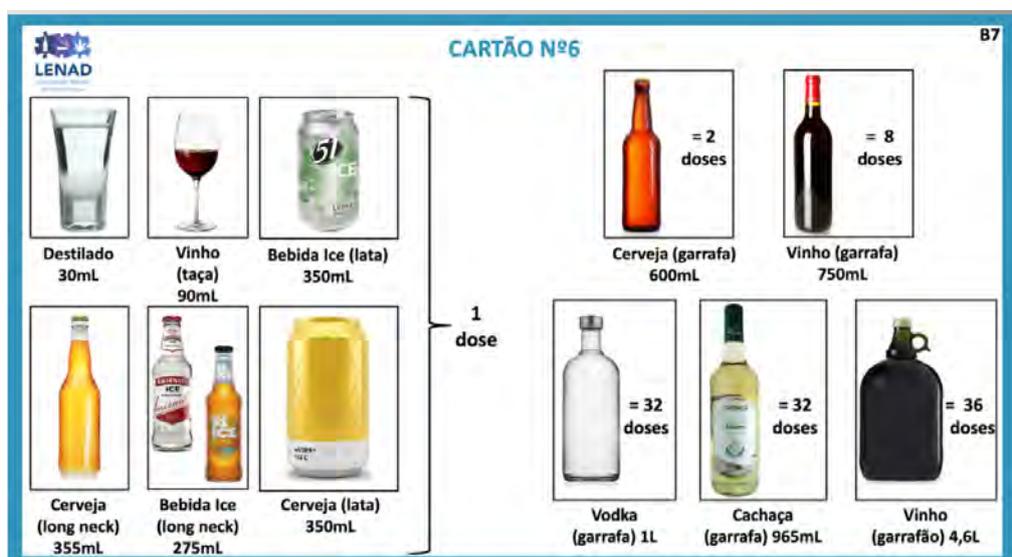
- ✔ **Consumo na vida (alguma vez):** indica se o entrevistado já experimentou bebidas alcoólicas em qualquer momento de sua vida até a entrevista. É o indicador mais abrangente, refletindo a iniciação e a exposição cumulativa ao álcool ao longo do curso de vida.
- ✔ **Consumo no último ano:** refere-se ao uso de bebidas alcoólicas nos 12 meses anteriores à coleta de dados (2022-2023). Esse marcador é fundamental para identificar padrões recentes de consumo e estimar a população atualmente exposta ao álcool.
- ✔ **Consumo no último mês:** corresponde ao uso de bebidas alcoólicas nos 30 dias que antecederam a entrevista. É o marcador mais restritivo, refletindo o uso ativo e contínuo, fortemente associado a maior probabilidade de padrões de risco e de danos imediatos.

A adoção desses três marcadores — vida, ano e mês — permite monitorar tanto a iniciação e a exposição cumulativa quanto a intensidade do consumo mais recente, assegurando comparabilidade com os inquéritos anteriores do LENAD e com pesquisas nacionais como a [PNS](#), [Vigitel](#) e [PeNSE](#).

Definição de Dose Padrão: A avaliação do consumo de álcool no LENAD baseia-se em parâmetros técnicos reconhecidos nacional e internacionalmente, adaptados para a aplicação em inquéritos domiciliares de grande escala. O

inquérito adota a definição oficial de dose-padrão de álcool de 10 gramas (g) - ou 12,5 mililitros (ml) - de álcool puro preconizado pelo Ministério da Saúde através da [Nota Técnica Conjunta 263 - CGDANT/DAENT/SVS/MS, de 2024](#), também estabelecida pela Organização Mundial da Saúde e adotada por mais de vinte países. A mensuração do número de doses consumidas para responder diferentes indicadores é operacionalizada por meio de cartões de resposta com representações visuais de bebidas e recipientes comuns, permitindo estimativas aproximadas e viáveis em contextos de entrevista domiciliar.

Figura 6 - Cartões de Resposta e Referências de Dose / Unidade de Álcool



Indicadores de Consumo Pesado

Desde a primeira edição, em 2006, o LENAD adota a definição de “Beber em binge” (do inglês “Binge Drinking”) proposta pelo Instituto Nacional de Uso de Álcool dos Estados Unidos (NIDA/NIAAA), em que corresponde ao padrão de ingestão de bebidas capaz de elevar a concentração de álcool no sangue (BAC) a 0,08% ou mais (0,08 g/dL), o que equivale à ingestão de quatro doses para mulheres e cinco doses para homens em cerca de duas horas⁵.

Esse indicador foi mantido como o principal parâmetro de consumo pesado nas edições anteriores do LENAD, não apenas por ter sido uma das primeiras padronizações internacionais a operacionalizar o conceito de forma objetiva, mas também porque sua ampla utilização em estudos epidemiológicos ao redor do mundo assegura comparabilidade internacional com uma vasta literatura científica.

A partir de sua segunda edição, entretanto, o LENAD também passou a medir o consumo episódico pesado, definido como a ingestão de 6 doses ou mais em uma mesma ocasião, em consonância com o conceito de Heavy Episodic Drinking (HED) estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁶. Esse parâmetro foi posteriormente incorporado pelo Ministério da Saúde, que o consolidou em 2024⁴ como definição oficial de “Consumo Episódico Pesado” (60 g de etanol em uma ocasião, sem delimitação temporal específica).

Assim, o LENAD III reporta simultaneamente os indicadores de binge (NIDA) e de consumo episódico pesado (OMS/MS), garantindo a comparabilidade histórica com as edições anteriores e o alinhamento metodológico às definições nacionais mais recentes.

Quadro 1: Definições de Indicadores de Consumo Pesado de Álcool

Indicador	Origem/Instituição	Definição	Observadores
Beber em “Binge”	EUA NIAAA, CDC (Centers for Disease Control and Prevention, SAMHSA (Substance Abuse and Mental Health Services Administration) National Survey on Drug Use and Health.	Consumo capaz de elevar a alcoolemia (BAC) a 0,08 g/dL ou mais, o que equivale a 4 doses para mulheres ou 5 doses para homens em cerca de 2 horas	Critério fisiológico, baseado no BAC - Utilizado desde o LENAD I (2006) como principal indicador de consumo pesado.
Beber Pesado Episódico (Heavy Episodic Drinking)	Europa OMS (Organização Mundial da Saúde) EMCDDA/EUDA (Observatório Europeu de Drogas e Toxicodependências)	Ingestão de 60 g ou mais de etanol puro em uma única ocasião (≈ 6 doses-padrão de 10 g cada)	Critério baseado em quantidade, sem tempo determinado. Incorporado no LENAD II (2012) e adotado em relatórios globais da OMS
Consumo Episódico Pesado	Ministério da Saúde (Brasil), 2024	Ingestão de 60 g ou mais de álcool em uma mesma ocasião, sem delimitação temporal específica (considera dose-padrão de 10g)	Definição oficial do Ministério da Saúde. Alinha-se ao conceito da OMS (HED)

Indicador sobre o impacto da pandemia:

Tendo em vista que a coleta de dados da terceira edição do LENAD ocorreu logo após as restrições impostas pela COVID-19, optou-se por incluir uma questão sobre o consumo antes da pandemia. A inserção do novo indicador foi motivada pelo reconhecimento de que o ano de 2022 foi um período atípico, marcado pelo recente distanciamento social, que poderia afetar as estimativas sobre comportamentos sociais, impactando a interpretação dos dados. Buscando atenuar o viés existente nesse contexto criou-se o novo indicador, no intuito de investigar o padrão de uso das substâncias

investigadas no ano imediatamente anterior à pandemia. Para definir como essa pergunta poderia ser feita de forma a minimizar vieses de percepção do tempo ou outros vieses de memória, a nova questão foi analisada através de entrevistas cognitivas e posteriormente validada durante as coletas piloto do LENAD. A versão final da questão, validada através da análise dos resultados qualitativos e da aplicação piloto foi:

O seu consumo de bebidas alcoólicas mudou com a pandemia da COVID-19 (a partir de março de 2020)?

Como você acredita que seu consumo mudou?

Diagnóstico do Transtorno por Uso de Álcool (TUA) no LENAD III

Diagnóstico de TUA através da Escala AUDIT: A Escala AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test, em português Teste de Identificação de Distúrbios por Uso de Álcool) é um instrumento desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde⁶ e validada no Brasil⁷ para rastreamento de padrões de uso de risco, uso nocivo e possível dependência de álcool em diferentes contextos populacionais. A escala é composta por 10 itens, avaliando a frequência e quantidade de consumo, sinais de perda de controle, sintomas de dependência e consequências adversas do uso. Cada item é pontuado de 0 a 4, gerando um escore total de 0 a 40 pontos: pontuações de 8 ou mais sugerem consumo de risco, enquanto valores mais elevados indicam maior probabilidade de uso nocivo ou dependência^(8,9).

Por ser amplamente utilizada em inquéritos populacionais, serviços de saúde e contextos clínicos e reconhecida internacionalmente como um dos instrumentos mais sensíveis e específicos para o rastreamento de transtornos relacionados ao álcool⁶, a escala AUDIT foi inserida na terceira edição do LENAD como um componente central do inquérito. O rastreamento de padrões de consumo de risco através da AUDIT foi aplicado a todos os participantes da amostra (n=16.608), permitindo estimativas de alcoolismo representativas em nível nacional. Contudo, por ter sido incluída apenas na última edição do levantamento, os indicadores derivados do AUDIT não podem ser comparados às séries históricas anteriores.

Diagnóstico de TUA através da entrevista CIDI: O protocolo CIDI (Composite International Diagnostic Interview) é uma entrevista diagnóstica estruturada desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS)^(11, 12) e validada no Brasil² para a avaliação de transtornos mentais e comportamentais em inquéritos populacionais¹³. O rastreamento de alcoolismo através do protocolo CIDI¹⁵ contempla três eixos principais: (i) padrões de consumo (frequência, quantidade e contexto do uso), (ii) sintomas associados (comportamentos e problemas relacionados ao uso, alinhados aos critérios diagnósticos do DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição)¹⁴ e CID), e (iii) consequências funcionais (impacto no funcionamento social, ocupacional e físico). As perguntas, estruturadas em formato fechado e situacional, capturam experiências e comportamentos nos últimos 12 meses e ao longo da vida. Os critérios são explorados por meio de perguntas fechadas e situacionais, que buscam capturar experiências e comportamentos nos últimos 12 meses e ao longo da vida.

Com base nas respostas, o diagnóstico de TUA é classificado em três níveis de gravidade, de acordo com a quantidade de critérios preenchidos.

Tabela 1 - Níveis de Gravidade do Transtorno pelo Uso de Álcool Segundo Entrevista CIDI.

Critérios CIDI	Classificação de Transtorno por Uso de Álcool (TUA)
2 a 3 critérios	Dependência leve
4 a 5 critérios	Dependência moderada
≥ 6 critérios	Dependência grave

No LENAD, o CIDI foi aplicado em todas as edições, permitindo a obtenção de indicadores de Transtorno por Uso de Álcool (TUA) comparáveis ao longo da série histórica. Todavia, diante da extensão do instrumento, o módulo CIDI foi aplicado à subamostra de 4.914 participantes, essa estratégia que permitiu equilibrar profundidade diagnóstica e viabilidade operacional

1. Kessler, R. C., & Üstün, T. B. (2004). The World Mental Health (WMH) Survey Initiative Version of the World Health Organization (WHO) Composite International Diagnostic Interview (CIDI). *Int J Methods Psychiatr Res*, 13(2), 93-121. doi:10.1002/mpr.168

2. Andrade, L., Silveira, C. M., & Gentil, V. (2001). Validação da entrevista semi-estruturada CIDI (composite international diagnostic interview) tendo o SCAN (schedule for clinical assesment in neuropsychiatry) como padrão-ouro: sintomas e transtornos depressivos. In *Anais* (p. 327). Recife: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

Tabela 2 - Indicadores investigados do inquérito

Questões originais dos módulos de consumo de álcool e problemas relacionados e comparabilidade entre edições do LENAD:

Módulos	Indicadores/Variáveis	LENAD I (2006)	LENAD II (2012)	LENAD III (2006)
Módulos Padrão de consumo de bebidas alcoólicas	Marcadores de consumo (vida, ano, mês)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Frequência	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Número de doses	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Tipo de doses	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Idade de início de uso	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Indicadores de Problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas	Binge (4 ou 5 doses /2h)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Consumo pesado episódico (6 doses/ocasião)		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Transtorno pelo Uso de Álcool (TUA) / CIDI - DSM-IV	<input checked="" type="checkbox"/>		
	Transtorno pelo Uso de Álcool TUA / CIDI- DSM-V		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Abuso/Risco (AUDIT)			<input checked="" type="checkbox"/>
	Emergência devido ao uso			<input checked="" type="checkbox"/>
Tratamento relacionado ao uso de álcool	Motivação para cessar			<input checked="" type="checkbox"/>
	Acesso a serviços			<input checked="" type="checkbox"/>
	Uso de serviços		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Tipo de tratamento		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Políticas regulatórias e crenças normativas	Aceitação de regulação	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Propaganda álcool	<input checked="" type="checkbox"/>		
	Crenças normativas			<input checked="" type="checkbox"/>
Beber e dirigir	Frequência			<input checked="" type="checkbox"/>
	Aceitação regulação			<input checked="" type="checkbox"/>
	Fiscalização, acidentes		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Carona, bafômetro		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Acesso e regulação	Disponibilidade	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Acessos por menores	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
	Preço abaixo do mercado			<input checked="" type="checkbox"/>
	Compra aplicativos			<input checked="" type="checkbox"/>

O presente caderno apresentará os resultados referentes aos indicadores de consumo relacionados ao padrão de uso e indicadores de problemas relacionados. Os demais indicadores investigados no LENAD III serão apresentados em cadernos temáticos específicos.

3.4.1 Análise dos Dados

Foram estimadas as prevalências e seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%), calculados pelo método linearizado de Taylor, adequado para amostragens complexas. As estimativas foram apresentadas em percentuais ponderados, de modo a refletir a distribuição da população brasileira com 14 anos ou mais, conforme os pesos amostrais calibrados.

Considerando o delineamento amostral complexo — estratificado e por conglomerados em múltiplos estágios —, todas as análises levaram em conta os efeitos do desenho, de forma a garantir a representatividade das estimativas tanto para a amostra total quanto para os principais estratos de interesse.

Para estimar as diferenças entre as três edições (2006, 2012 e 2023) os dados foram combinados em um único banco de dados, padronizados e harmonizados para que seus valores e rótulos fossem categorizados identicamente. Uma nova variável foi criada para identificar o banco de origem, possibilitando comparações entre as edições do inquérito.

Considerações metodológicas sobre a interpretação das edições históricas do LENAD:

Embora a repetição metodológica entre as edições assegure a comparabilidade dos dados, é importante ressaltar que, embora seja possível realizar análises de tendências para caracterizar direção e consistência dos padrões observados, deve-se ponderar a existência de um intervalo de 11 anos entre as duas últimas edições. A grande distância temporal entre as edições é uma limitação importante e interpretações sobre tendências devem ser feitas com cautela.

As comparações entre grupos foram realizadas por meio do teste do qui-quadrado de Pearson, com correção de Rao-Scott, apropriado para dados provenientes de amostragens complexas, a fim de testar a associação entre variáveis categóricas.

Todas as análises estatísticas foram conduzidas no software StataSE 18, onde os dados foram previamente declarados com `svyset` e os comandos estatísticos executados com o prefixo `“svy:”` que ativa, no Stata, o framework de amostragens complexas. Detalhes sobre os procedimentos de ponderação podem ser consultados no Survey Data Reference Manual do Stata [stata.com](http://www.stata.com)⁽¹⁶⁾.

As projeções das estimativas amostrais ponderadas para números absolutos da população brasileira são metodologicamente válidas e foram reportadas conforme relevância e quando os intervalos de confiança de 95% eram suficientemente estreitos, indicando baixa variabilidade amostral e maior precisão estatística.

Mais detalhes metodológicos sobre o LENAD podem ser acessados no Caderno Metodológico da pesquisa acessando o link abaixo:



4

Resultados LENAD III Módulo Temático Álcool

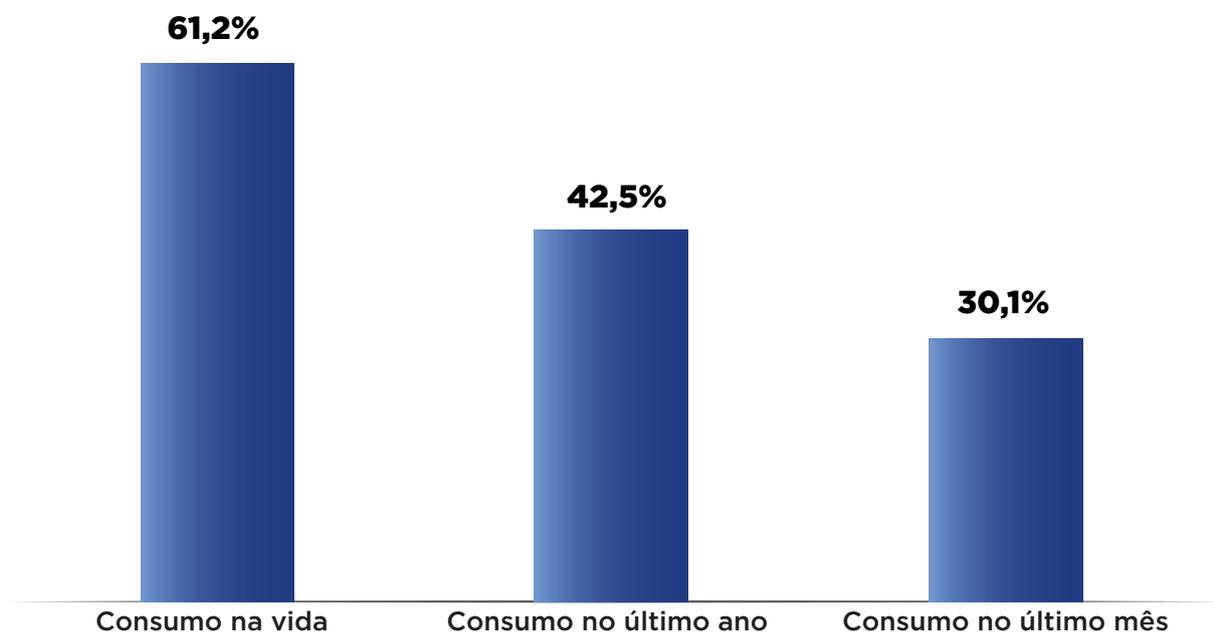


4. Resultados LENAD III

4.1 O Consumo de Bebidas Alcoólicas na População Brasileira

De acordo com os resultados do LENAD III (2023), 61,2% (IC95%: 59,2-63,1) da população brasileira com 14 anos ou mais relataram ter consumido algum tipo de bebida alcoólica em algum momento da vida. O consumo recente, medido pelo uso no último ano, foi referido por 42,5% da população, que equivale a cerca de 86,3 milhões de brasileiros. Já o consumo no último mês, marcador de uso ativo e contínuo, foi reportado por 30,1% (IC95%: 28,7-31,5) dos entrevistados, representando 61,1 milhões de pessoas.

Gráfico 1 - Prevalências dos indicadores relacionados ao consumo de álcool na população brasileira com 14 anos ou mais. LENAD III, 2023..



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);

Amostra total LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.1.1 Estratificação Sociodemográfica de Consumo de Álcool

Na população total com 14 anos ou mais, o consumo de álcool varia de forma consistente segundo sexo, faixa etária, raça/cor, escolaridade, estado civil e renda.

A população do sexo masculino apresentou as maiores prevalências em todos os indicadores: 71,6% já beberam pelo menos uma vez na vida, 55,4% relataram consumo no último ano e 39,3% no último mês, sempre em patamares superiores aos observados na população do sexo feminino (51,4%, 33,1% e 21,4%, respectivamente).

Na análise por faixa etária, os adultos de 25 a 49 anos concentraram as maiores prevalências de consumo na vida (69,7%), enquanto o uso recente foi mais frequente entre jovens de 18 a 24 anos (53,1% no último ano e 35,3% no último mês).

Tabela 3 - Prevalências dos indicadores relacionados ao consumo de álcool para a população total segundo variáveis sociodemográficas. LENAD III, 2023

	CONSUMO NA VIDA			CONSUMO NO ÚLTIMO ANO			CONSUMO NO ÚLTIMO MÊS		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Sexo									
Masculino	71,6	69,5	73,5	52,6	50,4	54,8	39,3	37,2	41,4
Feminino	51,4	49,1	53,8	33,1	31,1	35,1	21,4	19,9	23,1
Faixa etária (anos)									
14-17	27,6	25,3	30,1	19,1	17,3	21,1	10,4	9,1	11,8
18-24	66,0	62,8	69,1	53,1	49,8	56,4	35,3	31,9	38,8
25-49	69,7	67,4	71,8	51,0	48,8	53,2	36,9	35,0	38,8
50-64	60,0	57,2	62,7	38,3	35,8	41,0	27,9	25,8	30,0
65 ou mais	45,7	42,5	48,9	20,7	18,6	22,9	14,4	12,9	16,1
Raça/cor									
Branca	61,5	58,8	64,2	45,3	42,7	48,0	32,5	30,3	34,7
Preta	61,1	58,0	64,2	41,5	38,2	44,8	28,8	26,4	31,6
Amarela	58,2	52,1	64,2	38,8	32,2	45,8	26,3	21,0	32,3
Parda	61,3	59,2	63,4	41,7	39,9	43,6	29,7	28,0	31,4
Indígena	62,5	54,0	70,2	32,6	25,0	41,4	22,7	16,3	30,6

Escolaridade	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Iletrado / Não frequentou a escola	45,3	40,2	50,5	18,5	15,2	22,4	11,8	9,0	15,2
Fundamental completo	55,8	53,7	58,0	34,4	32,7	36,2	24,5	23,0	26,0
Ensino médio completo ou incompleto	63,5	61,4	65,6	47,5	45,5	49,6	33,4	31,6	35,2
Ensino superior ou mais	69,2	66,1	72,1	52,0	48,7	55,3	37,1	34,1	40,3
Estado civil	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Solteiro(a)	59,8	57,6	62,0	44,3	42,2	46,4	31,0	29,2	32,8
Casado(a)	66,7	64,5	68,9	44,1	41,9	46,4	32,0	30,0	34,2
Viúvo(a)	36,7	32,9	40,6	20,4	17,6	23,4	12,4	10,5	14,6
Divorciado(a)/ separado(a)	60,2	55,2	64,9	41,3	37,2	45,6	28,6	25,5	31,9
Renda mensal domiciliar	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Até R\$ 1.212,00 (1 SM - Salário Mínimo)	52,3	49,9	54,8	32,8	42,2	46,4	31,0	29,2	32,8
Mais de R\$1.212,01 (1 SM) a R\$2.424,00 (2 SM)	60,5	58,1	62,8	38,9	36,9	41,0	26,8	24,8	28,9
Mais de R\$2.424,01 (2 SM) a R\$3.636,00 (3 SM)	63,5	60,2	66,6	47,1	44,1	50,2	34,6	32,0	37,3
Mais de R\$3.636,01 (3 SM)	72,4	69,5	75,1	55,0	52,1	57,9	40,6	37,8	43,4

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra total LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

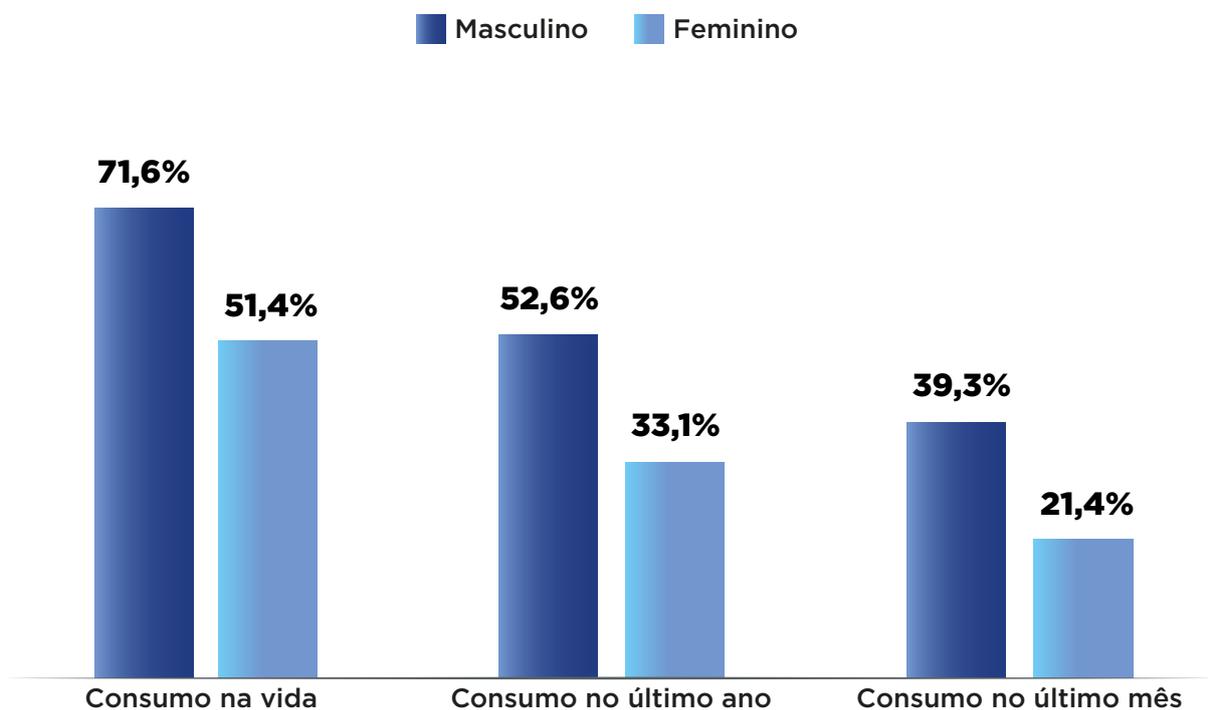
A análise do consumo de álcool segundo raça/cor, conforme classificação do IBGE, mostra que a experimentação ao longo da vida é semelhante entre brancos (61,5%) e o conjunto de pretos e pardos (61,2%). Contudo, no consumo recente observam-se diferenças: no último ano, a prevalência foi de 45,3% entre brancos frente a 41,6% entre pretos e pardos, enquanto no último mês esses valores foram de 32,5% e 29,3%, respectivamente. A população indígena apresentou prevalência semelhante no consumo na vida (62,5%), mas menores no uso recente (32,6% no último ano e 22,7% no último mês). Entre a população amarela, as estimativas foram de 58,2% para consumo na vida, 38,8% no último ano e 26,3% no último mês; entretanto, esses resultados devem ser interpretados com cautela devido ao reduzido número de observações na amostra.

Os resultados evidenciam um gradiente educacional claro no consumo de álcool, onde quanto maior a escolaridade, maior a prevalência do consumo de álcool. Entre aqueles que nunca frequentaram a escola, menos da metade já havia consumido bebidas alcoólicas alguma vez na vida (45,3%), e as prevalências de uso recente foram bastante reduzidas, com 18,5% no último ano e 11,8% no último mês. À medida que a escolaridade aumenta, observam-se prevalências progressivamente mais altas. Entre pessoas com ensino fundamental completo, 55,8% já haviam consumido álcool, 34,4% relataram uso no último ano e 24,5% no último mês. Esse padrão se intensifica no grupo com ensino médio completo ou incompleto (63,5% na vida, 47,5% no último ano e 33,4% no último mês) e atinge os níveis mais elevados entre aqueles com ensino superior ou mais, com 69,2% de consumo na vida, 52,0% no último ano e 37,1% no último mês.

Não se observaram variações expressivas de prevalência segundo estado conjugal na população com 14 anos ou mais. As menores prevalências foram registradas entre viúvos, o que pode estar relacionado ao perfil etário desse grupo, majoritariamente composto por indivíduos mais velhos, entre os quais o consumo de álcool tende a ser menos frequente.

Quanto à renda, observa-se um claro gradiente: entre indivíduos com até um salário-mínimo, pouco mais da metade já havia consumido álcool alguma vez (52,3%), enquanto entre aqueles com renda domiciliar superior a três salários-mínimos a proporção chegou a 72,4%, o equivalente a quase três em cada quatro. O consumo no último ano acompanhou essa tendência, variando de 32,8% no grupo de menor renda para 55,0% no de maior renda, e o mesmo se verificou para o consumo no último mês (21,6% e 40,6%, respectivamente)

Gráfico 2 - Prevalências de indicadores relacionados ao consumo de álcool na população brasileira, segundo sexo. LENAD III, 2023.

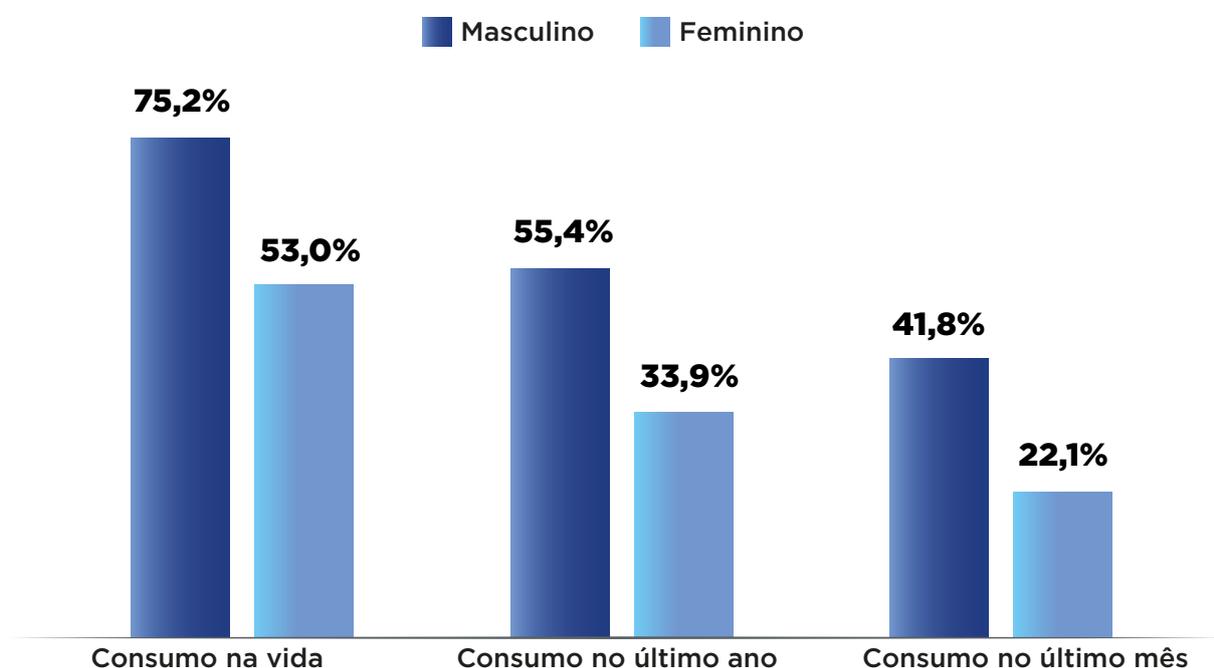


Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);
Amostra total LENAD III N = 16.595
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.2 Consumo de Bebidas Alcoólicas entre adultos

Os resultados do LENAD III apontam que quase dois terços da população brasileira com 18 anos ou mais já consumiram álcool em algum momento da vida (63,7%), o que corresponde a aproximadamente 108 milhões de pessoas. O consumo no último ano foi relatado por 44,2% da população, equivalente a cerca de 75 milhões, enquanto menos de um terço (31,6%) declarou ter consumido bebidas alcoólicas no mês anterior à pesquisa, cerca de 53 milhões de adultos.

Gráfico 3 - Prevalência de indicadores de consumo de álcool para a população de adultos e segundo sexo. LENAD III, 2023



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);

Amostra população adulta LENAD III N = 13.576

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

As diferenças entre os sexos são consistentes para todos os recortes temporais de consumo na população adulta. Durante a vida, aproximadamente três em cada quatro indivíduos do sexo masculino (75,2%) relataram já ter experimentado álcool, o que corresponde a cerca de 64 milhões de pessoas, em contraste com pouco mais da metade da população do sexo feminino (53,0%), equivalente a 44 milhões. No último ano, mais da metade dos homens (55,4%, ou 47 milhões) declararam consumo, enquanto entre as mulheres a prevalência foi de 33,9% (28 milhões).

Tabela 4 - Prevalências dos indicadores relacionados ao consumo de álcool para a população de adultos e segundo sexo. LENAD III, 2023

	TOTAL			ADULTO			ADOLESCENTE		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Consumo na Vida	63,7	61,7	65,6	75,2	73,1	77,2	53,0	50,6	55,3
Consumo no último ano	44,2	42,4	46,1	55,4	53,1	57,7	33,9	31,8	36,0
Consumo no último mês	31,6	30,1	33,0	41,8	39,5	44,0	22,1	20,5	23,8

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);
 Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
 Amostra população adulta LENAD III N = 13.576
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.2.1 Estratificação por Macrorregião Brasileira entre Adultos

As prevalências de consumo de álcool na população adulta variaram entre 60,7% no Norte e 71,4% no Sul. Observa-se relativa homogeneidade entre as cinco macrorregiões para o consumo na vida, mas diferenças mais expressivas surgem nos indicadores de uso recente — consumo no último ano e no último mês. De modo consistente, a região Norte apresentou as menores prevalências (60,7% na vida, 38,8% no ano e 23,4% no mês), enquanto o Sul concentrou os valores mais elevados (71,4%, 53,5% e 39,6%, respectivamente).

Tabela 5 - Prevalências dos indicadores relacionados ao consumo de álcool para a população de adultos segundo macrorregiões brasileiras. LENAD III, 2023

CONSUMO VIDA	TOTAL			MASCULINO			FEMININO		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Norte	60,7	56,0	65,1	71,5	67,3	75,3	50,0	43,5	56,5
Nordeste	62,1	58,5	65,6	75,6	72,0	78,9	49,6	45,2	54,1
Centro Oeste	70,1	65,8	74,1	84,8	80,2	88,4	56,0	50,9	61,1
Sudeste	61,4	57,6	65,2	72,8	68,8	76,6	50,9	46,4	55,5
Sul	71,4	67,3	75,2	78,0	72,8	82,5	65,1	60,9	69,0

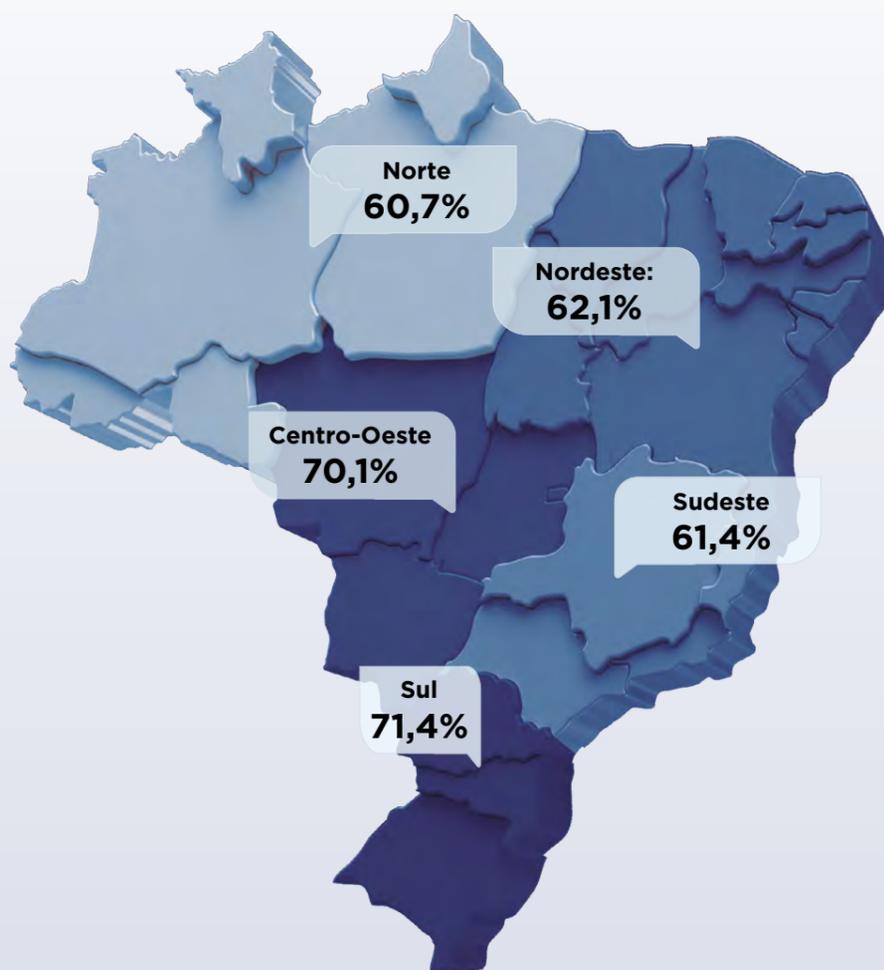
CONSUMO ANO	TOTAL			MASCULINO			FEMININO		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Norte	38,8	34,7	43,0	49,4	43,2	55,6	28,5	23,5	34,0
Nordeste	39,2	36,1	42,4	51,8	48,2	55,3	27,8	24,0	32,0
Centro Oeste	53,0	48,4	57,4	65,4	58,6	71,6	41,0	36,4	45,8
Sudeste	43,7	40,3	47,1	54,8	50,4	59,0	33,6	30,0	37,4
Sul	53,5	49,7	57,2	62,0	57,3	66,5	45,3	41,6	49,0
CONSUMO MÊS	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Norte	23,4	19,3	28,0	29,0	22,5	36,6	17,8	13,6	23,0
Nordeste	28,0	25,5	30,7	39,0	35,8	42,4	18,0	14,3	22,1
Centro Oeste	38,3	33,7	43,2	50,4	43,9	57,0	26,4	22,2	31,1
Sudeste	31,3	28,9	33,9	41,7	37,6	45,9	21,9	19,5	24,5
Sul	39,6	36,1	43,2	49,1	44,3	54,0	30,4	27,1	34,0

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);
Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
Amostra população adulta LENAD III N = 13.576
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

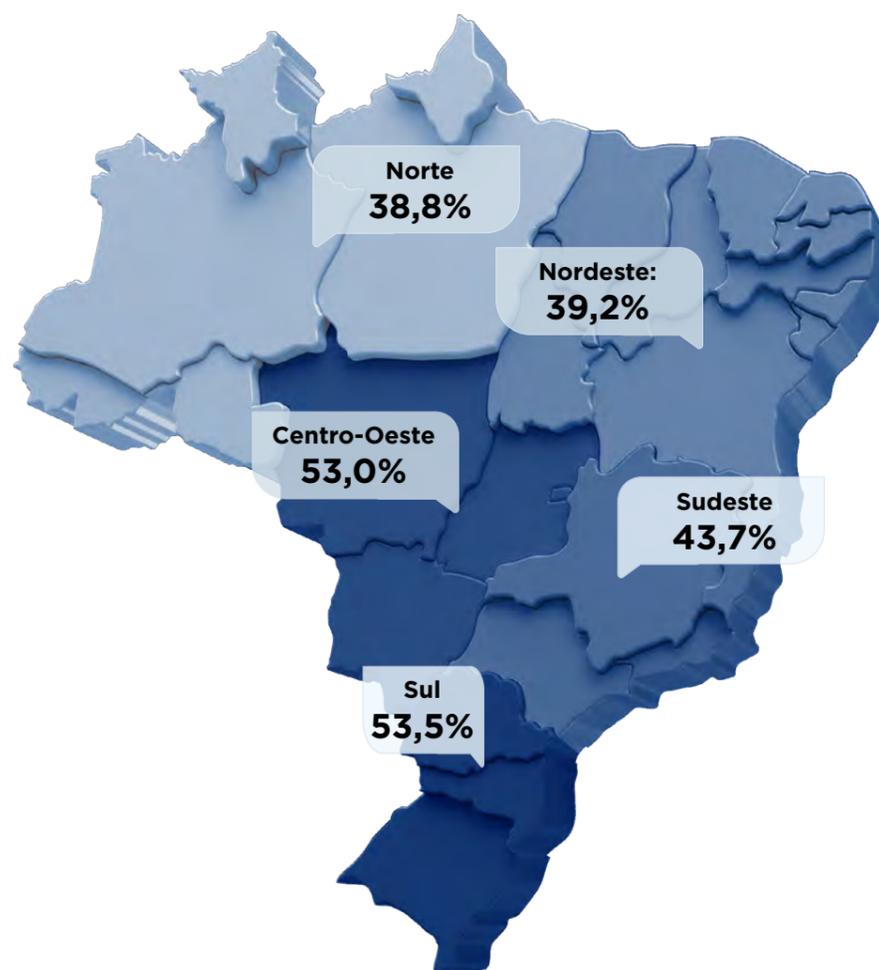
As análises comparativas entre os sexos confirmam que as diferenças são estatisticamente significativas em todas as regiões do país e para todos os indicadores de consumo avaliados — consumo na vida, no último ano e no último mês —, com valores de $p < 0,001$ na maioria dos testes e $p = 0,0187$ apenas no Norte para o consumo no último mês. As maiores disparidades no consumo na vida foram observadas no Centro-Oeste (84,8% entre homens e 56,0% entre mulheres; $p < 0,001$), seguido de perto pelo Nordeste e Norte, ambos com diferenças superiores a 20 pontos percentuais, enquanto o Sul apresentou a menor diferença (78,0% vs. 65,1%; $p < 0,001$). No consumo no último ano, o padrão se repetiu, com o Centro-Oeste registrando a diferença mais acentuada (50,5% vs. 26,4%; $p < 0,001$) e o Sul novamente a menor (62,0% vs. 45,3%; $p < 0,001$). Já no consumo no último mês, as desigualdades permanecem significativas em todas as regiões, com destaque para o Centro-Oeste (50,4% vs. 26,4%; $p < 0,001$) e para o Sul (47,5% vs. 25,8%; $p < 0,001$); no Norte, embora a diferença também tenha sido clara (49,1% vs 30,4%), o nível de significância foi menos robusto ($p = 0,0187$), possivelmente por questões de tamanho amostral. De forma geral observa-se que, no que tange ao consumo mais recente, a região Centro -Oeste possui os maiores índices entre homens enquanto o Sul apresenta a maior proporção de consumidoras do sexo feminino.

Gráfico 4 - Prevalências dos indicadores de consumo de álcool estratificado por macrorregiões brasileiras. LENAD III, 2023

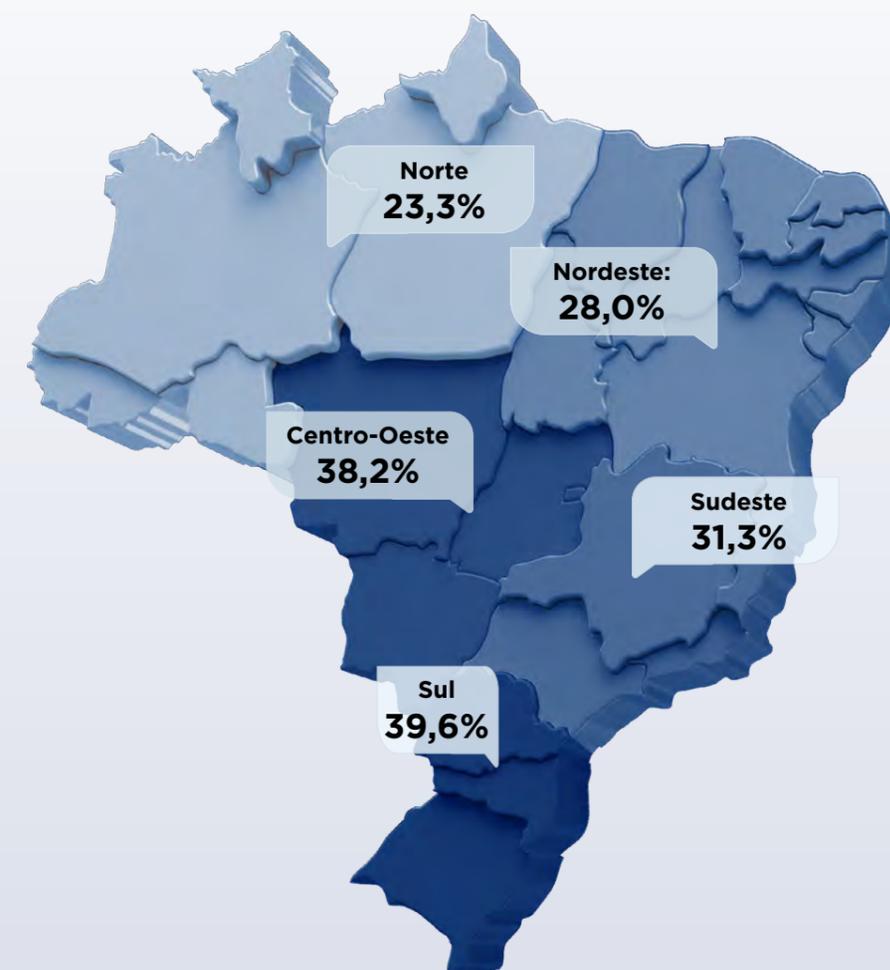
ÁLCOOL - ADULTOS CONSUMO NA VIDA



CONSUMO NO ÚLTIMO ANO



CONSUMO NO ÚLTIMO MÊS



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy)
Amostra população adulta LENAD III Norte N= 1001 Nordeste N=4407 Centro-Oeste N=893
Sudeste N=4976 Sul N= 2299
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.2.2 Padrão de Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Adultos

A cerveja é a bebida alcoólica mais consumida entre os adultos, sendo a preferência de 73,5% dos bebedores (IC95%: 70,9-75,9). Em seguida aparece o vinho, escolhido por 22,2% (IC95%: 19,4-25,3), e os destilados em geral, referidos por 19,4% (IC95%: 17,3-21,7). A quantidade média de doses de álcool ingeridas em um dia típico de consumo constitui um indicador relevante para caracterizar a intensidade do uso entre os bebedores e monitorar mudanças nos padrões de ingestão ao longo do tempo. Diferentemente do consumo episódico elevado, que pode estar sujeito a vieses de relato vinculados a situações sociais específicas ou à recordação de episódios pontuais, a média de doses em um “dia normal” reflete de maneira mais estável e consistente o padrão habitual de consumo.

Figura 7 - Consumo de bebidas alcoólicas no Brasil, preferência e intensidade de consumo entre adultos.



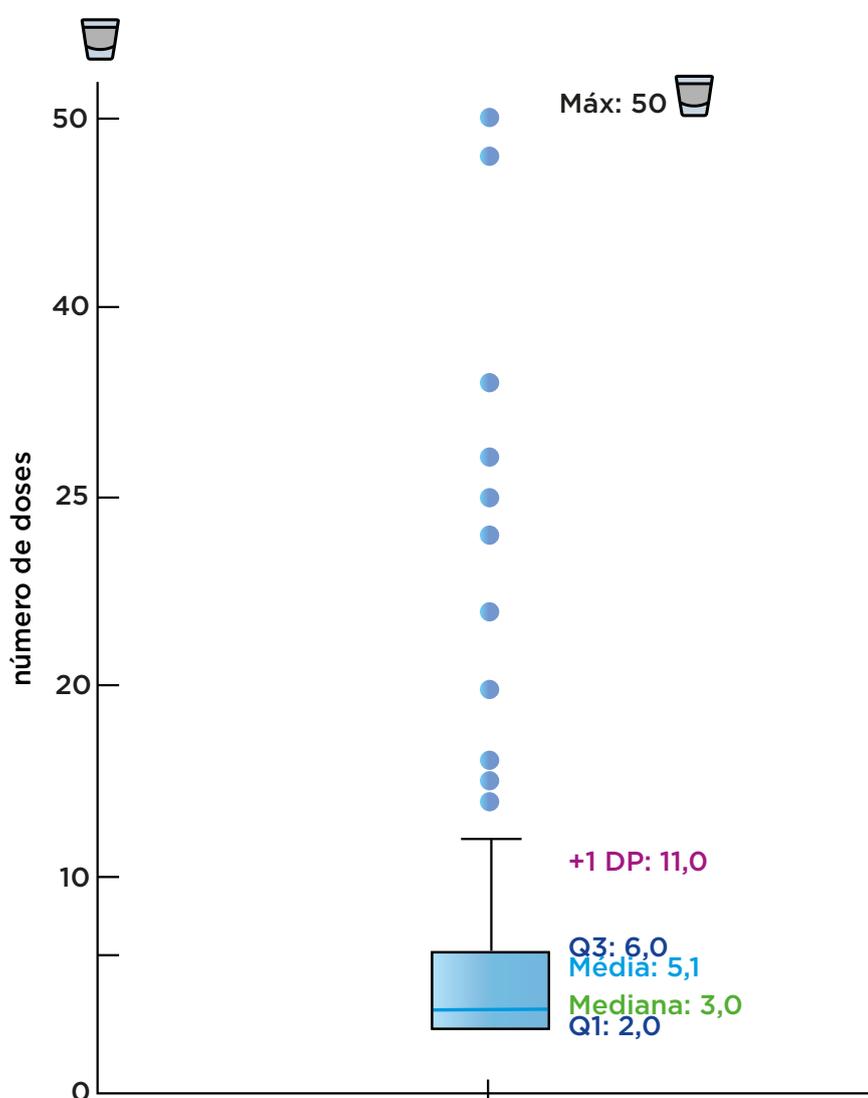
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra população adulta LENAD III N=16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Entre os adultos, o número de doses consumidas em um dia típico apresentou uma distribuição assimétrica, com média de 5,3 doses (IC95%: 5,0-5,5), enquanto a mediana de 3 doses indica que metade da população consome até esse valor. A dispersão é elevada, com desvio-padrão de 6,4 e variância de 40,7, refletindo a presença de consumidores em padrões extremos. O intervalo interquartil (Q1=2; Q3=6) mostra que 50% da população adulta consome entre 2 e 6 doses, mas a cauda longa da distribuição eleva a média, evidenciando assimetria marcada pelo consumo muito elevado de uma parcela menor de indivíduos.

Gráfico 5 - Medidas de dispersão de doses consumidas em um dia normal na população adulta.



4.2.2.1 Consumo Pesado de Bebidas Alcoólicas entre Adultos

Conforme já descrito na seção do método, o LENAD investiga dois indicadores de consumo pesado, oferecendo diferentes perspectivas sobre a forma como o álcool é consumido e que permitem identificar situações de maior risco para a saúde e para o comportamento social. O chamado consumo em binge está diretamente relacionado à ingestão rápida de uma quantidade de doses suficientes para elevar a concentração de álcool no sangue a 0,08 g/dL ou mais. Já o consumo pesado episódico corresponde à ingestão de seis ou mais doses sem uma definição precisa de tempo. Enquanto o binge costuma estar ligado a contextos sociais, o consumo pesado episódico mede a intensidade do beber em qualquer ocasião, podendo envolver também ambientes domésticos.

BEBER EM “BINGE”

Os resultados do LENAD III apontaram que aproximadamente 24 milhões de pessoas relataram episódios de binge drinking no último ano, o que equivale a 14,2% da população adulta, ou seja, um em cada sete indivíduos. Essa proporção corresponde a quase um terço dos bebedores (32,3%). As diferenças entre os sexos são expressivas: mais de um terço dos bebedores do sexo masculino (35,7%) relatou consumir dessa forma, enquanto entre as bebedoras a prática atingiu pouco mais de um quarto (26,8%). Considerando a população total, 19,8% dos adultos do sexo masculino, cerca de 16,1 milhões de pessoas, relataram binge drinking, em contraste com 9,0% dos adultos do sexo feminino, aproximadamente 7,9 milhões.

Tabela 6 - Prevalências dos indicadores de beber em binge no último ano, na população adulta e entre bebedores, estratificado por sexo

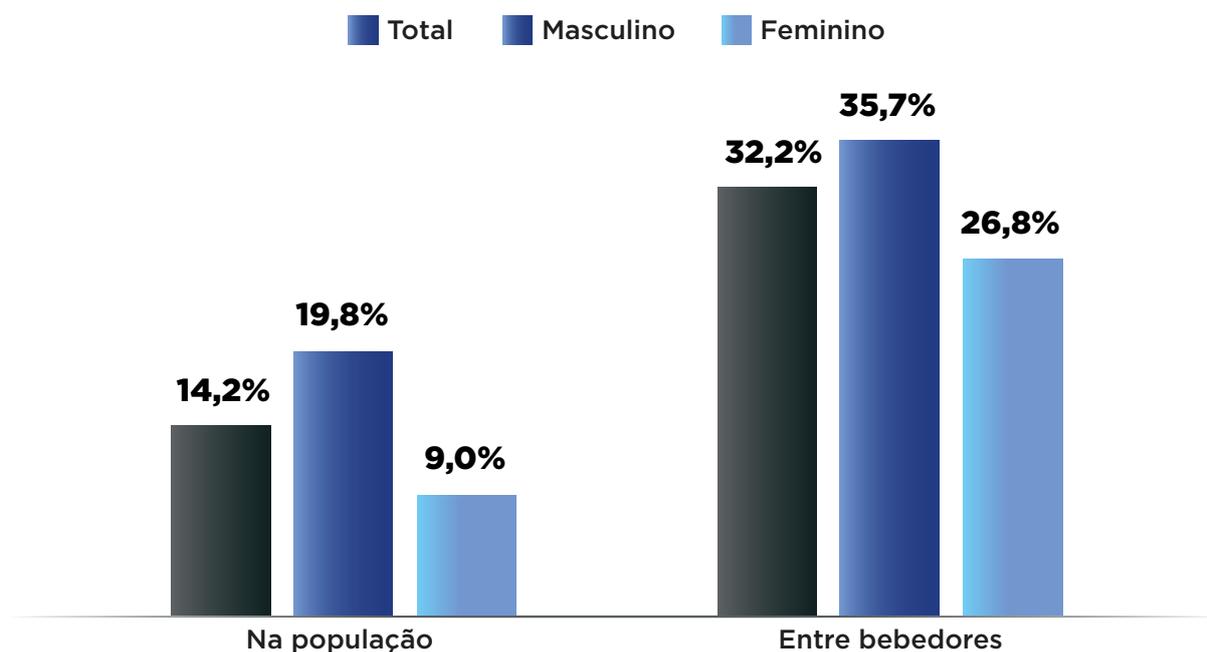
	NA POPULAÇÃO			ENTRE BEBEDORES		
	%	IC 95%		%	IC 95%	
Total	14,2	13,0	15,5	32,3	30,1	34,5
Masculino	19,8	17,8	22,0	35,7	32,8	39,0
Feminino	9,0	8,1	10,0	26,8	24,5	29,2

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);

Amostras população adulta LENAD III = 13.576; Bebedores (indivíduos adultos que consumiram álcool no último ano) N= 5.067

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Gráfico 6 - Prevalências do consumo em BINGE (4 ou 5 doses em 2 horas) em adultos (população total e entre bebedores), segundo sexo. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostras população adulta LENAD III = 13.576; Bebedores (indivíduos adultos que consumiram álcool no último ano) N= 5.067

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Consumo Pesado Episódico

Mais de um terço da população adulta brasileira apresentou consumo pesado episódico no último ano, segundo o LENAD III. A prevalência de 34,7% equivale a aproximadamente 59 milhões de pessoas com 18 anos ou mais. Esse padrão de consumo é amplamente disseminado entre os bebedores, ocorrendo entre seis a cada dez bebedores (60,3%). Nesse recorte, a diferença entre os sexos diminuiu, mas ainda é expressiva: mais de dois terços dos bebedores do sexo masculino (68,6%) e quase a metade do sexo feminino (47,7%) relataram episódios de consumo pesado.

Tabela 7 - Prevalências dos indicadores de consumo pesado episódico, no último ano, na população total e entre bebedores, estratificado por sexo

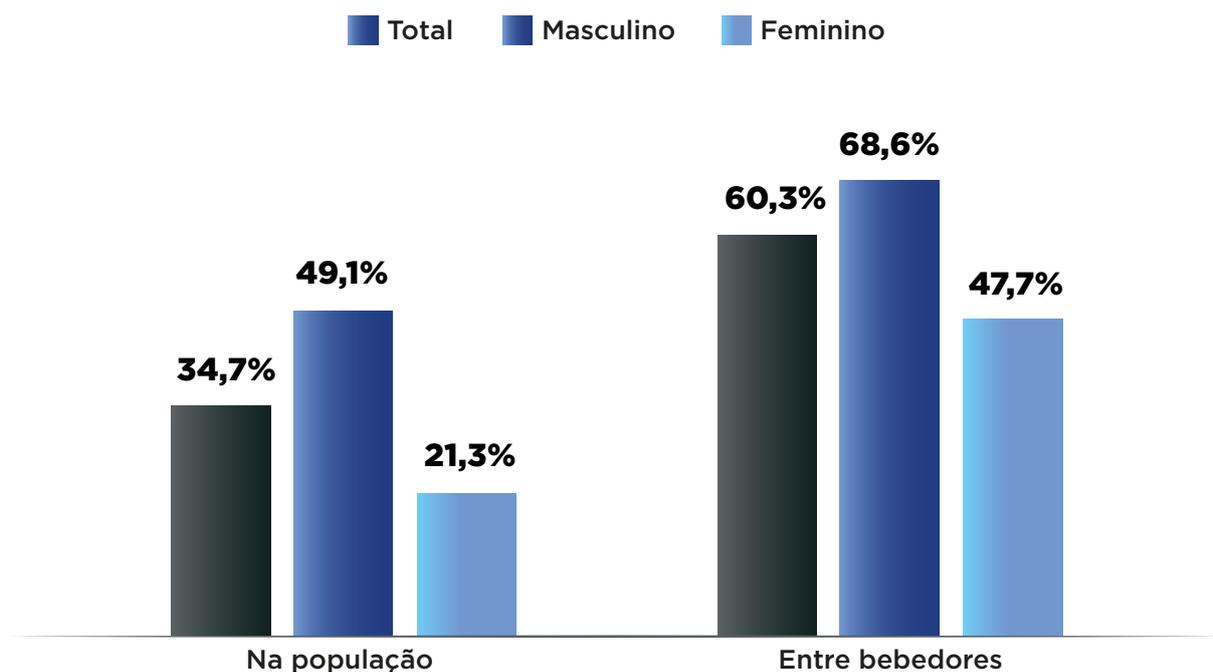
	NA POPULAÇÃO			ENTRE BEBEDORES		
	%	IC 95%		%	IC 95%	
Total	34,7	33,3	36,0	60,3	58,6	62,1
Masculino	49,1	46,9	51,2	68,6	66,5	70,7
Feminino	21,3	20,0	22,6	47,7	45,2	50,2

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);

Amostras população adulta LENAD III = 13.576; Bebedores (indivíduos adultos que consumiram álcool no último ano) N= 5.067

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Gráfico 7 - Prevalências do CONSUMO PESADO EPISÓDICO (6 ou mais doses em uma ocasião) em adultos (população total entre bebedores), segundo sexo. LENAD III, 2023



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostras população adulta LENAD III = 13.576; Bebedores (indivíduos adultos que consumiram álcool no último ano) N= 5.067

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.3 Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Adolescentes

Apesar de a venda e o fornecimento de álcool para menores de 18 anos serem proibidos por lei, o LENAD III identificou que mais da metade da população brasileira (56%; IC95%: 54,5-57,4) experimentou bebidas alcoólicas pela primeira vez antes dos 18 anos de idade e um quarto (25,5%, IC95%: 24,3-26,7) passou a beber regularmente antes da idade estipulada por lei.

Quando questionados sobre “quantos anos tinham quando experimentaram uma bebida alcoólica pela primeira vez?”, a média de idade referida pelos participantes foi de 17,6 (\approx 5,5) anos, com uma grande amplitude de respostas, com indivíduos referindo ter experimentado com apenas 1 ano de idade e casos em que a experimentação ocorreu só aos 70 anos de idade. Já a idade média para o consumo regular foi de 20,5 (\approx 6,8) anos de idade, variando de 6 a 83 anos.

Tabela 8 - Medidas de dispersão da idade de experimentação de bebidas alcoólicas e idade de início de consumo regular. LENAD III, 2023.

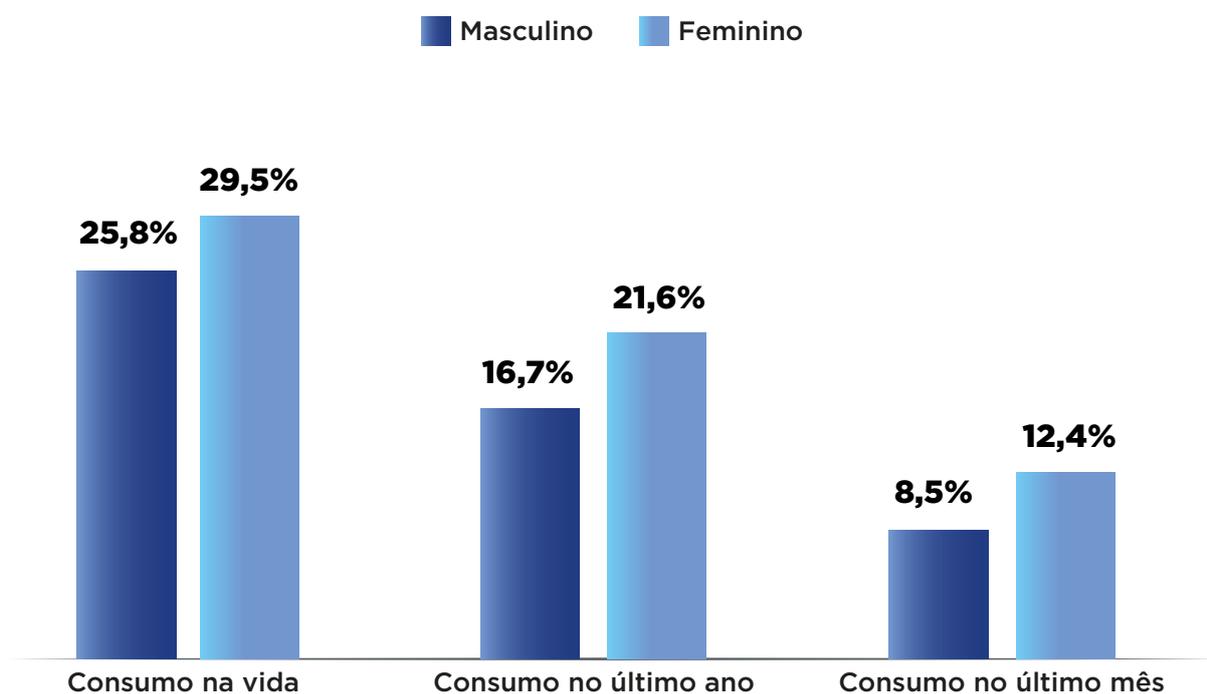
Medida	Idade de Experimentação	Idade de início de Consumo Regular
Média	17,6	20,5
Mediana	17,0	18,0
Desvio Padrão	5,5	6,8
Q1 (25%)	15,0	17,0
Q2 (50%)	17,0	18,0
Q3 (75%)	19,0	22,0
Amplitude	69,0	77,0
Amplitude Interquartilica	4,0	5,0

Amostra LENAD III - Indivíduos que já consumiram bebidas alcoólicas pelo menos 1 vez vida N= 8.539
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Os resultados do LENAD III demonstram que, na adolescência, o início do contato com o álcool ocorre de forma mais frequente entre o sexo feminino, configurando uma inversão temporária do padrão observado na população adulta, em que o sexo masculino apresenta prevalências sistematicamente mais altas de consumo em todos os recortes temporais.

Pouco mais de um quarto dos adolescentes brasileiros de 14 a 17 anos já consumiram álcool em algum momento da vida (27,6%), o que corresponde a aproximadamente 3,2 milhões de pessoas nessa faixa etária. O consumo no último ano foi relatado por 19,1% dos adolescentes, equivalente a cerca de 2,2 milhões, enquanto apenas um em cada dez (10,4%) declarou ter consumido bebidas alcoólicas no mês anterior à pesquisa, cerca de 1,2 milhão de adolescentes.

Gráfico 8 - Prevalências dos indicadores de consumo entre adolescentes, segundo sexo. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Ao observar a distribuição por sexo, as adolescentes do sexo feminino apresentaram prevalências mais elevadas em todos os recortes temporais. No consumo ao longo da vida, 29,5% já haviam experimentado álcool, frente a 25,8% dos adolescentes do sexo masculino, diferença estatisticamente significativa de acordo com o teste qui-quadrado corrigido pelo método de Rao-Scott ($p = 0,0482$). O mesmo padrão foi observado no consumo no último ano (21,6% entre adolescentes do sexo feminino versus 16,7% do sexo masculino; $p = 0,0049$) e no último mês (12,4% versus 8,5%; $p = 0,0012$), também estatisticamente significativos.

Tabela 9 - Prevalências dos indicadores de consumo de álcool para a população de adolescentes, segundo sexo

População total adolescentes	Total		Masculino		Feminino	
	%	IC 95%	%	IC 95%	%	IC 95%
Consumo na vida	27,6	25,3 - 30,1	25,8	23,1 - 28,8	29,5	26,4 - 32,8
Consumo no último ano	19,1	17,3 - 21,1	16,7	14,5 - 19,2	21,6	19,0 - 24,4
Consumo no último mês	10,4	9,1 - 11,8	8,5	7,0 - 10,1	12,4	10,5 - 14,6

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);
 Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
 Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

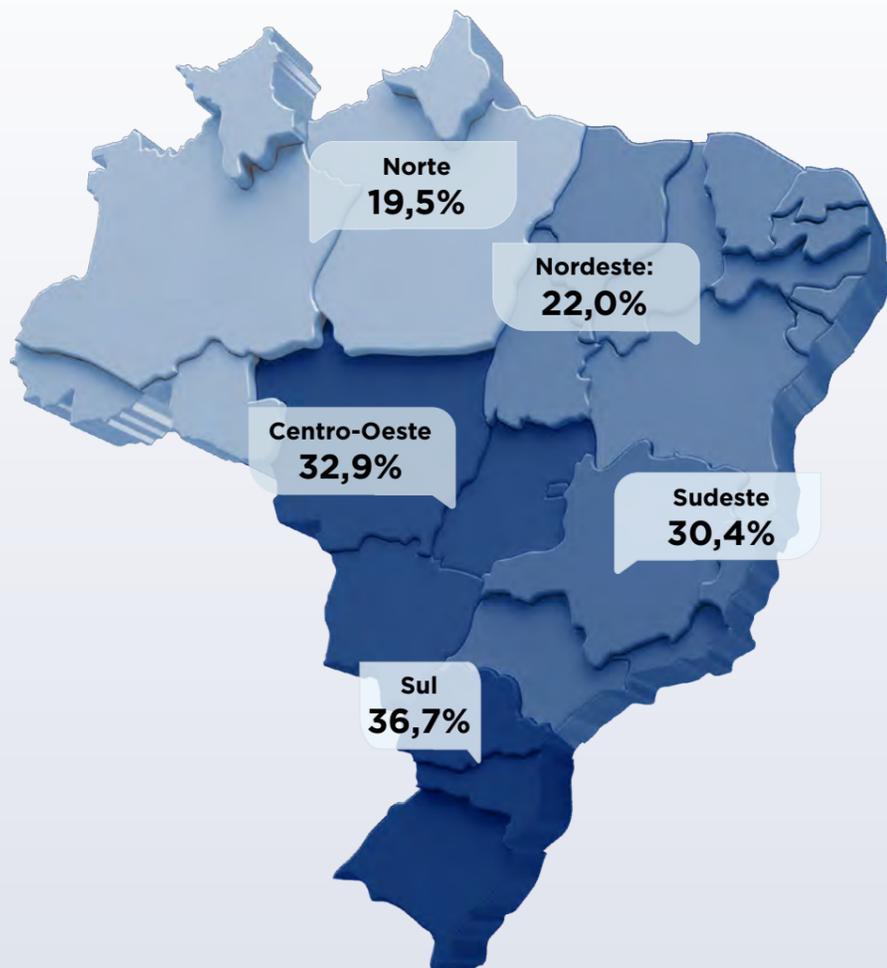
4.3.1 Estratificação por Macrorregiões Brasileiras entre adolescentes

O consumo de álcool entre adolescentes varia de forma importante entre as regiões brasileiras. Ao longo da vida, a prevalência é mais alta no Sul (36,7%) e no Centro-Oeste (32,9%), onde cerca de um terço dos adolescentes já havia experimentado álcool, enquanto no Nordeste (22,0%) e no Norte (19,5%) esse percentual se mantém em torno de um quinto.

No consumo recente, as diferenças regionais entre adolescentes são bastante evidentes. No último ano, as maiores prevalências foram observadas no Centro-Oeste (25,7%) e no Sul (25,1%), seguidas pelo Sudeste (20,9%). Em contraste, Norte (13,3%) e Nordeste (14,8%) apresentaram valores mais baixos, restritos a pouco mais de um décimo dos adolescentes. O mesmo padrão aparece no consumo no último mês: Centro-Oeste (14,4%) e Sul (14,0%) concentram os percentuais mais elevados, enquanto Norte (6,6%) e Nordeste (8,6%) registram as menores prevalências.

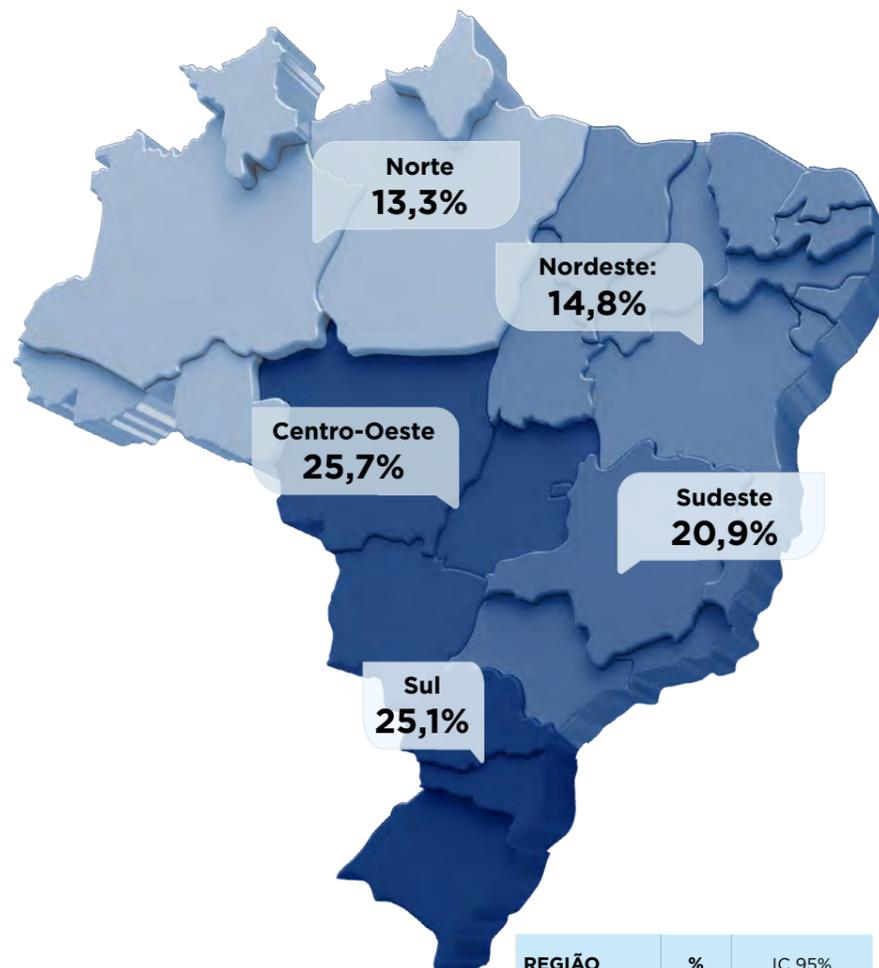
Gráfico 9 - Distribuição de indicadores de consumo de álcool estratificado por macrorregiões brasileiras. LENAD III, 2023

**ÁLCOOL - ADOLESCENTES
CONSUMO NA VIDA**



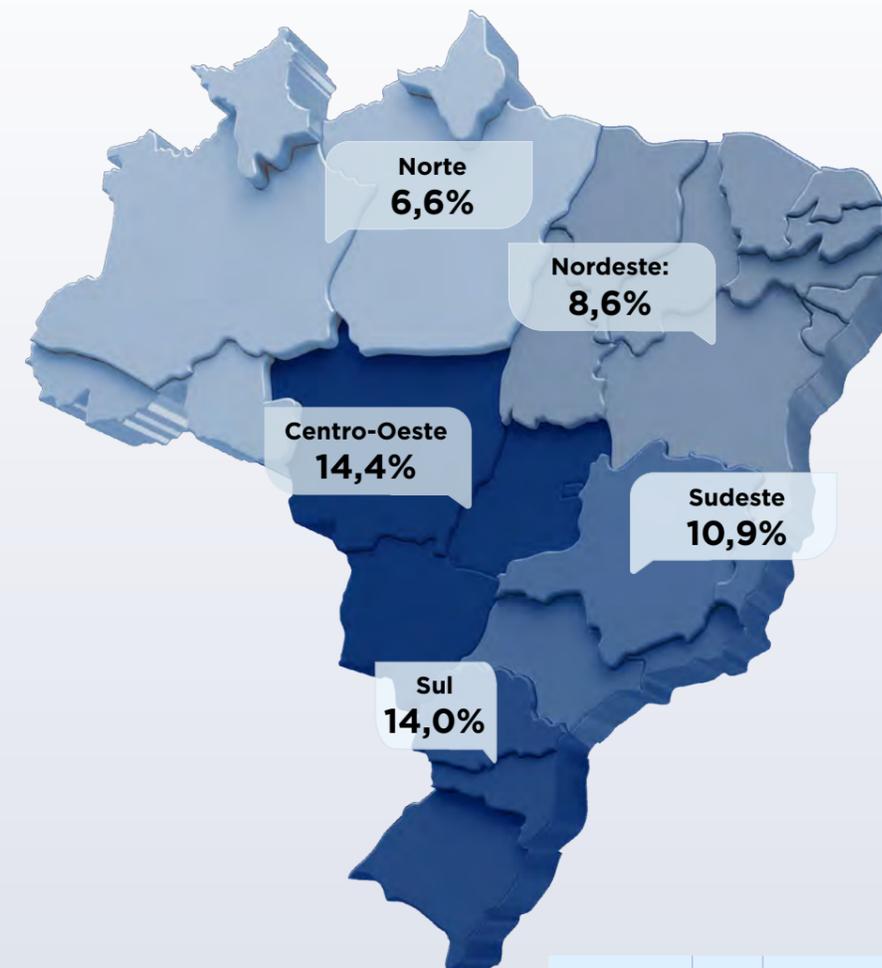
REGIÃO	%	IC 95%	
Norte	19,5	13,9	26,7
Nordeste	22,0	18,6	25,9
Sudeste	32,9	26,5	40,0
Sul	30,4	26,1	35,0
Centro-Oeste	36,7	30,4	43,4

CONSUMO NO ÚLTIMO ANO



REGIÃO	%	IC 95%	
Norte	13,3	9,4	18,4
Nordeste	14,8	12,4	17,6
Sudeste	25,7	19,9	32,5
Sul	20,9	17,4	24,8
Centro-Oeste	25,1	19,9	31,1

CONSUMO NO ÚLTIMO MÊS



REGIÃO	%	IC 95%	
Norte	6,6	3,5	12,0
Nordeste	8,6	6,8	10,9
Sudeste	14,4	10,4	19,6
Sul	10,9	8,5	13,7
Centro-Oeste	14,0	10,5	18,3

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);
Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.3.2 Padrão de Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Adolescentes

A análise da distribuição das bebidas alcoólicas mais consumidas entre adolescentes mostrou que a cerveja foi a mais frequentemente referida. A análise das bebidas de preferência confirma que a cerveja é também a mais consumida entre adolescentes de 14 a 17 anos, com 40,5% referindo esse tipo de bebida. Embora essa proporção seja menor do que a observada entre adultos — nos quais a cerveja predomina de forma ainda mais marcante —, ela permanece como a principal escolha, possivelmente favorecida pelo preço mais baixo e pela ampla disponibilidade. Na sequência, destacam-se as bebidas Ice (31,9%), cujo sabor adocicado e forte apelo comercial favorecem a adesão entre os mais jovens, e os destilados como vodka, gin e uísque (30,2%), que, devido ao maior teor alcoólico, ampliam o risco de episódios de intoxicação alcoólica.

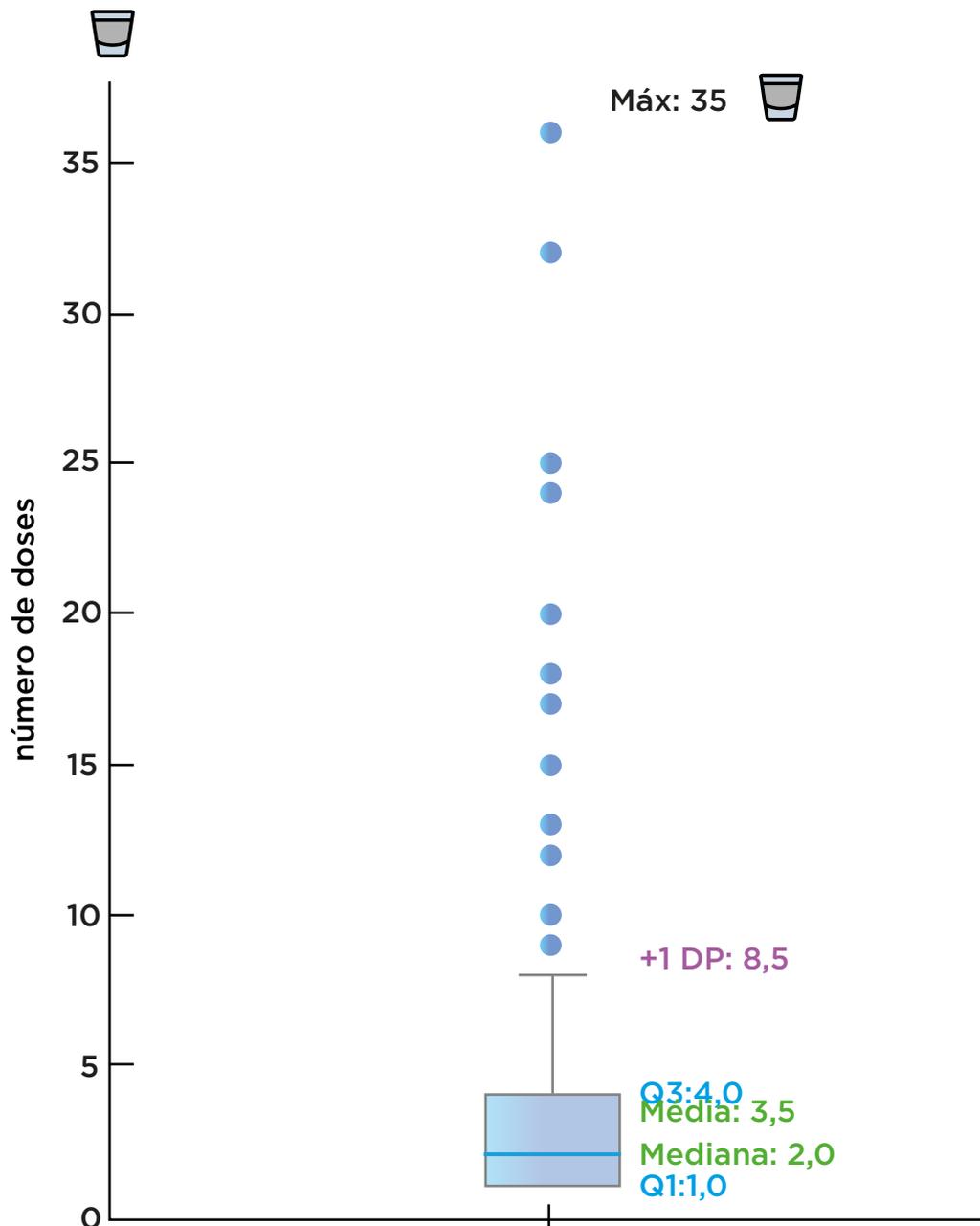
Tabela 10 - Prevalências dos indicadores de bebidas mais consumidas entre adolescentes. LENAD III, 2023

Tipos de Bebidas: Preferências e quantidade consumida		%	IC 95%	
	Cerveja	40,5	33,6	47,6
	Bebida Ice	31,9	24,2	40,8
	Outros destilados (Vodka, Gin, Uísque, etc.)	30,2	22,3	39,5
	Vinho	14,5	10,1	20,3
	Cocktails (caipirinha, etc)	7,3	3,6	14,2
	Cachaça	2,9	1,5	5,7
	Corote	1,5	0,4	5,0

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
Amostra Adolescentes bebedores LENAD III N = 594
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Entre os adolescentes que declararam ter consumido bebida alcoólica no último ano, identificou-se uma grande variabilidade quanto a quantidade consumida. Os participantes declaram consumir 3,7 doses (IC95%: 3,1 - 4,4) em ocasiões normais, enquanto a mediana foi de 2 doses, indicando que metade dos adolescentes consumiu até esse valor. O desvio-padrão elevado (5,3) e a variância de 28,3 revelam forte dispersão, com parte dos adolescentes relatando ingestões bem mais altas.

Gráfico 10 - Medidas de dispersão de doses consumidas em um dia normal na população adolescente.



Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.3.2.1 Consumo Pesado de Bebidas Alcoólicas entre Adolescentes

Os padrões de consumo pesado constituem indicadores centrais de risco na adolescência, por estarem associados a maior vulnerabilidade a intoxicações, acidentes e ao desenvolvimento precoce de problemas relacionados ao álcool. No Brasil, os dados do LENAD III mostram que, embora a prevalência geral de consumo seja ligeiramente maior entre adolescentes do sexo feminino, as diferenças entre os sexos se atenuam quando se analisa o padrão de uso pesado.

BEBER EM “BINGE”

Os resultados do LENAD III apontaram que aproximadamente 520 mil adolescentes de 14 a 17 anos relataram episódios de binge drinking no último ano (ingestão rápida de álcool), o que equivale a 4,5% da população nessa faixa etária. As diferenças entre os sexos chamam atenção: entre os adolescentes do sexo masculino, 3,5% da população total (cerca de 200 mil pessoas) relataram binge drinking, enquanto entre as adolescentes do sexo feminino essa proporção foi de 5,5% (aproximadamente 320 mil). Considerando apenas os que bebem, a prevalência alcançou 21,3% entre os adolescentes do sexo masculino e 25,7% entre os do sexo feminino, reforçando um padrão inverso ao observado nos adultos, com maior concentração da prática entre meninas.

Tabela 11 - Prevalências dos consumo em binge na população de adolescentes, segundo sexo. LENAD III, 2023

	NA POPULAÇÃO			ENTRE BEBEDORES		
	%	IC 95%		%	IC 95%	
Total	4,5	3,7	5,4	23,7	19,6	28,4
Masculino	3,5	2,7	4,5	21,3	16,3	27,2
Feminino	5,5	4,2	7,2	25,7	20,0	32,4

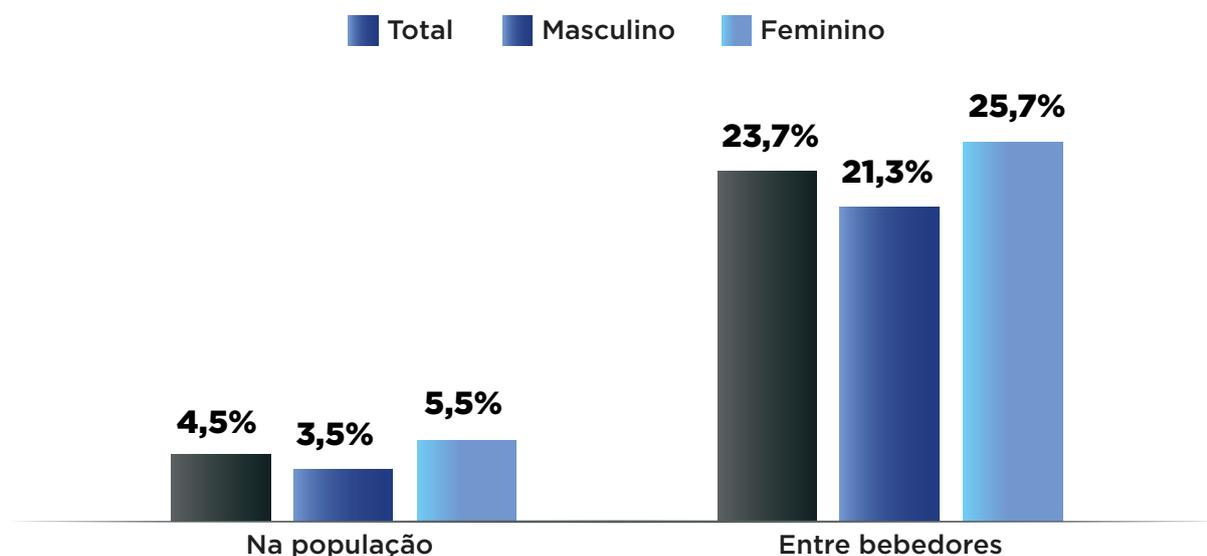
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Grafico 11 - Prevalências do consumo em BINGE (4 ou 5 doses em 2 horas) em adolescentes (população total e entre bebedores), segundo sexo. LENAD III, 2023



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Consumo Pesado Episódico

O padrão de consumo pesado episódico (ingestão de seis ou mais doses sem uma definição precisa de tempo) também se destaca como um indicador relevante de risco na adolescência. Segundo os dados do LENAD III, estima-se que cerca de 860 mil adolescentes de 14 a 17 anos (7,5% dessa população) tenham apresentado episódios de consumo pesado no último ano. As diferenças entre os sexos foram pouco expressivas: 7,1% dos adolescentes do sexo masculino, aproximadamente 410 mil, e 7,9% das adolescentes do sexo feminino, cerca de 450 mil, relataram esse padrão de uso.

Entre aqueles que já consomem álcool, o consumo pesado esteve presente em mais de um terço dos adolescentes (34,4%). Nesse recorte, a prevalência foi de 38,2% no sexo masculino e 31,2% no sexo feminino, evidenciando que, assim como observado no binge drinking, as diferenças entre os sexos são menos marcantes na adolescência quando comparadas às da população adulta.

Tabela 12 - Consumo pesado episódico na população de adolescentes, segundo sexo. LENAD III, 2023

	NA POPULAÇÃO			ENTRE BEBEDORES		
	%	IC 95%		%	IC 95%	
Total	7,5	6,4	8,7	34,4	29,8	39,3
Masculino	7,1	5,7	8,7	38,2	30,5	46,5
Feminino	7,9	6,3	10	31,2	25,2	37,8

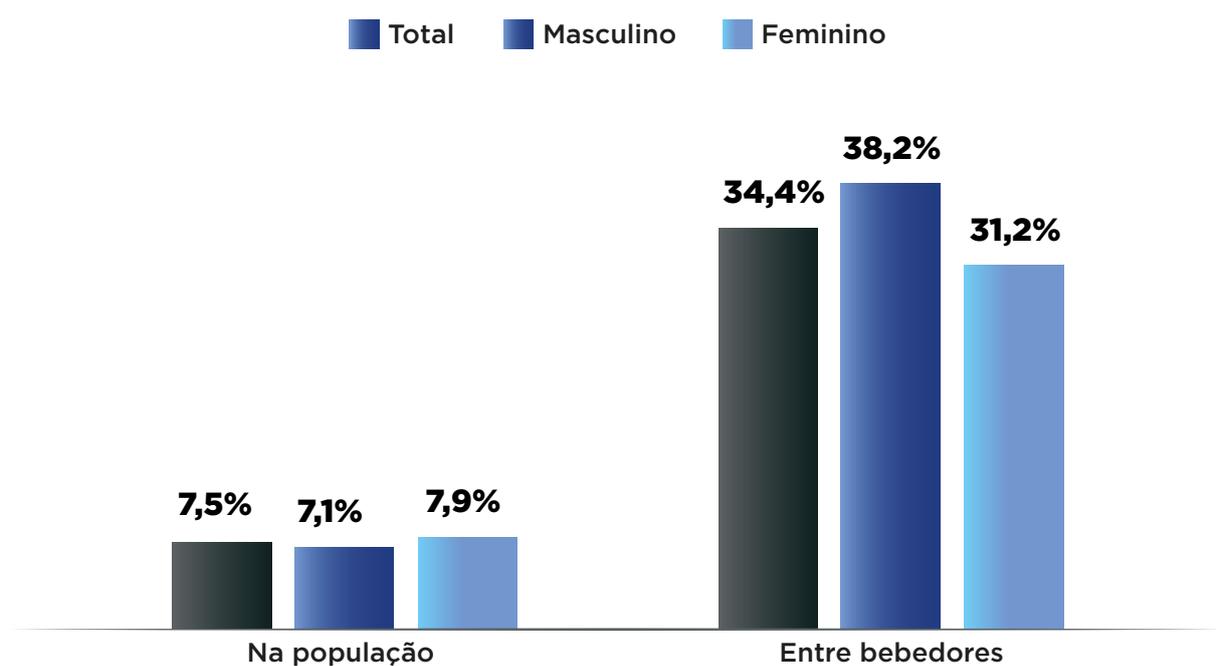
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Gráfico 12 - Prevalências do CONSUMO PESADO EPISÓDICO (6 ou mais doses em uma ocasião) em adolescentes (população total e entre bebedores), segundo sexo. LENAD III, 2023



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra Adolescentes LENAD III N = 3.032

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

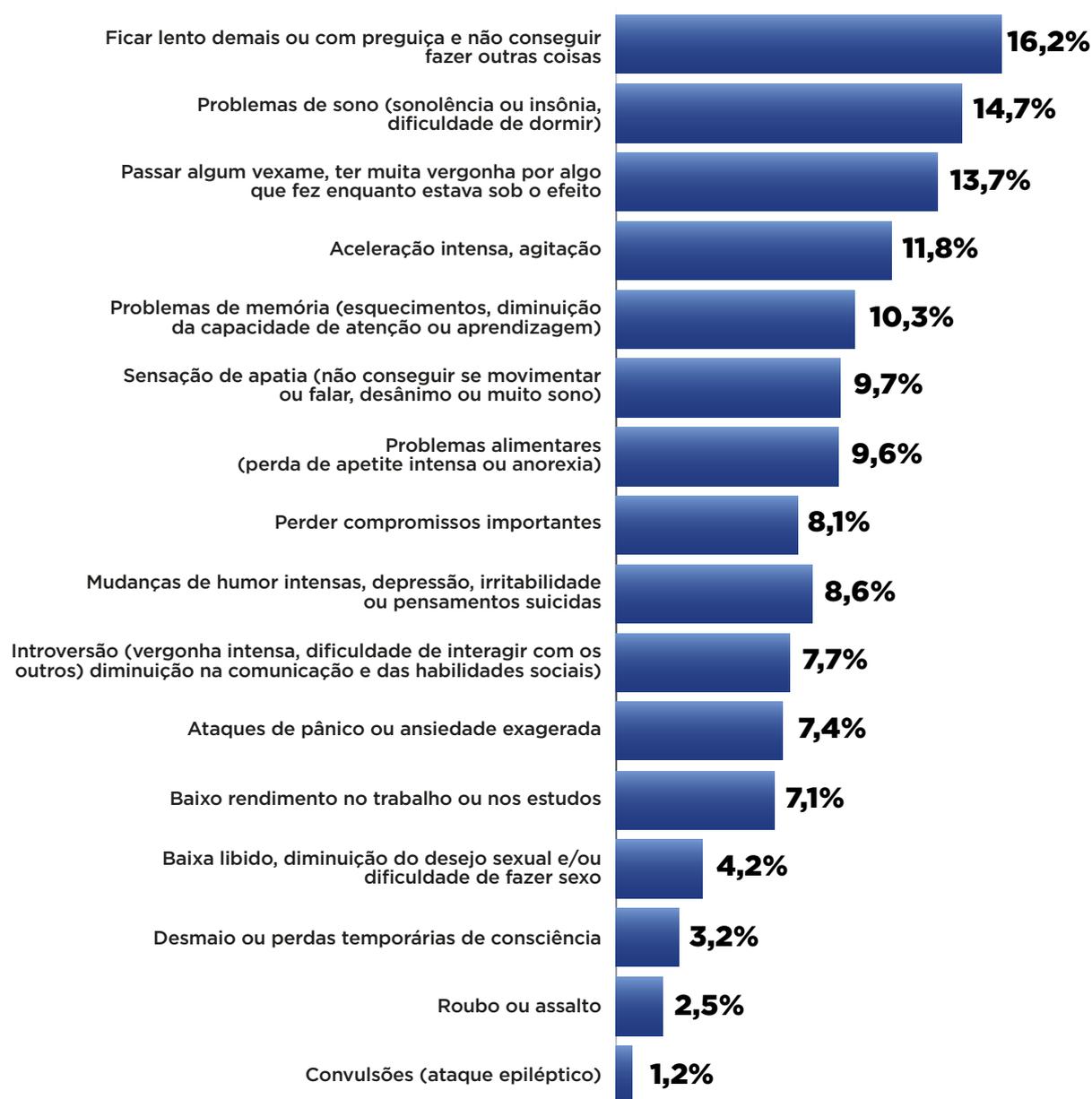
4.4 Problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas

Os resultados do LENAD III permitem observar diferentes dimensões dos problemas relacionados ao consumo de álcool a partir de enfoques complementares. Por um lado, o questionário AUDIT identifica a presença de padrões de risco, uso nocivo e provável dependência, fornecendo um retrato do consumo problemático mesmo entre aqueles que não apresentam critérios diagnósticos formais. Por outro, a entrevista estruturada CIDI possibilita estimar a prevalência do Transtorno por Uso de Álcool (TUA) segundo os critérios do DSM-5, captando de forma mais abrangente os sintomas relacionados à perda de controle, prejuízos sociais e funcionais e persistência do uso apesar das consequências negativas. Além disso, o levantamento incluiu uma bateria de eventos relacionados ao consumo de álcool, permitindo identificar repercussões sociais, ocupacionais e de saúde que não se limitam ao diagnóstico clínico. A comparação entre esses diferentes indicadores evidencia, portanto, tanto a proporção da população em situação de risco quanto o contingente já acometido por transtornos, oferecendo uma visão integrada sobre a gravidade e a extensão dos problemas associados ao álcool no Brasil.

4.4.1 Experiências negativas relacionadas ao consumo

Entre as experiências relatadas associadas ao consumo de bebidas alcoólicas, as mais prevalentes (acima de 10%) foram ficar lento demais ou com preguiça e não conseguir realizar outras atividades (16,2%; IC95%: 14,4-18,2), problemas de sono (14,7%; IC95%: 13,1-16,5), passar por situações vexatórias (13,7%; IC95%: 12,1-15,4) e aceleração intensa ou agitação (11,8%; IC95%: 10,4-13,4). Esses resultados sugerem que os efeitos mais comuns estão relacionados a alterações imediatas no desempenho físico e cognitivo, bem como repercussões emocionais e comportamentais durante episódios de consumo.

Gráfico 13 - Experiências com relação ao beber. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Sub-Amostra de bebedores LENAD III: N=5.661

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

No grupo intermediário (5% a 10%), destacam-se problemas de memória (10,3%; IC95%: 8,9-12,0), sensação de apatia (9,7%; IC95%: 8,4-11,3), problemas alimentares (9,6%; IC95%: 8,2-11,3), mudanças de humor intensas (8,6%; IC95%: 7,4-10,1), perda de compromissos importantes (8,1%; IC95%: 6,7-9,7), introversão e dificuldades sociais (7,7%; IC95%: 6,3-9,5), ataques de pânico ou ansiedade exacerbada (7,4%; IC95%: 6,3-8,8) e baixo rendimento em

trabalho ou estudos (7,1%; IC95%: 5,9–8,5). Esse conjunto de efeitos evidencia impactos negativos tanto na esfera psíquica quanto no funcionamento social e ocupacional, apontando para consequências que podem se estender além do episódio imediato de consumo.

Já entre os eventos menos prevalentes (abaixo de 5%), encontram-se baixa libido (4,2%; IC95%: 3,3–5,3), desmaios ou perdas temporárias de consciência (3,2%; IC95%: 2,5–4,1), roubo ou assalto (2,5%; IC95%: 1,8–3,6) e convulsões (1,2%; IC95%: 0,8–1,8). Embora menos frequentes, esses eventos representam riscos significativos à saúde e à segurança individual, alguns de natureza grave, e não devem ser negligenciados na avaliação dos danos associados ao consumo abusivo de álcool.

4.4.2 Consumo de Risco

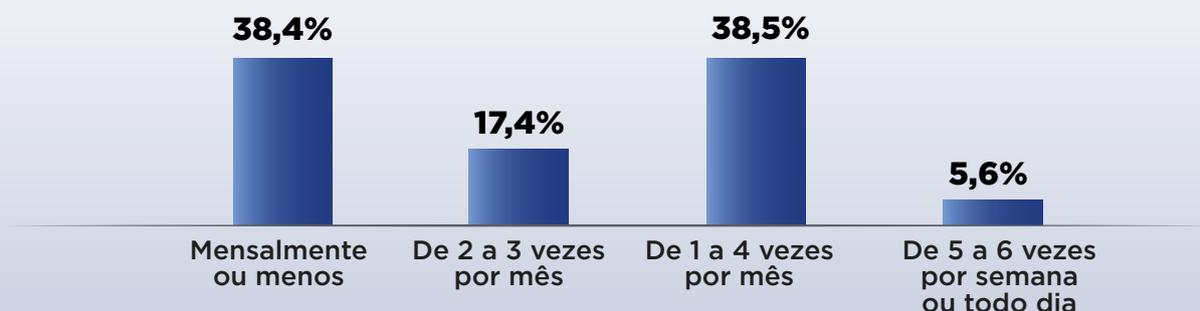
A escala AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test) permite a classificação dos bebedores (que fizeram consumo no último ano) em diferentes níveis de risco de consumo, desde o consumo de risco até o uso nocivo e a provável dependência, a partir da investigação de 10 indicadores distintos que se distribuem em três domínios principais: **1) padrões de consumo, 2) sintomas de dependência e 3) consequências relacionadas ao álcool.**

Indicadores de Consumo de Risco, segundo Escala AUDIT:

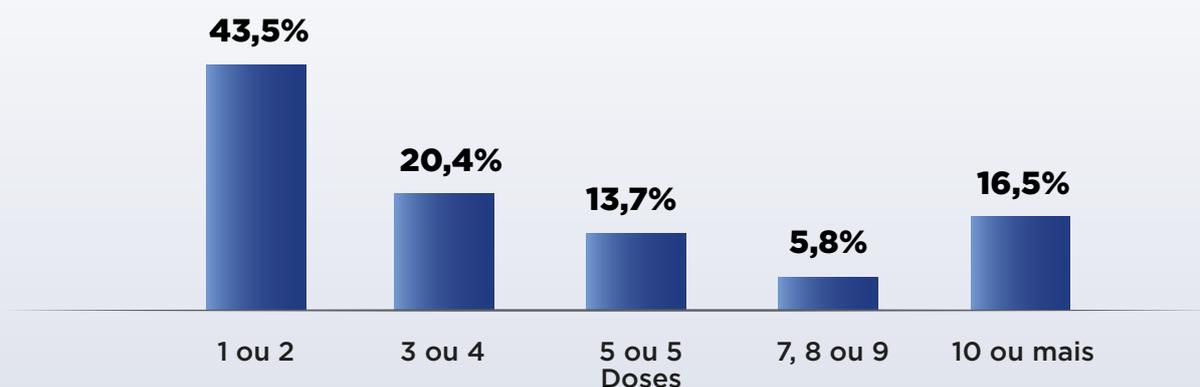
-  **Domínio 1 – Padrões de consumo:** Os indicadores deste domínio, que investigam frequência e quantidade de uso, mostram prevalências elevadas na população brasileira com 14 anos ou mais. O consumo frequente (pelo menos uma vez por semana) foi referido por 44,1% dos bebedores. Além disso, mais de um terço (36%) referiu consumir pelo menos 5 doses em um dia normal, sendo que quase dois a cada dez bebedores (16,5%) relataram consumir 10 ou mais doses.

Gráfico 14 - Itens da Escala AUDIT referentes ao Domínio Padrão de Consumo

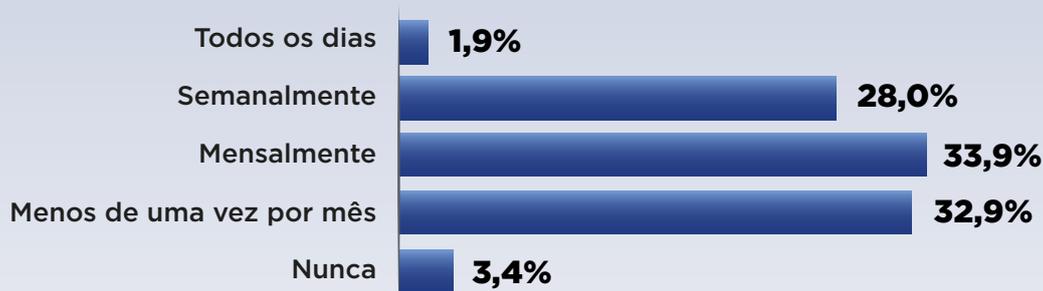
Com que frequência consome bebidas que contêm álcool?



Quando bebe, quantas bebidas contendo álcool consome num dia normal?



Com que frequência consome seis bebidas ou mais numa única ocasião?



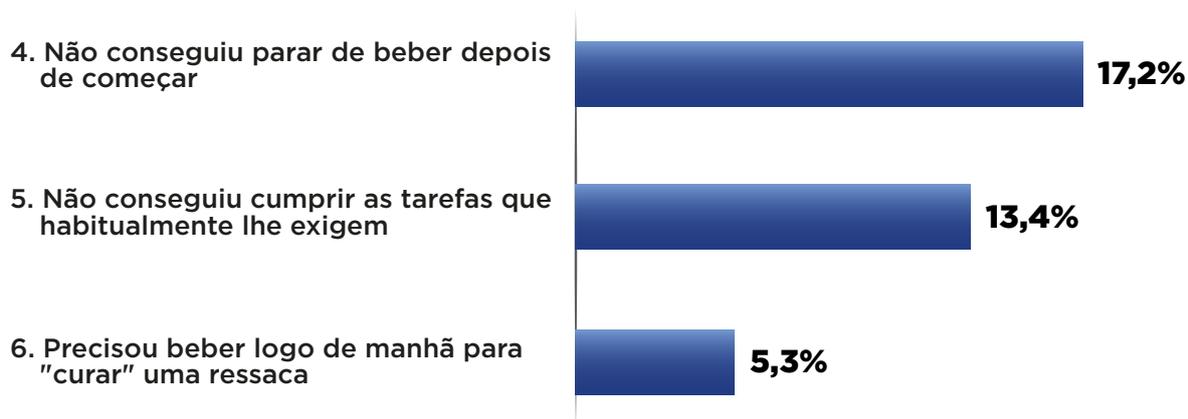
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Sub-Amostra de bebedores LENAD III: N=5.661

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

✔ **Domínio 2 - Sintomas de Dependência:** Os resultados do segundo domínio, voltado à avaliação da perda de controle, revelam que quase dois a cada dez bebedores (17,2%) declarou dificuldade em interromper o consumo após iniciado, 13,4% relataram incapacidade de cumprir responsabilidades devido ao uso de álcool. Além disso, 5,3% dos bebedores indicaram a necessidade de consumir álcool pela manhã para recuperar-se de uma bebedeira.

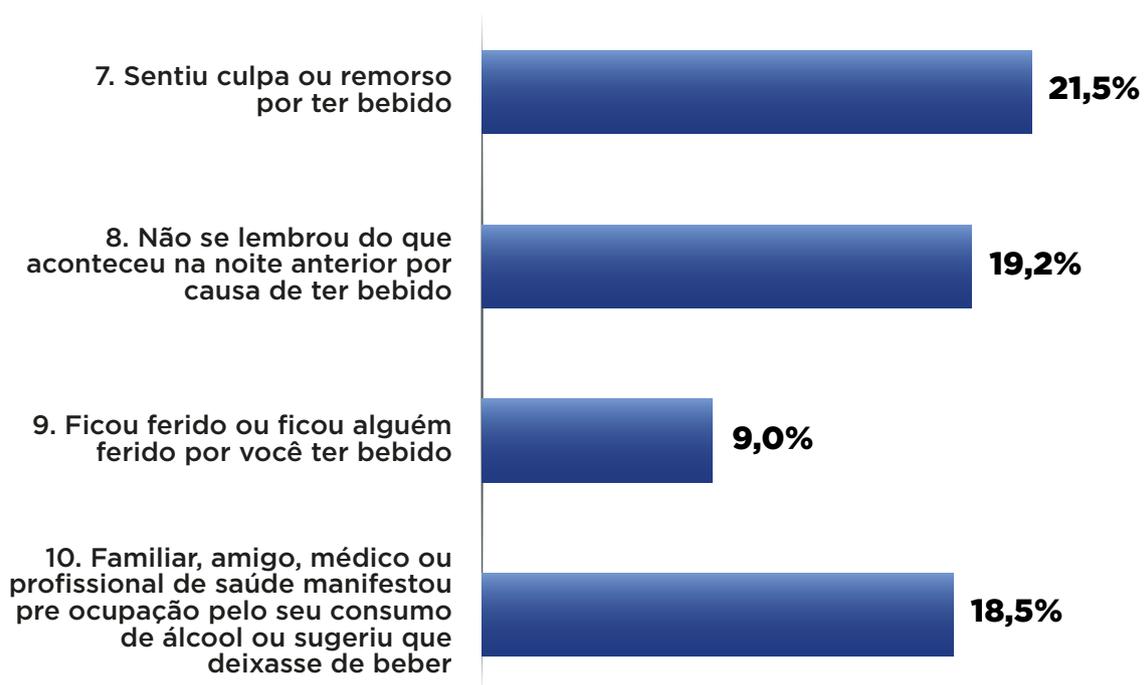
Gráfico 15 - Itens da Escala AUDIT referentes ao Domínio de Sintomas de Dependência



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Sub-Amostra de bebedores LENAD III: N=5.661
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

✔ **Domínio 3 - Consequências negativas:** As consequências sociais e emocionais relacionadas ao consumo de álcool foram amplamente relatadas pela população. Mais de um quinto declarou ter sentido culpa ou remorso após episódios de consumo (21,5%) e quase um quinto relatou não se lembrar do que havia ocorrido na noite anterior devido à ingestão de álcool (19,2%). Além disso, 18,5% informaram que familiares, amigos ou profissionais de saúde já manifestaram preocupação com seu padrão de uso ou sugeriram que deixassem de beber. Situações de maior gravidade, como ferimentos próprios ou de terceiros em decorrência do consumo, foram referidas por 9,0% da população. Em conjunto, esses achados indicam que mais de um terço da população vivenciou ao menos uma consequência negativa associada ao consumo de álcool, evidenciando a extensão dos danos sociais e individuais relacionados ao uso nocivo.

Gráfico 16 - Itens da Escala AUDIT referentes ao Domínio Consequências Negativas Relacionadas ao Consumo



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Sub-Amostra de bebedores LENAD III: N=5.661

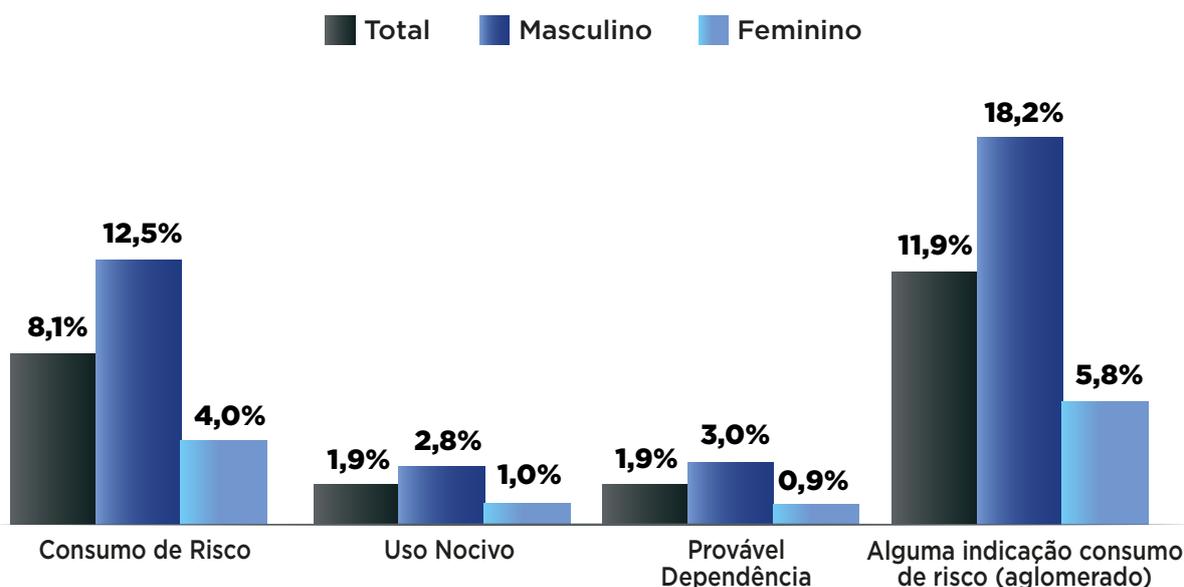
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Classificações de consumo de risco segundo a escala AUDIT

Para fins de rastreamento populacional o escore de ≥ 8 pontos na escala AUDIT foi utilizado para a classificação de risco. Esse ponto de corte é amplamente reconhecido como o limiar que melhor equilibra sensibilidade e especificidade na detecção de uso problemático de álcool, sendo validado em diferentes contextos e populações e consolidando-se como referência internacional para a identificação precoce de indivíduos que se beneficiariam de intervenções breves ou de uma avaliação clínica mais aprofundada para possível encaminhamento para tratamento (Babor et al., 2001).

Os resultados do LENAD III (2023) mostram que 11,9% da população brasileira de 14 anos ou mais apresenta padrões de consumo de risco, uso nocivo ou provável dependência, o que corresponde a cerca de 22 milhões de brasileiros. Essa classificação do consumo de risco evidencia diferenças marcantes entre os sexos na população com 14 anos ou mais.

Grafico 17 - Prevalências dos alguma indicação de consumo de risco segundo escala AUDIT na população geral, estratificado por sexo. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Sub-Amostra de bebedores LENAD III: N=16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

No recorte por sexo, a população masculina apresentou prevalências significativamente mais elevadas em todos os desfechos avaliados, com 12,5% de consumo de risco, 2,8% de uso nocivo e 3,0% de provável dependência, contrastando com 4,0%, 1,0% e 0,9% em comparação com o sexo feminino.

Tabela 13 - Prevalências dos indicadores da escala AUDIT entre a população brasileira, segundo sexo. LENAD III, 2023.

Consumo de risco na população total	Total		Masculino		Feminino	
	%	IC 95%	%	IC 95%	%	IC 95%
Baixo Risco ou Abstinência	88,2	87,2 89,1	81,8	80,0 83,4	94,2	93,4 94,9
Consumo de Risco	8,1	7,3 8,9	12,5	11,1 14,1	4,0	3,4 4,6
Uso Nocivo	1,9	1,5 2,3	2,8	2,2 3,5	1,0	0,7 1,4
Provável Dependência	1,9	1,6 2,2	3,0	2,4 3,6	0,9	0,7 1,1
Alguma indicação consumo de risco	11,9	10,4 13,4	18,2	15,7 21,2	5,8	4,9 7,0

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
 Amostra total LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

A presença de alguma indicação de consumo problemático — que aglomera o consumo de risco, uso nocivo e provável dependência — foi estimada em 18,2% da população do sexo masculino, contra 5,8% da população do sexo feminino. Essa diferença é estatisticamente significativa, conforme o teste com correção de Rao-Scott para amostras complexas ($F(1,311)=254,7$; $p<0,001$), reforçando que os padrões mais problemáticos de consumo de álcool se concentram de forma desproporcional na população do sexo masculino.

Entre bebedores as diferenças entre sexos também foram significativas ($F(1,311)=254,7$; $p<0,001$), com o consumo de risco identificado em mais de um terço dos bebedores do sexo masculino (34,7%) em comparação a 17,7% entre as bebedoras do sexo feminino.

Tabela 14 - Prevalências dos indicadores da escala AUDIT entre bebedores, segundo sexo. LENAD III, 2023.

Consumo de risco entre bebedores	Total		Masculino		Feminino	
	%	IC 95%	%	IC 95%	%	IC 95%
Baixo Risco	72,2	70,1 74,1	65,3	62,6 67,9	82,3	80,1 84,4
Consumo de Risco	19,0	17,4 20,8	23,8	21,3 26,5	12,0	10,4 13,8
Uso Nocivo	4,4	3,6 5,3	5,3	4,1 6,7	3,1	2,3 4,1
Provável Dependência	4,4	3,8 5,2	5,6	4,7 6,7	2,6	2,1 3,3
Alguma indicação consumo de risco	27,8	24,8 31,3	34,7	30,1 39,9	17,7	14,7 21,3

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra Bebedores LENAD III N= 5.661

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Estratificação de Consumo de Risco por Faixa Etária e Escolaridade

A análise dos indicadores do AUDIT para a população geral (com idade de 14 anos ou mais) revela que o consumo problemático de álcool apresenta diferenças marcantes entre os estratos sociodemográficos.

Do ponto de vista etário, o grupo de 18 a 24 anos destacou-se como o mais vulnerável, com 12,6% de consumo de risco, 2,7% de uso nocivo e 2,1% de provável dependência, seguido pelos adultos de 25 a 49 anos, que apresentaram prevalências intermediárias.

Tabela 15 - Prevalências das classificações de consumo de risco segundo escala AUDIT, segundo características sociodemográficas. LENAD III, 2023.

	Consumo de Risco			Uso Nocivo			Provável Dependência		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Total	8,1	7,3	8,9	1,9	1,5	2,3	1,9	1,6	2,2
Faixa etária (anos)	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
14-17	2,2	1,7	2,9	0,4	0,2	0,8	0,4	0,2	0,6
18-24	12,6	10,7	14,9	2,7	1,9	4,0	2,1	1,3	3,2
25-49	10,1	8,9	11,5	2,3	1,8	3,0	2,7	2,2	3,3
50-64	5,8	4,7	7,1	1,7	1,1	2,5	1,4	1,0	2,0
65 ou mais	3,1	2,2	4,3	0,3	0,2	0,7	0,3	0,1	0,7
Escolaridade	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Não freq escola	2,9	1,8	4,8	1,2	0,6	2,5	1,8	0,9	3,8
Ensino Fundamental	6,4	5,6	7,3	1,9	1,3	2,8	2,8	2,3	3,5
Ensino médio	10,5	9,4	11,8	2,0	1,6	2,5	1,7	1,4	2,2
Ensino superior ou mais	7,6	6,1	9,5	1,7	1,1	2,6	0,6	0,3	1,2

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado e uso do comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra total LENAD III N = 16.595

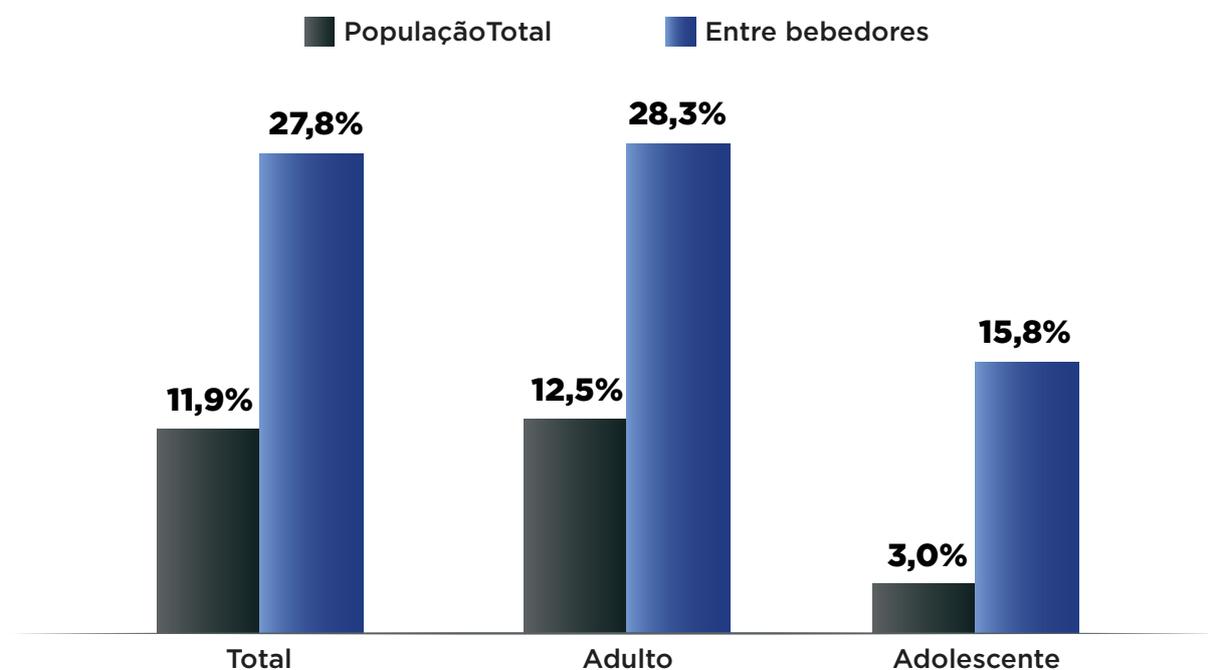
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

A análise por escolaridade mostra que o risco de consumo de álcool varia conforme o nível educacional, mas esse efeito é parcialmente mediado pela idade. O consumo de risco atinge seu pico no ensino médio (10,5%), grupo formado majoritariamente por jovens adultos, enquanto no ensino superior a prevalência é menor (7,6%), possivelmente influenciada pela presença de indivíduos em faixas etárias mais velhas, onde o consumo tende a declinar. Já para provável dependência observa-se um gradiente inverso, com maior prevalência no fundamental (2,8%) e menor no superior (0,6%), sugerindo efeito protetor da escolaridade mais alta.

Estratificação de Consumo de Risco por Grupo Etário

Quando estratificado por grupo etário, observa-se que adultos apresentam maior proporção de indivíduos com indicação de consumo de risco em comparação aos adolescentes. Na população geral, 12,5% (IC 95%: 11,0-14,1) dos adultos apresentaram algum risco, contra 3,0% (IC95%: 2,1-4,3) dos adolescentes. Entre os bebedores a proporção de indivíduos com indicação de consumo de risco chega a 28,3% (IC 95%: 25,0-31,8) entre adultos e 15,8% (IC 95%: 11,3-22,6) entre adolescentes, evidenciando que o consumo problemático é mais prevalente na população adulta, mas ainda relevante entre os jovens que já consomem álcool.

Gráfico 18 -Prevalências de consumo de risco (segundo escala AUDIT) na população geral e entre segundo grupos etários. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra total LENAD III N = 16.595 Amostra bebedores: 5.661 Amostra adultos: 13,576 ; Amostra adolescentes: 3.032

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

A análise entre bebedores mostra que a prevalência de alguma indicação de consumo de risco (consumo de risco, uso nocivo ou provável dependência) alcança 28,3% entre os adultos e 15,8% entre os adolescentes. Apesar da menor proporção de adolescentes que consomem álcool em relação aos adultos, destaca-se que, entre aqueles que já iniciaram o uso, uma parcela expressiva apresenta padrões de risco.

Tabela 16 - Prevalências dos indicadores da escala AUDIT entre bebedores, segundo grupo etário. LENAD III, 2023.

Classificação de consumo de risco entre bebedores	Adultos			Adolescentes		
	%	IC 95%		%	IC 95%	
Baixo Risco	71,8	69,7	73,8	84,2	80,5	87,2
Consumo de Risco	19,3	17,6	21,1	11,6	8,9	15,1
Uso Nocivo	4,5	3,6	5,4	2,3	1,3	4,2
Provável Dependência	4,5	3,8	5,3	1,9	1,1	3,3
Alguma indicação consumo de risco	28,3	25,0	31,8	15,8	11,3	22,6

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra total LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Estratificação de consumo de risco por Macrorregião

A análise regional mostra que o Centro-Oeste concentra as maiores prevalências em todos os níveis do AUDIT, com 10,0% de consumo de risco, 3,7% de uso nocivo e 2,6% de provável dependência. Em contraste, o Sul apresentou os menores valores (6,9%, 1,2% e 0,9%, respectivamente). Norte e Nordeste exibiram prevalências intermediárias, enquanto o Sudeste se manteve próximo à média nacional. Esses resultados indicam um padrão desigual, com maior vulnerabilidade no Centro-Oeste e menor no Sul.

Tabela 17 - Prevalências das classificações de consumo de risco segundo escala AUDIT, segundo macrorregiões brasileiras. LENAD III, 2023.

Região	Consumo de Risco			Uso Nocivo			Provável Dependência		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Norte	6,7	5,2	8,5	2,7	1,3	5,5	2,1	1,0	4,4
Nordeste	7,8	6,8	9,0	2,1	1,4	3,0	2,6	2,0	3,3
Centro-Oeste	10,0	6,9	14,1	3,7	2,5	5,6	2,6	1,7	4,0
Sudeste	8,6	7,3	10,1	1,5	1,1	1,9	1,6	1,2	2,1
Sul	6,9	5,7	8,4	1,2	0,8	1,8	0,9	0,5	1,5

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra total LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Gráfico 19 - Prevalências de consumo de risco (segundo Escala AUDIT) na população total e entre bebedores, estratificado por macrorregião brasileira.

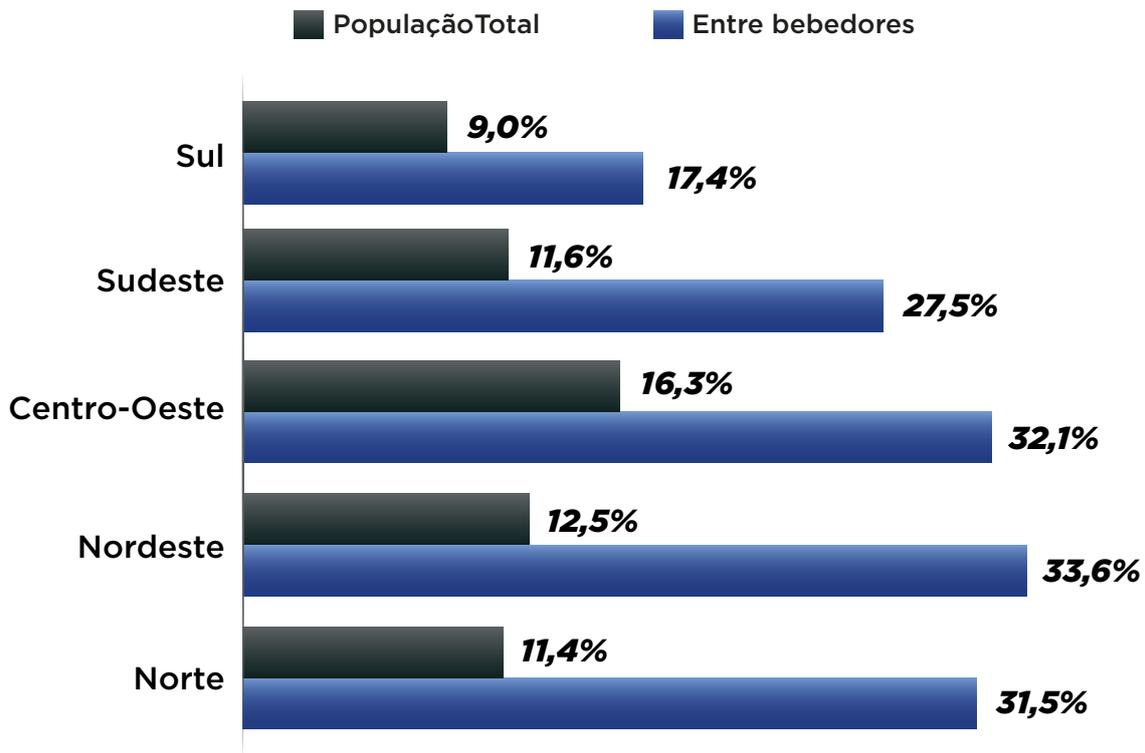
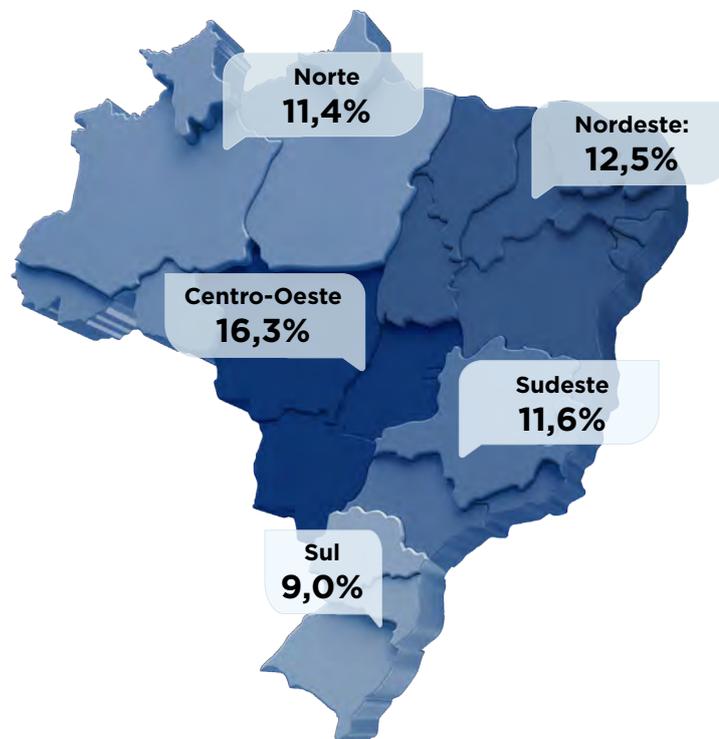


Gráfico 20 - Consumo de Risco segundo escala AUDIT na população total, estratificado por macrorregiões brasileiras



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
 Amostra total LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.4.3 Transtorno pelo Uso de Álcool - Entrevista CIDI (DSM-5)

Os resultados do LENAD III referentes ao alcoolismo, avaliados pelo módulo do CIDI com base nos critérios diagnósticos do DSM-5, permitem estimar a prevalência do Transtorno por Uso de Álcool (TUA) na população brasileira. Esse instrumento investiga a presença dos 11 critérios diagnósticos distribuídos em quatro domínios principais – perda de controle sobre o consumo, prejuízos sociais e funcionais, uso de risco e critérios de tolerância/abstinência –, possibilitando classificar os indivíduos quanto à gravidade do transtorno. A análise desses dados fornece um panorama detalhado da magnitude do TUA no país, permitindo comparações entre diferentes grupos sociodemográficos e subsidiando a formulação de estratégias de prevenção, tratamento e políticas públicas voltadas à redução dos danos associados ao álcool.

Os resultados do LENAD III indicam que, entre a população brasileira com 14 anos ou mais, a prevalência de alcoolismo foi de 11,5% (IC 95%: 10,2-13,0), o que corresponde a aproximadamente 21,5 milhões de pessoas que apresentam critérios para Transtorno por Uso de Álcool (TUA) segundo o DSM-5. A estratificação por sexo mostrou diferenças importantes: indivíduos do sexo masculino apresentaram prevalência de 16,2%, mais que o dobro do observado no sexo feminino (7,0%).

Tabela 18 - Prevalências dos indicador de Transtorno por Uso do Álcool (TUA) estratificado por sexo e grupo etário. LENAD III, 2023.

	População Total			Adultos			Adolescentes		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Total	11,5	10,2	13	11,9	10,6	13,5	5,7	4,2	7,8
Masculino	16,2	13,9	18,7	17,0	14,6	19,7	5,5	3,6	8,3
Feminino	7,0	5,9	8,2	7,1	5,9	8,4	6,0	3,9	9,2

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

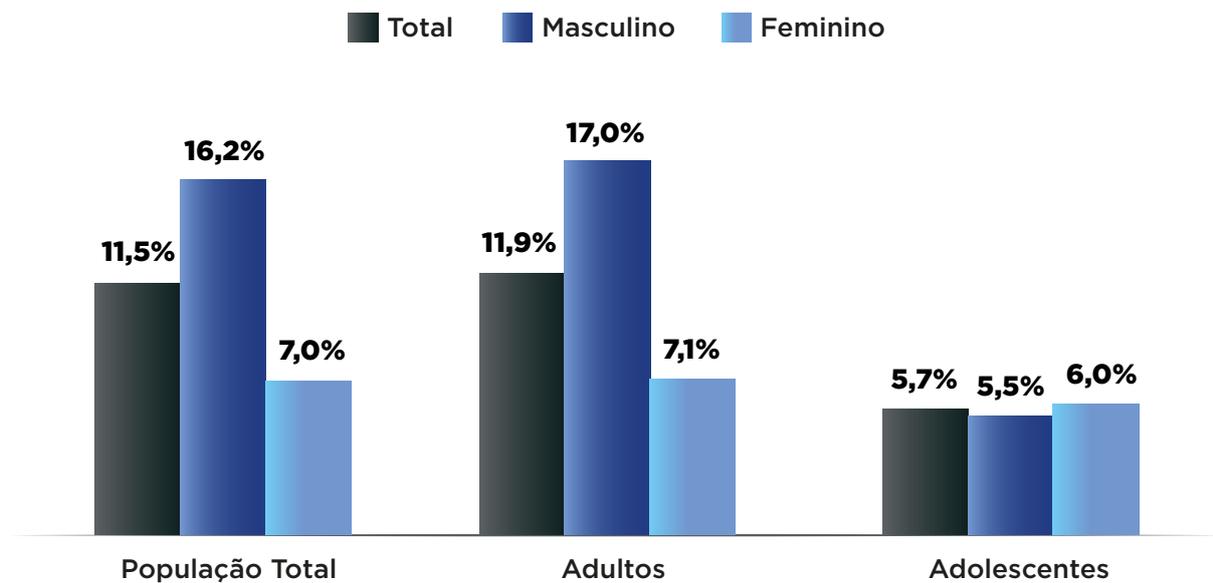
Amostra total LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Na população adulta, a prevalência de TUA foi de 11,9%, valor ligeiramente superior ao da população total. Assim como no conjunto geral, a diferença por sexo se manteve significativa, com 17,0% entre os do sexo masculino,

representando cerca de 14,7 milhões de pessoas, e 7,1% entre os do sexo feminino, equivalente a aproximadamente 6,7 milhões de pessoas. Esse achado indica que a fase adulta concentra os maiores índices de TUA e que a disparidade entre os sexos é ainda mais acentuada nesse grupo etário.

Gráfico 21 - Prevalências de Alcoolismo/TUA (Transtorno pelo Uso de Álcool, segundo DSM-5), estratificado por sexo e grupo etário. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
 Amostra total LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Já entre os adolescentes, a prevalência foi de 5,7%, o que corresponde a cerca de 657 mil jovens de 14 a 17 anos. Nessa faixa etária, a diferença por sexo foi menos expressiva: 5,5% no sexo masculino (aproximadamente 318 mil jovens) e 6,0% no sexo feminino, cerca de 339 mil jovens.

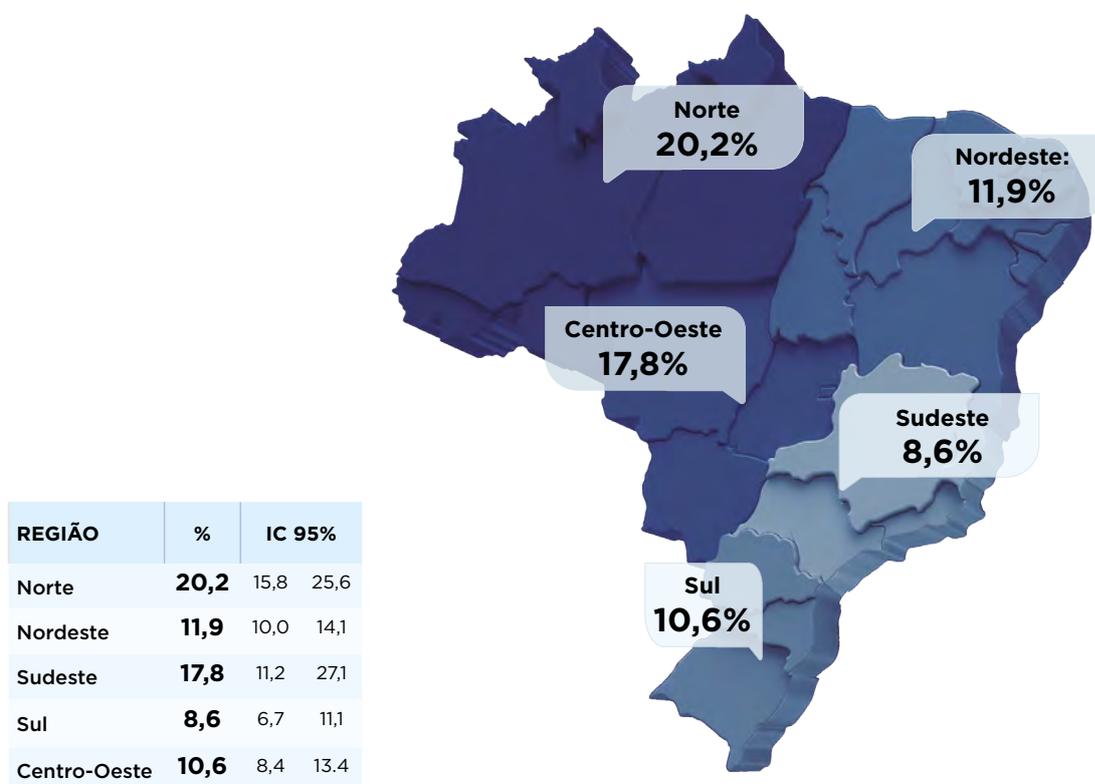
A presença de alcoolismo nessa faixa etária, ainda em fase de desenvolvimento físico, cognitivo e social, evidencia a gravidade do problema e aponta para potenciais impactos duradouros na saúde e no bem-estar. Esses achados reforçam a necessidade de estratégias preventivas voltadas especificamente para adolescentes, com foco em restringir o acesso ao álcool, aumentar a conscientização sobre riscos precoces e fortalecer políticas públicas que protejam esse grupo etário vulnerável.

Estratificação de Transtorno por Uso de Álcool (TUA) por Macrorregiões Brasileiras

Os dados do LENAD III (2023) mostram diferenças importantes na prevalência de Transtorno por Uso de Álcool (TUA) entre as macrorregiões brasileiras. A maior prevalência foi observada na região Norte (20,2%), seguida pelo Centro-Oeste (17,8%), ambas apresentando valores acima da média nacional. O Nordeste apresentou prevalência intermediária (11,9%), próxima da média da população total, enquanto o Sul (10,6%) e principalmente o Sudeste (8,6%) exibiram os menores índices de TUA.

Esses achados sugerem um cenário heterogêneo no país, com maior concentração de casos em regiões historicamente caracterizadas por menor acesso a serviços especializados em saúde mental e tratamento de dependência química, como Norte e Centro-Oeste, ao mesmo tempo em que as regiões Sul e Sudeste, mais urbanizadas e com maior cobertura de serviços, apresentam prevalências mais baixas.

Gráfico 22 - Prevalências dos indicador de Transtorno por Uso do Álcool (TUA) estratificado por macrorregiões brasileiras. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
Sub-Amostra LENAD III = 5.776
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

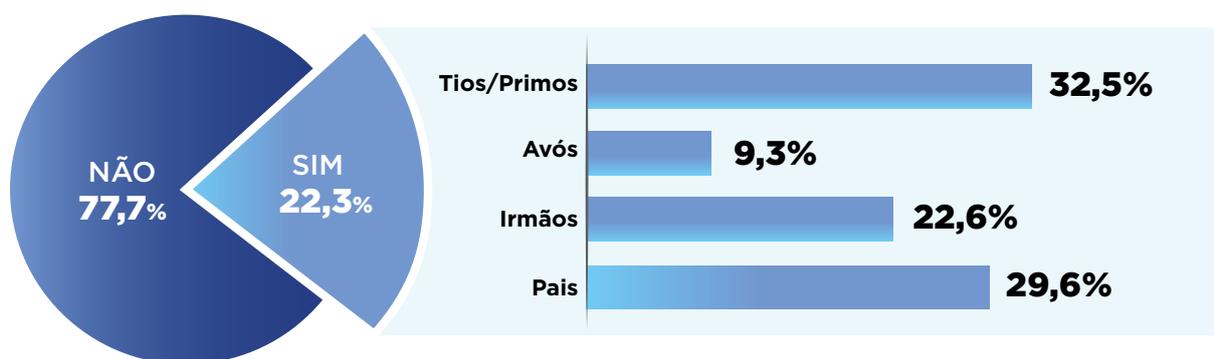
Histórico de Problemas com Uso de Álcool na Família

A análise do histórico familiar de problemas relacionados ao álcool aponta que 22,3% (IC95%: 21,2-23,4) dos participantes relataram que algum familiar, excluindo eles próprios, já apresentou problemas com o consumo a ponto de necessitar tratamento.

Entre os indivíduos que responderam positivamente, observa-se que a presença de problemas relacionados ao álcool concentrou-se principalmente em tios e primos (32,5%; IC95%: 30,3-34,8), seguidos de pais (29,6%; IC95%: 27,4-31,8), sendo 4,6% (IC95%: 3,7-5,7) as mães e 25,8% (IC95%: 23,7-28,0) os pais, seguido dos irmãos (22,6%; IC95%: 20,9-24,3). A menor proporção foi identificada entre avós (9,3%; IC95%: 7,8-11,1).

Esses resultados sugerem que os problemas com álcool permeiam diferentes gerações familiares, com destaque tanto para parentes de primeiro grau (pais e irmãos, que juntos somam mais de 50% dos relatos) quanto para parentes de segundo grau (tios e primos), que isoladamente representam o grupo mais citado. A presença significativa de familiares de primeiro grau entre os casos relatados pode indicar maior exposição a fatores genéticos e ambientais associados ao risco de uso problemático de álcool, enquanto a elevada proporção em parentes de segundo grau reforça a dimensão ampliada do impacto familiar desse fenômeno.

Gráfico 23 - Prevalência do indicador de histórico familiar de problemas relacionados ao uso de álcool. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra LENAD III N= 16.499

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

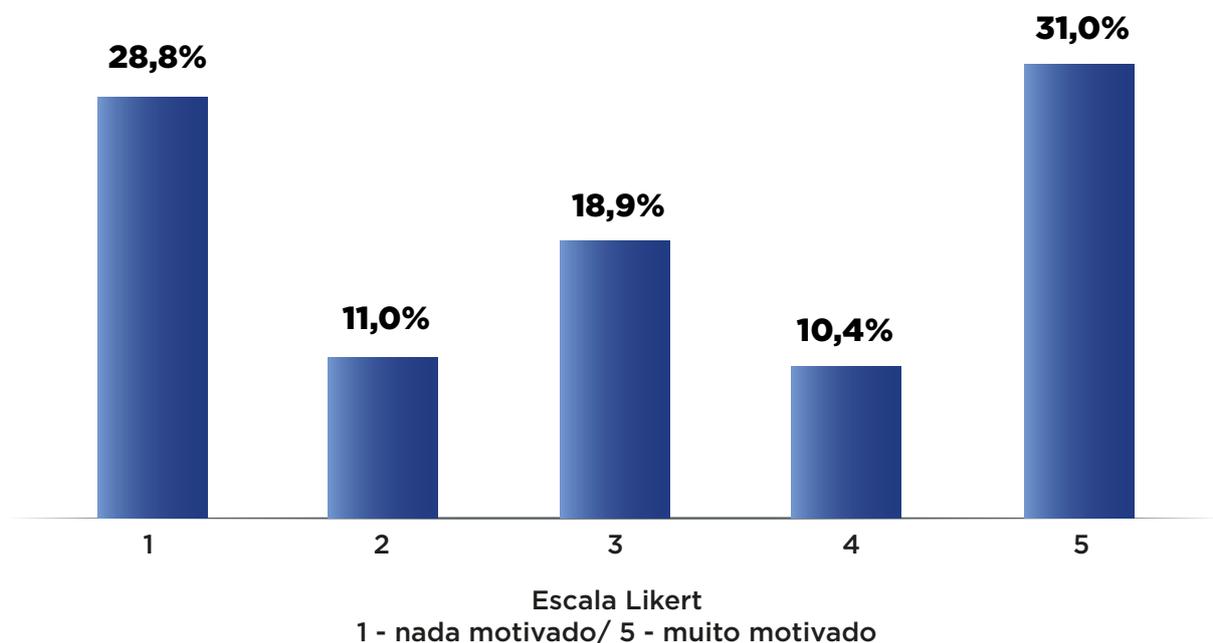


4.5 Motivação para Diminuir ou Interromper o Consumo

Os resultados do LENAD III mostram que, entre os indivíduos que consumiram bebidas alcoólicas no último ano, 41,3% (IC95%: 38,6–44,2) referiram já ter sentido vontade de parar de beber, enquanto 58,7% (IC95%: 55,8–61,4) não relataram essa motivação.

A distribuição do indicador de motivação para reduzir ou cessar o consumo de bebidas alcoólicas revela um padrão relativamente polarizado. Observa-se que 31,0% (IC95%: 28,6–33,5) dos participantes declararam-se “muito motivados” (categoria 5), constituindo o grupo mais prevalente. Em contraposição, 28,8% (IC95%: 26,9–30,6) relataram estar “nada motivados” (categoria 1), representando a segunda maior proporção da amostra. Esses achados sugerem uma divisão clara entre indivíduos que demonstram alta predisposição para mudanças no comportamento de consumo e aqueles que, no momento da pesquisa, não apresentavam intenção de modificar esse padrão.

Gráfico 24 - Prevalências das respostas para a escala likert para motivação de reduzir ou interromper o consumo de bebidas alcoólicas. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);

Amostra bebedores LENAD III N= 5.649

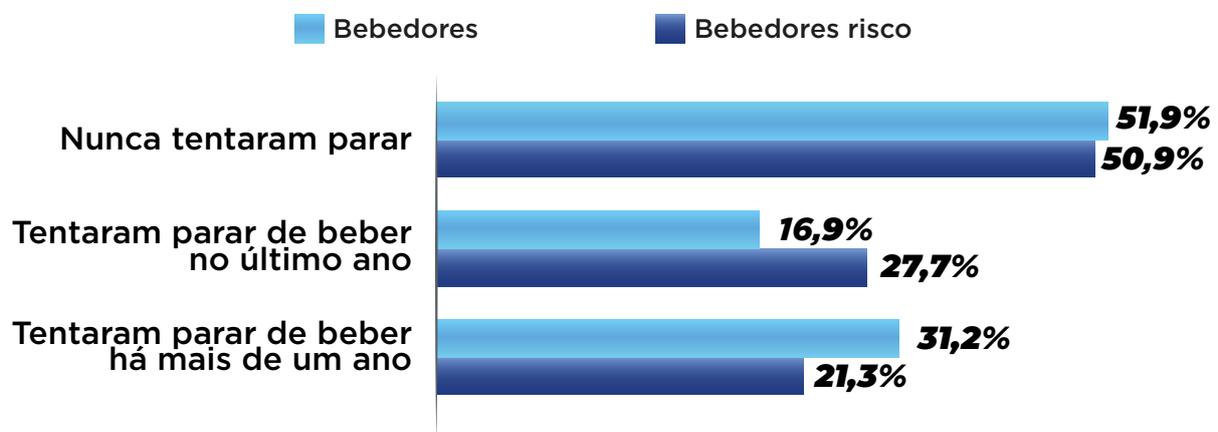
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

De modo geral, os resultados apontam para uma bimodalidade no perfil de motivação: uma parcela expressiva da população encontra-se em estágios de baixa motivação, possivelmente resistentes a mudanças ou ainda não conscientes dos riscos associados ao consumo; ao mesmo tempo, há um grupo de magnitude semelhante altamente motivado a alterar o comportamento. Essa heterogeneidade ressalta a importância de estratégias de intervenção diferenciadas, que considerem tanto os indivíduos mais receptivos a mudanças quanto aqueles que demandam maior sensibilização para os potenciais benefícios da redução do consumo.

Quando considerado o indicador de motivação para reduzir ou cessar o consumo de bebidas alcoólicas estratificado segundo padrão de risco de consumo definido pela escala AUDIT, entre os bebedores em padrão de risco, 41,4% (IC95%: 37,3-45,6) relataram já ter considerado interromper o consumo, contra 41,3% (IC95%: 38,5-44,2) entre aqueles sem padrão de risco, apresentando uma proporção praticamente idêntica.

Ao observar o histórico de tentativas de cessar o consumo de bebidas alcoólicas, mais da metade dos participantes (51,9%; IC95%: 49,7-54,1) relataram nunca ter tentado parar de beber. Entre aqueles que já tentaram, 16,9% (IC95%: 15,6-18,3) afirmaram ter feito essa tentativa no último ano, enquanto 31,2% (IC95%: 29,5-32,9) relataram ter tentado em algum momento anterior. Esses achados sugerem que, embora exista uma parcela significativa da população que nunca buscou modificar seu padrão de consumo, aproximadamente um em cada dois participantes já tentou interromper o uso de álcool ao menos uma vez, o que indica certa percepção de necessidade de mudança.

Gráfico 25 - Prevalências das pessoas que já fizeram alguma tentativa de parar de beber bebidas alcoólicas, na população geral. LENAD III, 2023.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra bebedores LENAD III N =5.661

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

4.5.1 Busca por tratamento

A proporção de pessoas que já buscaram algum tipo de ajuda para interromper o consumo de álcool é reduzida, mesmo entre aqueles com indicadores de risco ou diagnóstico de transtorno. Entre os bebedores em geral, 98,2% nunca haviam procurado tratamento, percentual semelhante ao observado entre aqueles que apresentaram algum nível de risco segundo o AUDIT (96,3%) e entre os que preencheram critérios para transtorno por uso de álcool (95,2%).

Tabela 19 - Prevalências das pessoas que já fizeram algum tipo de tratamento para parar de beber bebidas alcoólicas, na população geral, entre pessoas com algum risco na escala AUDIT e pessoas com diagnóstico de TUA.

Buscou tratamento para parar de beber	Bebedores			Algum Risco Audit			TUA		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Nunca	98,2	97,8	98,5	96,3	95,0	97,3	95,2	92,3	97,0
No último ano	0,5	0,4	0,8	1,5	1,0	2,4	1,9	1,0	3,5
Há mais de um ano	1,3	1,0	1,5	2,2	1,5	3,1	2,9	1,6	5,2

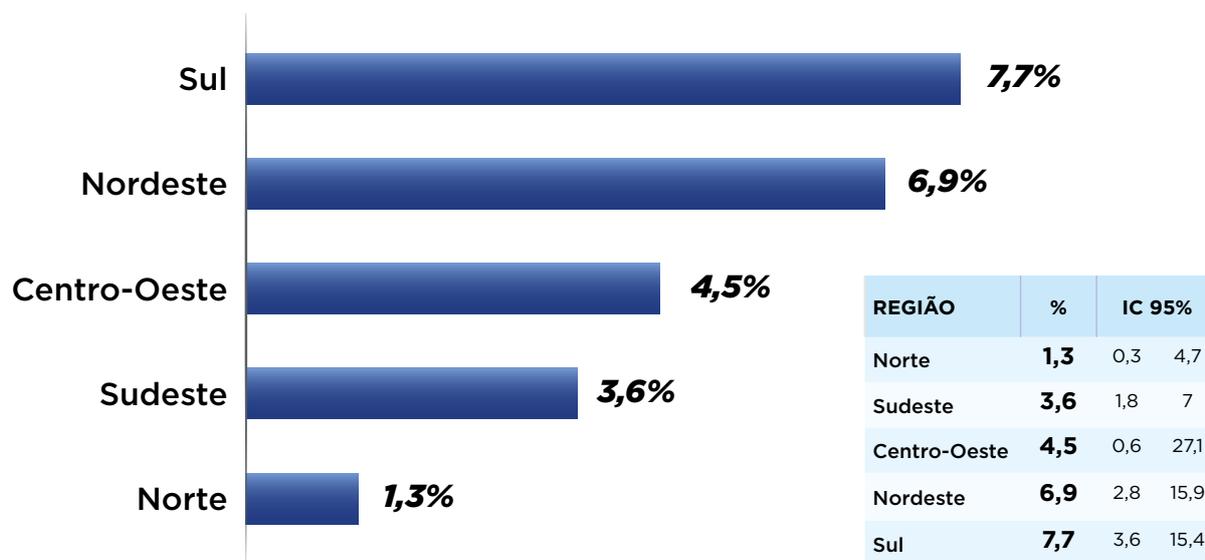
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
Amostra bebedores LENAD III N =5.661
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Menos de 2% dos indivíduos com diagnóstico de Transtorno por Uso de Álcool (TUA) buscaram algum tratamento para interromper o consumo no último ano, o índice fica abaixo de 3% para busca de ajuda há mais de um ano. Entre os ex-bebedores esse índice é levemente mais alto, atingindo 2,1% (IC95%: 1,5-2,8). De forma geral, menos de 5% dos indivíduos que sofrem de alcoolismo no Brasil já fizeram algum tratamento pelo menos alguma vez na vida (4,8%; IC 95%: 3,0-7,7).

Esse padrão sugere que, embora a gravidade do uso e seus impactos aumentem a probabilidade de busca por cuidado, o acesso efetivo a tratamento especializado ainda é bastante limitado, refletindo uma lacuna importante entre necessidade e assistência disponível.

A busca por tratamento entre alcoolistas varia bastante entre as macrorregiões brasileiras, com maiores índices

Gráfico 26 - Prevalências de histórico de busca por tratamento entre alcoolistas nas macrorregiões brasileiras, LENAD III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Intervalos de confiança de 95% (método de linearização de Taylor);
 Amostra bebedores LENAD III N =5.661
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Entre os indivíduos com transtorno por uso de álcool, a distribuição regional do histórico de busca por tratamento mostra contrastes importantes. A menor prevalência foi observada no Norte, com apenas 1,3% relatando já ter procurado ajuda, enquanto os maiores percentuais apareceram no Sul (7,7%) e no Nordeste (6,9%). Esses resultados sugerem desigualdades regionais no padrão de procura por tratamento entre alcoolistas. No entanto, devido às limitações amostrais, os intervalos de variação são amplos e as interpretações devem ser feitas com cautela.

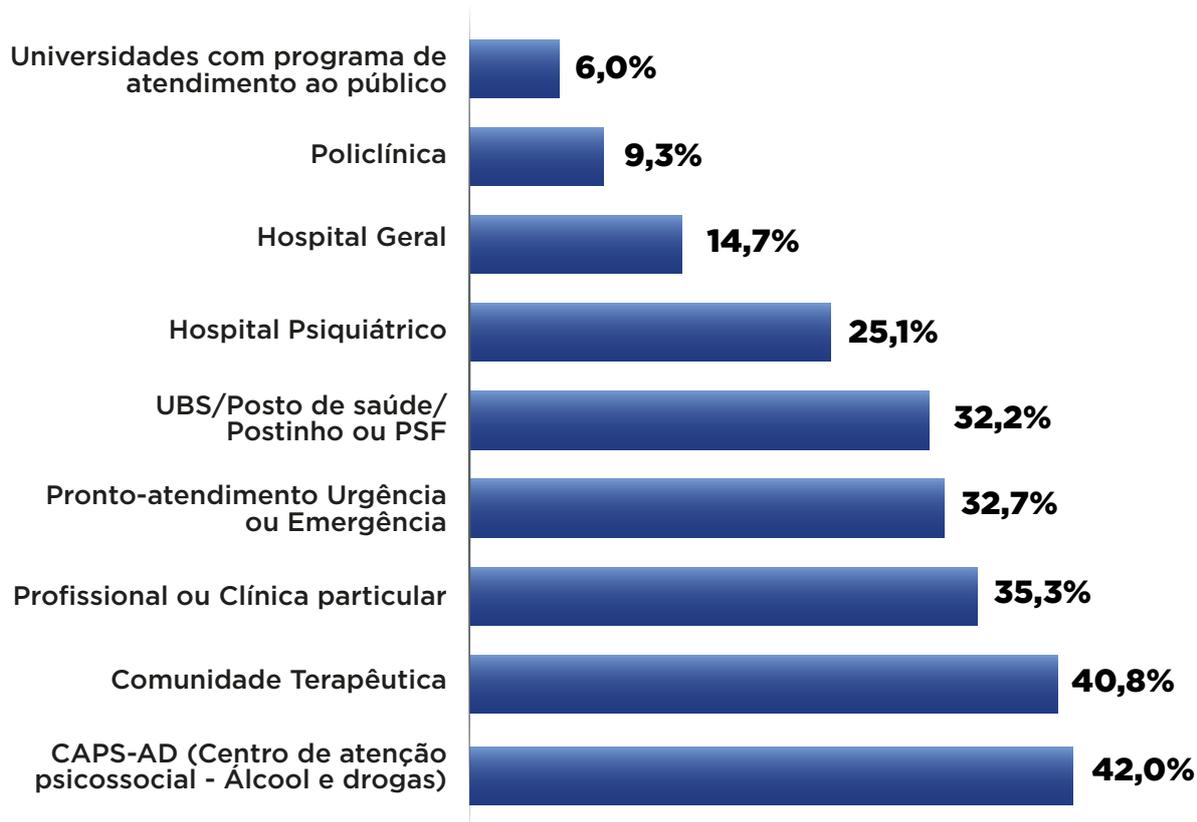
4.5.2 Uso de rede de serviços e apoio para tratamento de problemas relacionados ao consumo de álcool

Entre os indivíduos que já buscaram tratamento para interromper o consumo de álcool, o CAPS-AD (42,0%; IC95%: 32,8-51,8) aparece como o serviço mais frequentemente citado, confirmando seu papel central como principal equipamento do Sistema Único de Saúde (SUS) para o cuidado de pessoas com Transtorno por Uso de Álcool e outras drogas.

Outros serviços formais da rede pública também foram mencionados com frequência relevante, como as unidades básicas de saúde e programas

de saúde da família (32,2%; IC95%: 24,6–40,9) e os serviços de pronto-atendimento públicos (23,3%; IC95%: 15,0–34,3). Hospitais psiquiátricos públicos (17,5%; IC95%: 11,4–26,0) e hospitais gerais (14,7%; IC95%: 9,3–22,5) tiveram prevalências menores, enquanto policlínicas e centros de especialidades (9,3%; IC95%: 5,3–15,8) e universidades com programas de atendimento ao público (6,0%; IC95%: 2,6–13,5) foram pouco citados.

Gráfico 27 - Distribuição* dos serviços utilizados entre bebedores que referiram ter buscado tratamento para interromper consumo.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Amostra bebedores LENAD III N =5.661

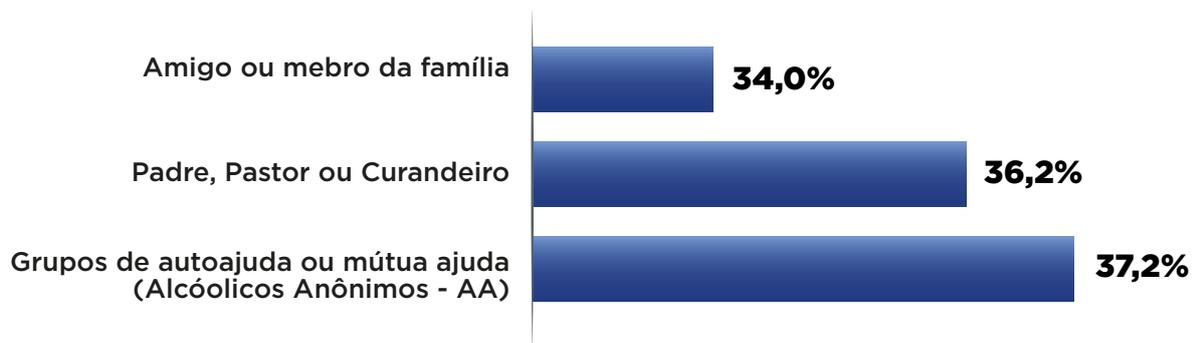
* Categorias não exclusivas, os respondentes podiam selecionar mais de uma opção de resposta.
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Além disso, modalidades de tratamento fora da rede pública também foram relatadas, como clínicas ou profissionais particulares (35,3%; IC95%: 26,2–45,5), comunidades terapêuticas públicas (24,6%; IC95%: 15,9–36,0) e privadas (16,2%; IC95%: 9,1–27,3), bem como hospitais psiquiátricos privados (7,5%; IC95%: 3,4–15,8) e pronto-atendimentos particulares (9,5%; IC95%: 5,3–16,4).

No campo das estratégias comunitárias e sociais, observa-se a importância de recursos de apoio fora do sistema formal de saúde. Grupos de autoajuda como Alcoólicos Anônimos (37,2%; IC95%: 28,4–46,8) figuram entre as opções mais mencionadas, seguidos pela busca de suporte espiritual junto a padres,

pastores ou curandeiros (36,2%; IC95%: 27,6–45,9). O apoio oferecido por familiares e amigos (34,0%; IC95%: 25,3–43,9) também se destaca como uma das principais formas de auxílio, evidenciando a relevância das redes sociais de cuidado na trajetória de enfrentamento dos problemas relacionados ao álcool.

Gráfico 28 - Distribuição* das estratégias utilizadas entre bebedores que já buscaram ajuda para interromper consumo. LENAD III.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra bebedores LENAD III N =5.661

* Categorias não exclusivas, os respondentes podiam selecionar mais de uma opção de resposta.

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

De modo geral, os resultados revelam que tanto os serviços especializados do SUS quanto as estratégias comunitárias e sociais ocupam posição central na busca de tratamento, enquanto modalidades privadas e outros serviços apresentam prevalências mais baixas. Contudo, as estimativas referentes a serviços de menor frequência devem ser interpretadas com cautela, em razão das limitações do tamanho amostral.

4.6 Abstinência Alcoólica

No LENAD III, a categoria de abstinência compreende tanto os indivíduos que nunca consumiram bebidas alcoólicas quanto aqueles classificados como ex-bebedores. Estes últimos correspondem a pessoas que já haviam consumido álcool em algum momento da vida, mas não o fizeram no ano anterior à pesquisa. No total, 18,6% (IC95%: 17,7–19,6) da população brasileira com 14 anos ou mais declarou já ter consumido álcool, mas não no último ano. Para fins analíticos, a definição de ex-bebedores adota um critério mais

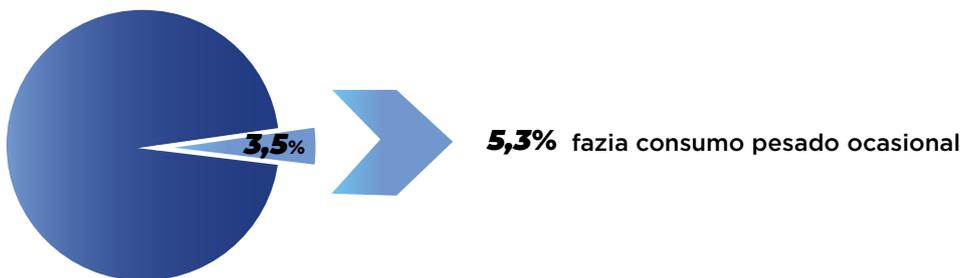
restritivo, excluindo consumidores eventuais e considerando apenas aqueles que mantiveram, em algum momento da vida, um padrão de uso regular (ao menos mensal). Sob essa definição, a proporção de ex-bebedores no país é estimada em 14,1% (IC95%: 13,4-15,0).

Gráficos 29 - Proporções de ex-bebedores na população brasileira adulta (18 anos ou mais) e adolescente (14 a 17 anos).

**Ex-Bebedores
População adulta**



**Ex-Bebedores
População adolescentes**



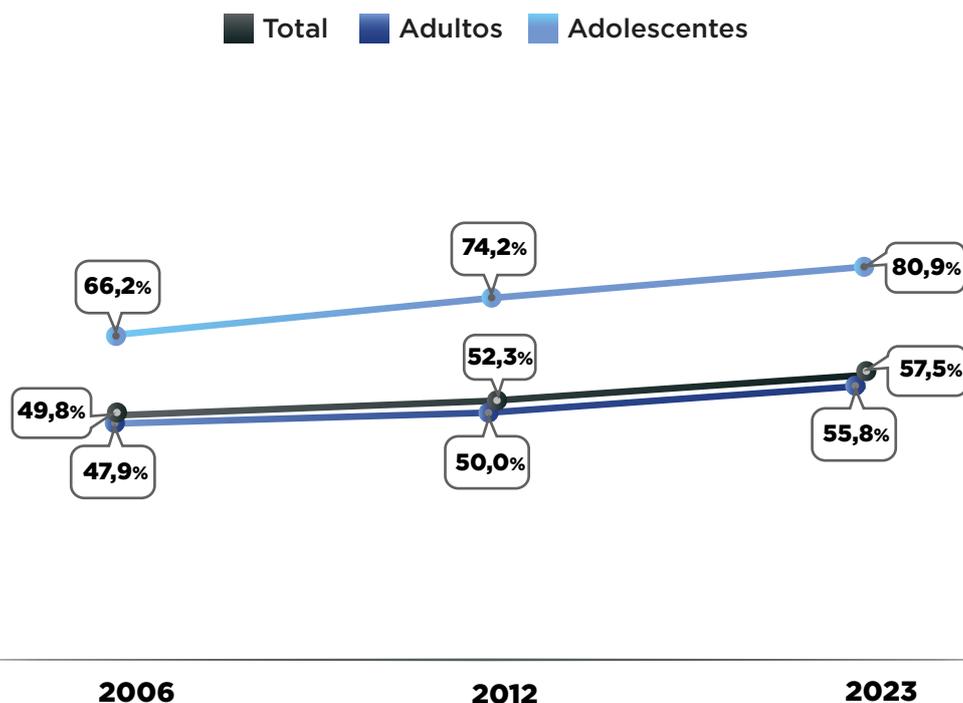
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Nota-se que o abandono de um padrão consolidado de uso de álcool é mais frequente em fases posteriores da vida, dessa forma a prevalência de ex-bebedores é substancialmente maior entre adultos, alcançando 14,9% (IC95%: 13,4-15,0). Destaca-se, porém, o resultado observado na população adolescente (14 a 17 anos), que, apesar de não ter atingido a idade legal para o consumo de bebidas alcoólicas, já apresenta proporções mensuráveis de ex-bebedores, com 3,5% (IC95%: 2,8-4,4).

O padrão de consumo entre os ex-bebedores também foi analisado na terceira edição do LENAD, os resultados obtidos mostram que, entre adultos,

o consumo médio em uma ocasião foi de quase 6 doses (5,9; IC95%: 5,2-6,5), com quase um quarto dos ex-bebedores referindo fazer consumo pesado episódico (24,9%; IC95%: 22,5-27,5) e sendo referido por 5,3% (IC95%: 2,9-9,6) dos ex-bebedores adolescentes.

Gráfico 30 - Prevalências de abstinentes na população em 2006 (LENAD I), 2012 (LENAD II) e 2023 (LENAD III), por grupo etário. LENAD III.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Estima-se que 57,5% (IC95%: 55,7-59,3) da população brasileira com 14 anos ou mais seja classificada como abstinentes, o que corresponde a aproximadamente 116,7 milhões de indivíduos que referiram nunca ter consumido bebidas alcoólicas ou não terem ingerido nenhuma quantidade nos 12 meses anteriores à pesquisa. Esse contingente é ainda mais expressivo entre adolescentes de 14 a 17 anos, onde a maioria (80,9%) se declararam abstinentes, enquanto entre adultos a proporção foi de um pouco mais da metade da população (55,8%).

5

Comparações Intertemporais



5. Comparações Intertemporais

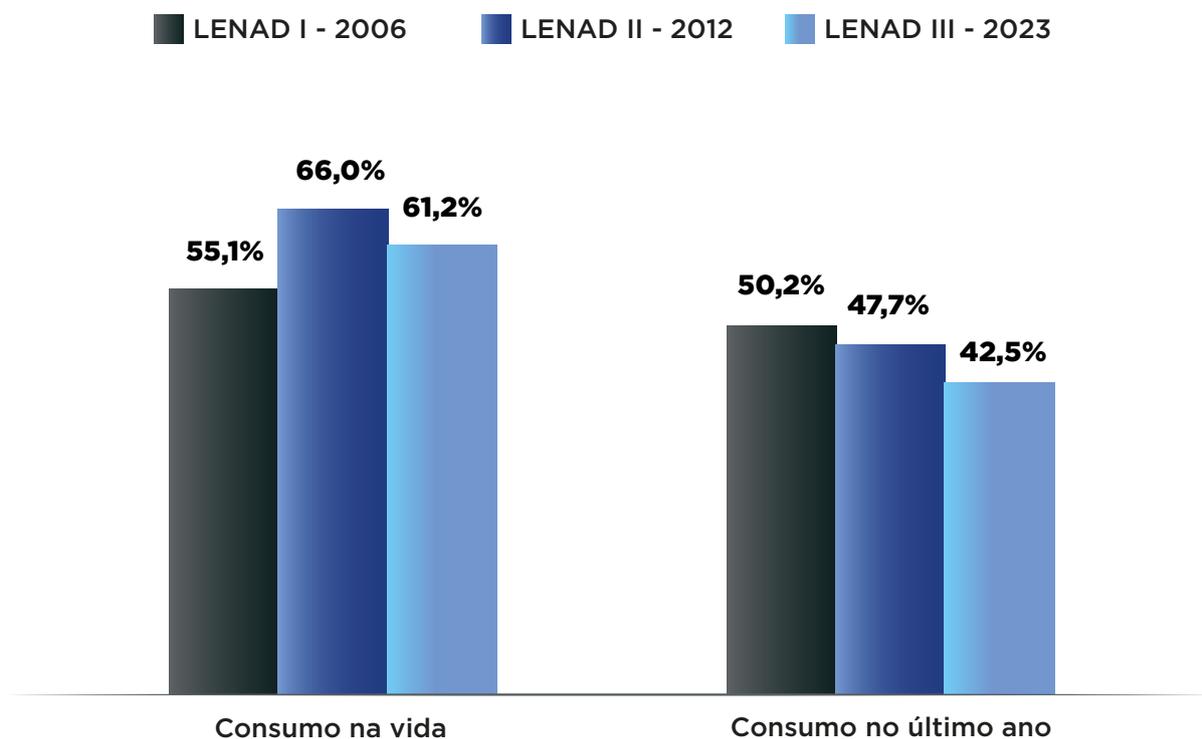
5.1 Comparações Intertemporais dos Indicadores de Consumo

Para fins de comparação temporal, o LENAD adota os indicadores de consumo na vida e de consumo no último ano (referente aos 12 meses anteriores à entrevista), por constituírem medidas universais consistentes e diretamente comparáveis entre as diferentes edições do estudo.

Na interpretação desses resultados, é fundamental salientar que, embora seja possível identificar variações nas estimativas ao longo do período analisado, tais diferenças não devem ser entendidas como tendências lineares, em razão do longo intervalo entre as coletas. Essa cautela é especialmente relevante na última década, marcada por transformações estruturais e ambientais significativas — como a pandemia de COVID-19 — que podem ter influenciado os padrões de consumo da população.

A análise do consumo de álcool na população brasileira com 14 anos ou mais mostra dinâmicas distintas entre os indicadores avaliados. O consumo na vida apresentou um movimento de oscilação: cresceu entre 2006 (55,1%) e 2012 (66,0%) e, em seguida, sofreu uma redução significativa em 2023, para 61,2%, permanecendo, contudo, acima da prevalência inicial observada em 2006. Já o indicador de consumo recente apresentou reduções discretas e contínuas ao longo do período, chegando a 42,5% em 2023.

Gráfico 31 - Prevalências dos indicadores de consumo de álcool na população total. LENAD I, II e III.



Consumo de álcool	LENAD II 2012			LENAD III 2023			LENAD III 2023		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Total de Adultos	55,1	52,4	57,8	66,0	63,8	68,2	61,2	59,2	63,1
Masculino	50,2	47,7	52,8	47,7	45,5	50,0	42,5	40,7	44,3

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

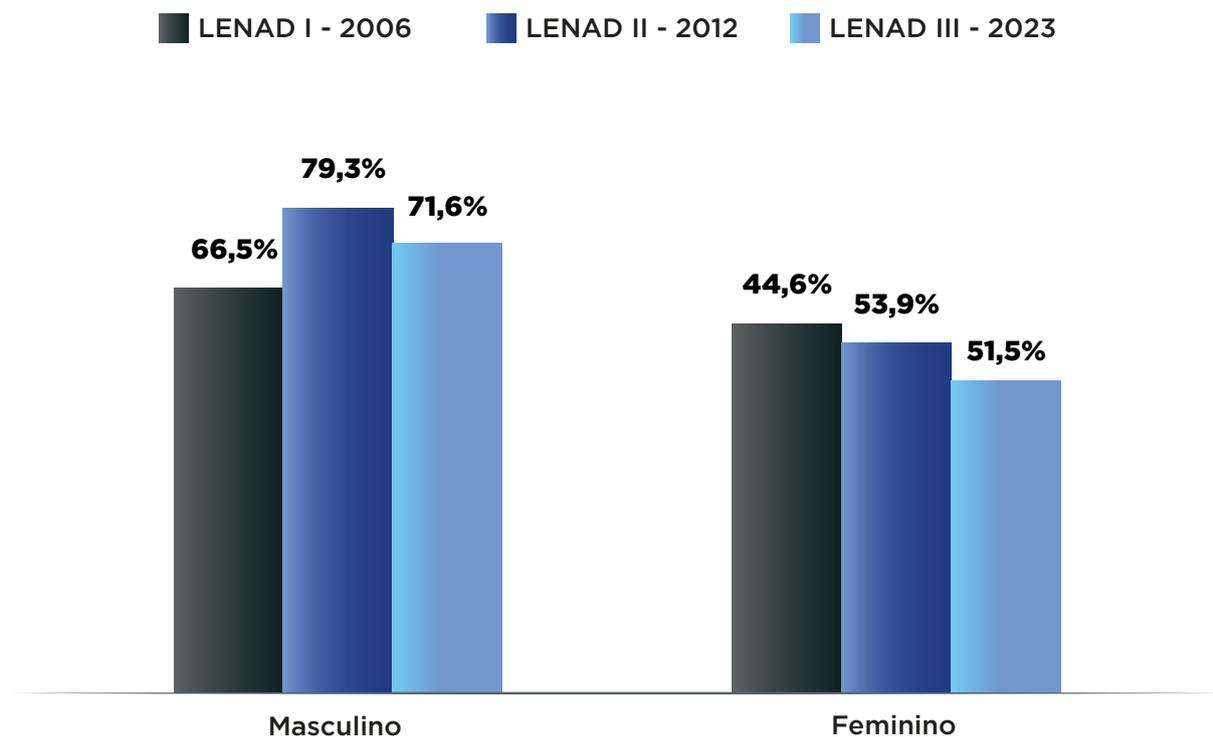
As estratificações por sexo e grupos etários são fundamentais para compreender essa dinâmica, uma vez que os padrões de variação se apresentam de forma distinta, especialmente entre os sexos.

Embora as prevalência de consumo tenham diminuído em ambos os sexos, a queda foi mais acentuada entre os indivíduos do sexo masculino (71,6%; IC95%: 69,5–73,5), enquanto os do sexo feminino apresentaram redução mais discreta (51,5%; IC95%: 49,1–53,8).

Quando estratificados por sexo, os resultados mostram que, embora as prevalências de consumo na vida tenham diminuído em ambos os grupos,

a queda foi mais acentuada entre os indivíduos do sexo masculino, que passaram de 79,3% (IC95%: 76,7-81,6) em 2012 para 71,6% (IC95%: 69,5-73,5) em 2023, diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$). Já entre os indivíduos do sexo feminino, a redução foi mais discreta, variando de 53,9% (IC95%: 51,0-56,8) em 2012 para 51,5% (IC95%: 49,1-53,8) em 2023, diferença não estatisticamente significativa.

Gráfico 32 - Distribuição de indicadores de consumo de álcool na vida para a população total estratificado por sexo. LENAD I, II e III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

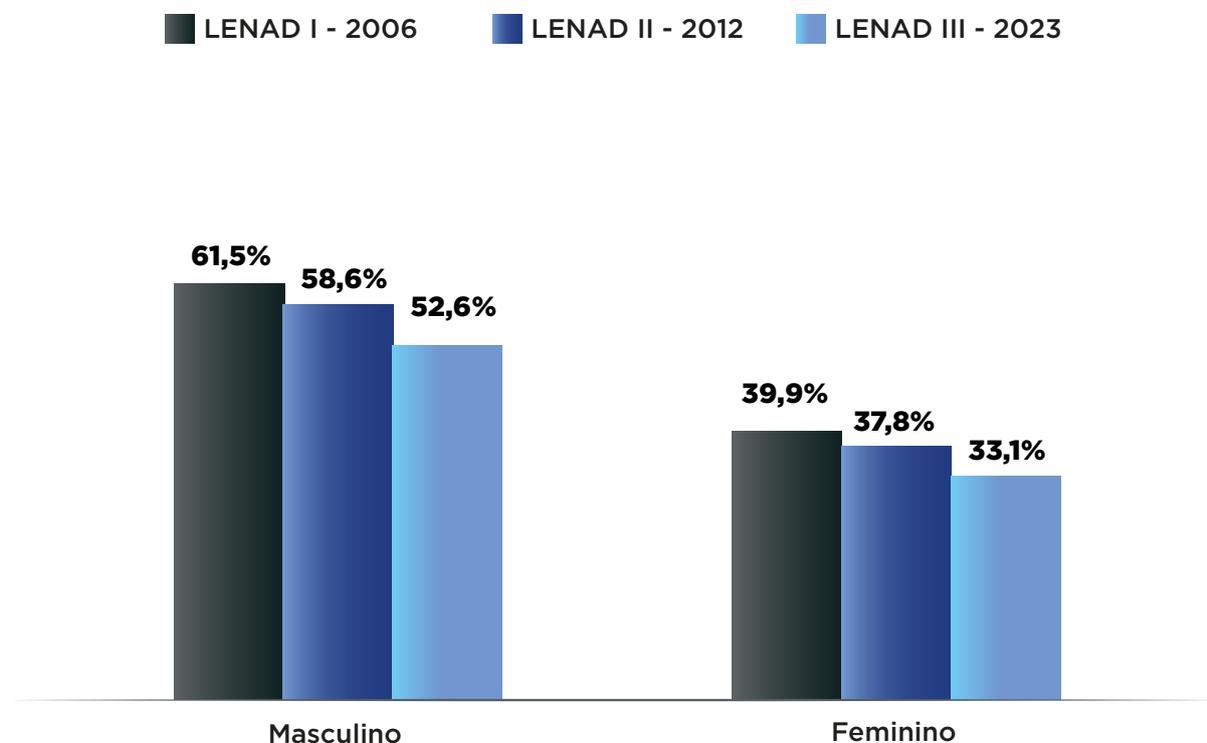
No que tange ao consumo de álcool no último ano, verificou-se uma trajetória de declínio contínuo ao longo das três edições do LENAD. Na população total (14 anos ou mais), a prevalência passou de 50,2% (IC95%: 47,7-52,8) em 2006 para 47,7% (IC95%: 45,5-50,0) em 2012, chegando a 42,5% (IC95%: 40,7-44,3) em 2023. A redução entre 2012 e 2023 foi estatisticamente significativa ($p < 0,05$).

O consumo de álcool no último ano permanece mais elevado entre os homens em todas as edições do LENAD. Em 2012, 58,6% (IC95%: 55,7-61,4)

dos homens relataram uso recente, proporção significativamente superior à observada entre as mulheres (37,8%; IC95%: 35,2-40,4).

Em 2023, embora tenha ocorrido redução em ambos os sexos, essa diferença se manteve: 52,6% (IC95%: 50,4-54,8) no sexo masculino contra 33,1% (IC95%: 31,1-35,1) no feminino. No período, a prevalência masculina apresentou uma queda relativa de 10,2% ($p=0,02$; teste de Rao-Scott), enquanto no sexo feminino a redução foi de 12,4% ($p=0,04$; teste de Rao-Scott).

Gráfico 33 - Prevalências de indicadores de consumo de álcool no último ano para a população total estratificado por sexo. LENAD I, II e III

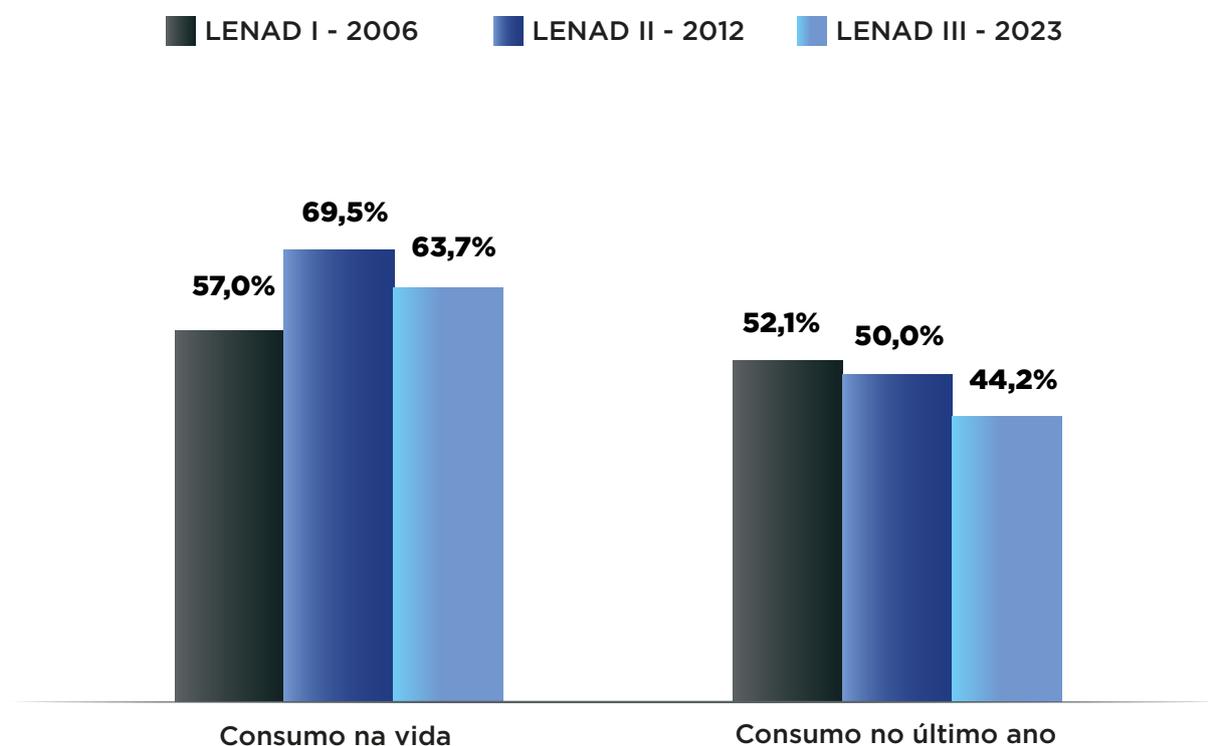


Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

5.1.1 Comparações Intertemporais do Consumo entre Adultos

As variações nos indicadores de consumo de álcool na vida e consumo no último ano observadas na população adulta (18 anos ou mais) replicam o padrão identificado na amostra total. No que se refere ao consumo na vida, a população adulta apresentou um aumento expressivo entre o LENAD I (2006), com 57,0% (IC95%: 54,1–59,8), e o LENAD II (2012), com 69,5% (IC95%: 67,1–71,8). Esse crescimento foi seguido de uma redução significativa no LENAD III (2023), quando a prevalência caiu para 63,7% (IC95%: 61,7–65,6), indicando uma retração recente após o crescimento registrado entre as duas primeiras edições. Esses resultados indicam um processo de expansão do consumo entre 2006 e 2012, seguido por retração significativa entre 2012 e 2023. Ainda assim, as prevalências atuais permanecem acima dos níveis observados em 2006. A redução registrada no período mais recente foi estatisticamente significativa (Rao-Scott $\chi^2=18,33$; $p<0,001$).

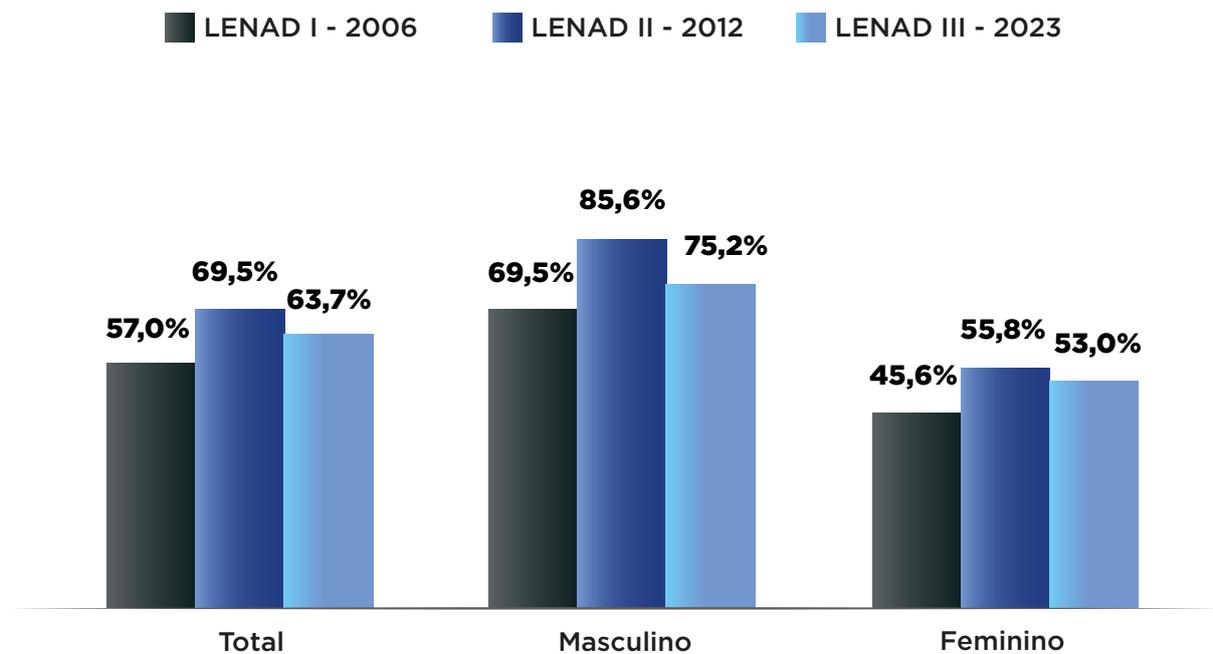
Gráfico 34 - Prevalências de indicadores de consumo de álcool para a população adulta. LENAD I, II e III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Quando estratificado por sexo, observa-se que os valores foram consistentemente mais elevados entre indivíduos do sexo masculino tanto para o consumo na vida quanto para o consumo no último ano. No consumo na vida, a prevalência entre o sexo masculino passou de 69,5% (IC95%: 65,6–73,1) em 2006 para 85,6% (IC95%: 81,8–87,0) em 2012, reduzindo-se em 2023 para 75,2% (IC95%: 73,1–77,2), diferença estatisticamente significativa entre 2012 e 2023 ($p < 0,05$; teste qui-quadrado com correção de Rao-Scott). Entre o sexo feminino, os percentuais foram mais baixos em todos os períodos: 45,6% (IC95%: 42,2–49,0) em 2006, 55,8% (IC95%: 52,7–58,9) em 2012 e 53,0% (IC95%: 50,6–55,4) em 2023, sem diferença estatisticamente significativa entre 2012 e 2023.

Gráfico 35 - Distribuição de indicadores de consumo de álcool na vida para a população adulta, estratificado por sexo. LENAD I, II e III

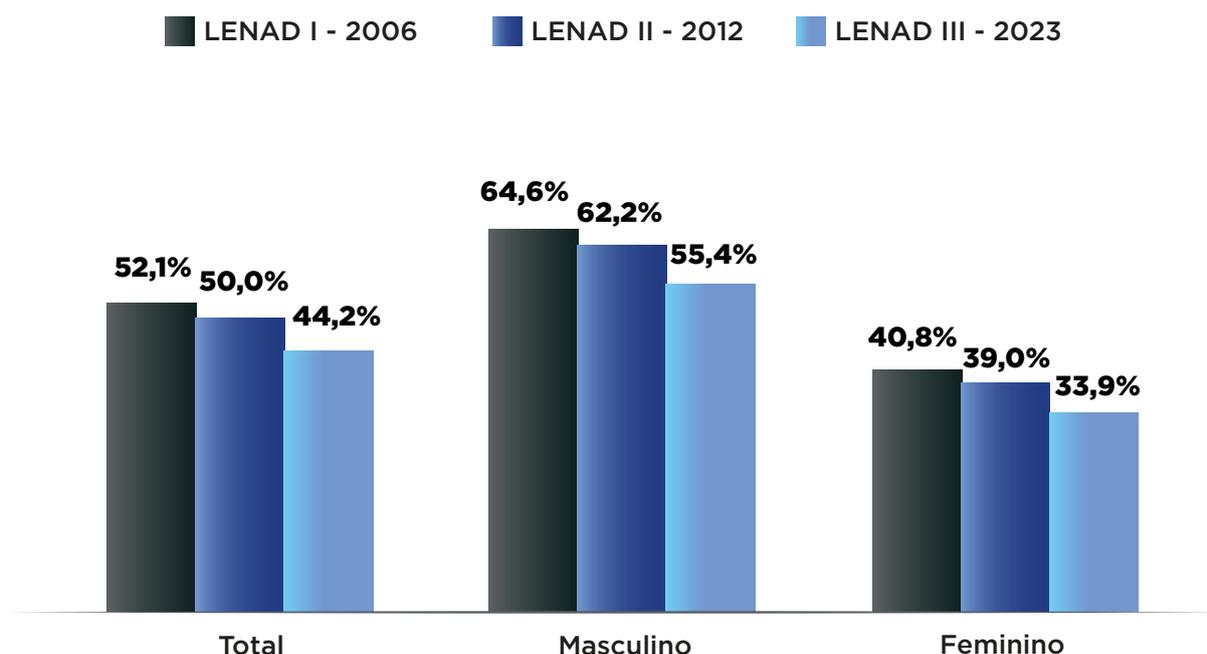


Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Em relação ao consumo no último ano, indicador de uso recente, a prevalência dos adultos do sexo masculino foi de 64,6% (IC95%: 60,8–68,3) em 2006, reduzindo para 62,2% (IC95%: 58,9–65,3) em 2012 e caindo de forma mais acentuada em 2023 para 55,4% (IC95%: 53,1–57,7). Essa redução entre 2012 e 2023 foi estatisticamente significativa ($p = 0,02$; teste qui-quadrado

com correção de Rao-Scott). O consumo recente entre ontre adultos do sexo feminino foi inferior em todas edições do levantamento, passando de 40,8% (IC95%: 37,5-44,1) em 2006 para 39,0% (IC95%: 36,3-41,8) em 2012 e chegando a pouco mais de um terço (33,9%; IC95%: 31,8-36,0) em 2023, diferença também estatisticamente significativa ($p=0,04$; teste qui-quadrado com correção de Rao-Scott).

Gráfico 36 - Prevalências dos indicadores de consumo de álcool no último ano para a população adulta, estratificado por sexo. LENAD I, II e III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

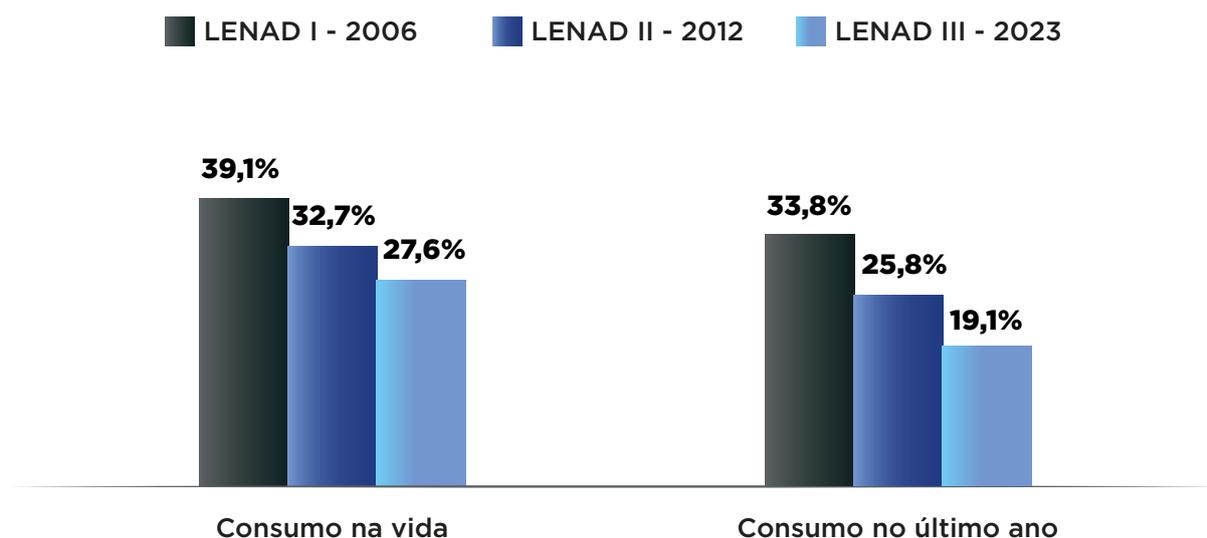
5.1.2 Comparações Intertemporais do Consumo entre Adolescentes

Entre os adolescentes (14 a 17 anos), observou-se um declínio contínuo tanto no consumo de álcool na vida quanto no uso no último ano ao longo das três edições do LENAD. Mais de um terço dos adolescentes já havia consumido bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida em 2006, com prevalência de 39,1% (IC95%: 34,3-44,1). Esse percentual caiu para 32,7% (IC95%: 29,2-36,4) em 2012 e atingiu 27,6% (IC95%: 25,3-30,1) em 2023, representando uma redução significativa entre 2012 e 2023 ($Q=10,55$; $p<0,001$). Cerca de

um terço dos adolescentes também havia feito consumo recente de bebidas alcoólicas em 2006 (33,8%; IC95%: 29,4–38,6), . Em 2012, essa proporção caiu para 25,8% (IC95%: 22,4–29,5) e chegou a 19,1% (IC95%: 17,3–21,1) em 2023. A queda no período mais recente também foi estatisticamente significativa (Q=21,79; p<0,001).

De forma semelhante, cerca de um terço dos adolescentes relatou consumo de bebidas alcoólicas no último ano em 2006 (33,8%; IC95%: 29,4–38,6). Em 2012, a proporção caiu para 25,8% (IC95%: 22,4–29,5) e chegou a 19,1% (IC95%: 17,3–21,1) em 2023. A redução entre 2012 e 2023 também foi estatisticamente significativa (Q=21,79; p<0,001).

Gráfico 37 - Distribuição dos indicadores de consumo de bebidas alcoólicas (uso na vida e no último ano) entre adolescentes (14 a 17 anos). LENAD I, II e III .

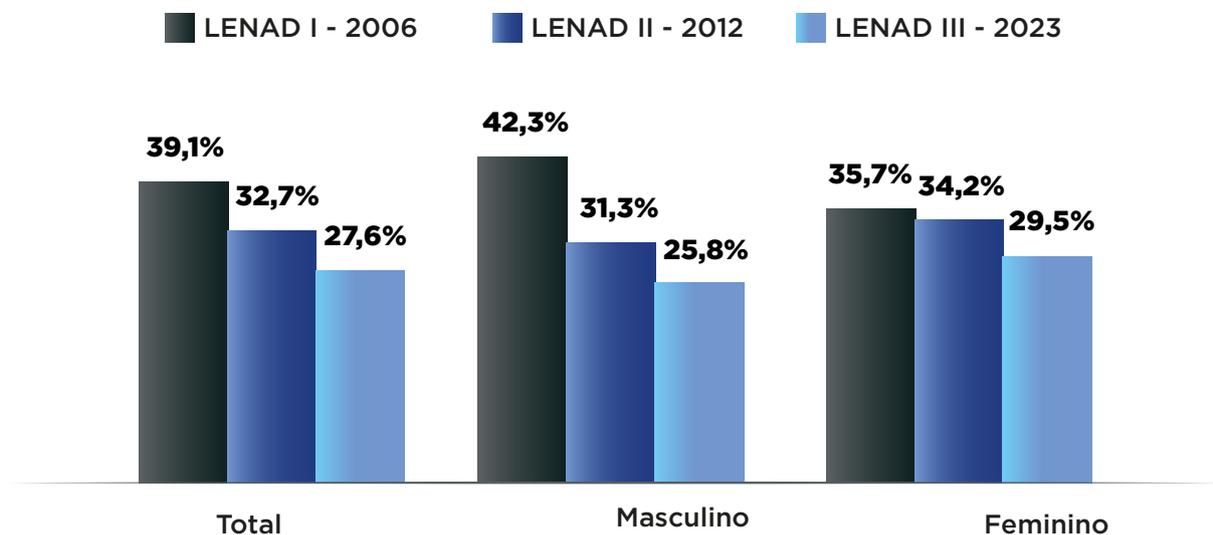


Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Ao estratificar os resultados por sexo, observa-se entre os adolescentes um padrão distinto do verificado nos adultos. Enquanto na população adulta o consumo de álcool é consistentemente mais elevado no sexo masculino, entre os adolescentes ocorre uma inversão desse quadro, com prevalências maiores entre as meninas, tanto para o consumo na vida quanto para o uso no último ano.

No consumo na vida, a proporção de meninos que já havia experimentado bebidas alcoólicas foi de 42,3% (IC95%: 36,4-48,5) em 2006, caindo para 31,3% (IC95%: 26,6-36,5) em 2012 e chegando a 25,8% (IC95%: 23,1-28,8) em 2023. Entre as meninas, os percentuais foram de 35,7% (IC95%: 29,4-42,6) em 2006, 34,2% (IC95%: 29,2-39,5) em 2012 e 29,5% (IC95%: 26,4-32,8) em 2023. A queda entre 2012 e 2023 foi estatisticamente significativa apenas entre os meninos (Q=13,06; p<0,001), não se verificando diferença significativa entre as meninas (Q=2,10; p=0,12).

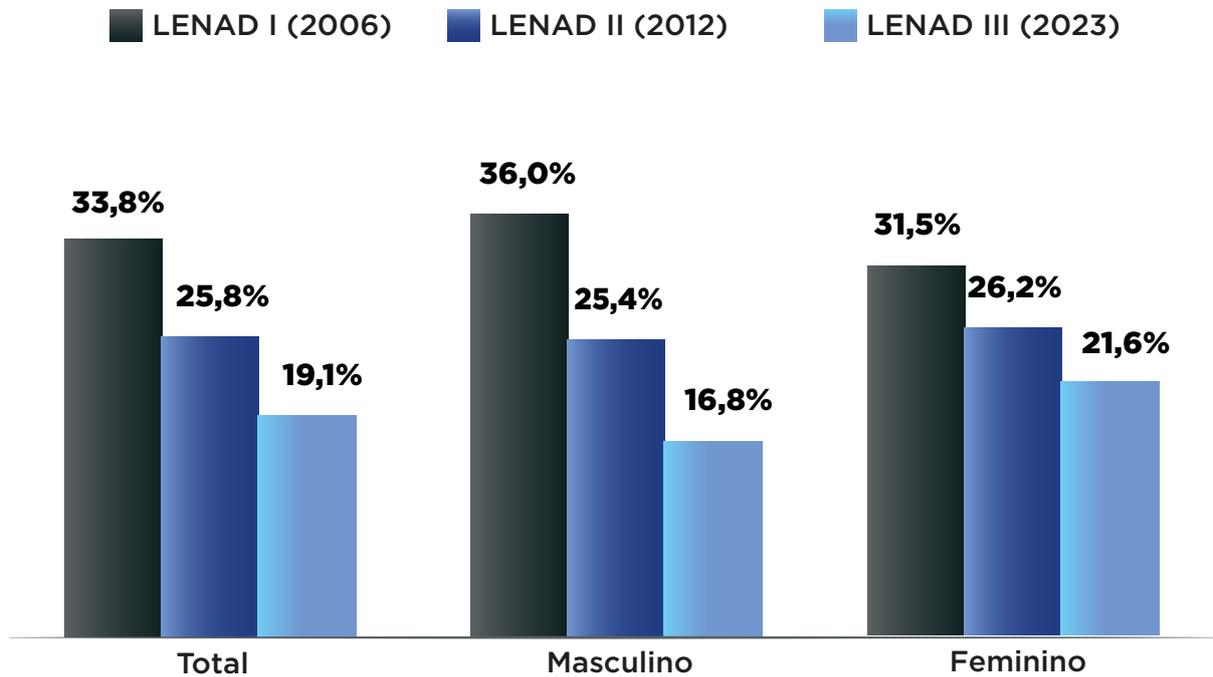
Gráfico 38 - Distribuição do consumo de álcool na vida para a população adolescente e segundo sexo. LENAD I, II e III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Quanto ao consumo recente, mais de um terço dos meninos relatava consumo em 2006 (36,0%; IC95%: 30,2-42,3), caindo para 26,2% (IC95%: 21,7-31,4) em 2012 e para 16,8% (IC95%: 14,5-19,2) em 2023. Entre as meninas, os valores foram de 31,5% (IC95%: 25,7-38,0) em 2006, 25,4% (IC95%: 20,9-30,5) em 2012 e 21,6% (IC95%: 19,0-24,4) em 2023. A redução entre 2012 e 2023 foi significativa em ambos os sexos (Q=22,80; p<0,001 para meninos; Q=4,99; p=0,007 para meninas).

Gráfico 39 - Distribuição do consumo de álcool no último ano para a população adolescente e segundo sexo. LENAD I, II e III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Embora a queda do consumo de álcool no último ano entre adolescentes tenha sido significativa para ambos os sexos ao longo da série histórica, a redução foi mais sutil entre o sexo feminino. Entre 2006 e 2012, as meninas passaram a apresentar prevalências semelhantes às dos meninos e, em 2023, registraram valores significativamente mais elevados em relação aos adolescentes do sexo masculino. Esse resultado reforça a inversão do padrão observado nos adultos, nos quais o consumo permanece consistentemente maior no sexo masculino.

Tabela 20 - Variações das prevalências de consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes

Uso na vida/ experimentação	2006	2012	2006 x 2012		2023	2012 x 2023	
	Prevalência (%) (IC95%)	Prevalência (%) (IC95%)	Diferença relativa percentual	Significância Estatística (Valor de p)	Prevalência (%) (IC95%)	Prevalência (%) (IC95%)	Significância Estatística (Valor de p)
Meninos	69,5% (65,6-73,1)	85,6% (81,8-87,0)	(+) 23%	Aumento Significativo (p<0,01)	75,2% (73,1-77,2)	(-) 12%	Redução significativa (p<0,01)
Meninas	45,6% (42,2-49,0)	55,8% (52,7-58,9)	(+) 22%	Aumento Significativo (p<0,05)	53,0% (50,6-55,4)	(-) 5%	Diferença não significativa (p=0,09)
Uso recente / último ano	2006	2012	2006 x 2012		2023	2012 x 2023	
	(%) (IC95%)	(%) (IC95%)	Diferença relativa percentual	Significância Estatística	(%) (IC95%)	Diferença relativa percentual	Significância Estatística
Meninos	42,3% (36,4-48,5)	31,3% (26,6-36,5)	(-) 26	Redução Significativa (p<0,05)	25,8% (23,1-28,8)	(-) 18%	Redução Significativa (p<0,05)
Meninas	35,7% (29,3-42,6)	34,2% (29,2-39,6)	(-) 4%	Diferença não significativa (p=0,34)	29,5% (26,4-32,8)	(-) 5%	Diferença não significativa (p=0,21)

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Significância estatística calculada através do Teste Qui-quadrado com correção de Rao-Scott para amostras complexas.

Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

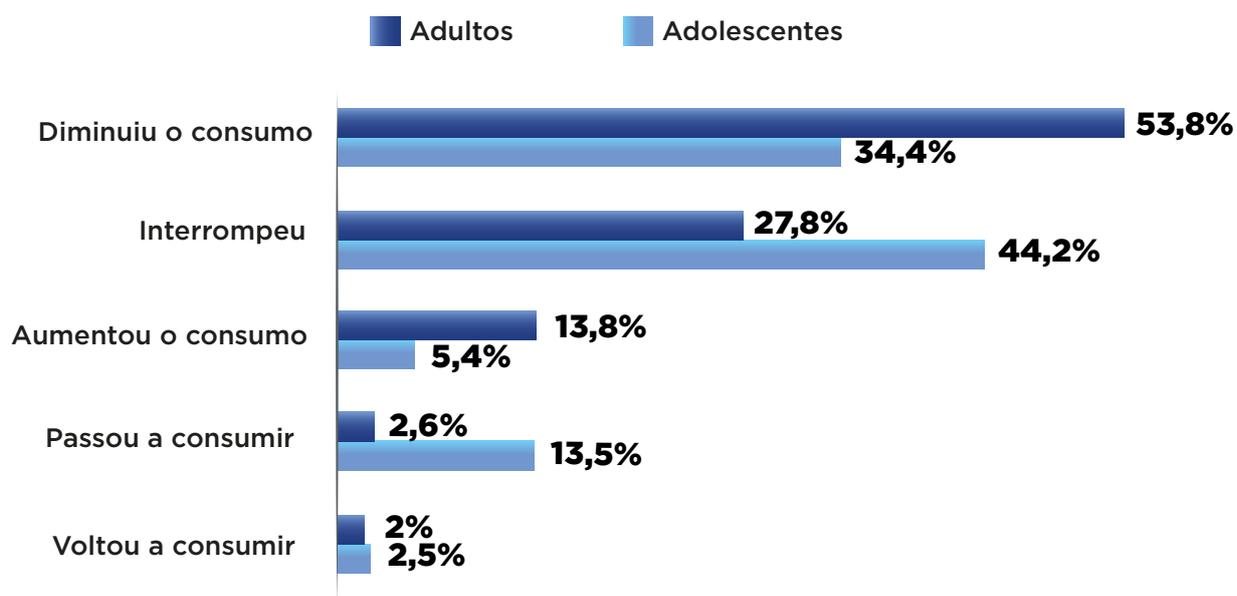
5.1.3 Impacto da Pandemia da COVID-19 no consumo de bebidas alcoólicas

A estratégia metodológica de incluir um indicador retrospectivo de consumo no ano anterior à pandemia (2019) permitiu reduzir potenciais vieses na interpretação do uso de álcool no último ano, considerando que 2022 representou um período atípico. Essa abordagem possibilitou avaliar com maior precisão não apenas a evolução histórica do consumo, em especial entre adolescentes, mas também os efeitos específicos da pandemia sobre os padrões de uso de bebidas alcoólicas.

Quase um terço dos adolescentes de 14 a 17 anos (32,9%; IC95%: 29,1-37,0) declarou que a pandemia afetou seu consumo de bebidas alcoólicas, proporção ligeiramente superior à observada entre os adultos (29,2%; IC95%: 27,5-30,9). Entre aqueles que relataram impacto, a distribuição dos efeitos foi distinta entre as faixas etárias. Nos adultos, predominou a redução do consumo, enquanto entre os adolescentes destacaram-se tanto a interrupção quanto o início do uso de bebidas alcoólicas, revelando padrões diferenciados de resposta à pandemia. A elevada proporção de adolescentes que afirmaram ter interrompido o consumo nesse período reforça a necessidade de interpretar com cautela os indicadores de uso recente nessa população, considerando, de forma complementar, as prevalências referentes ao ano anterior à pandemia (até março de 2020).

Os resultados mostram que quase um terço dos adolescentes de 14 a 17 anos (32,9%; IC95%: 29,1-37,0) declarou que a pandemia afetou seu consumo de bebidas alcoólicas, proporção ligeiramente superior à observada entre os adultos (29,2%; IC95%: 27,5-30,9). Entre aqueles que relataram impacto, os efeitos se distribuíram de maneira distinta entre as faixas etárias.

Gráfico 40 - Distribuição da natureza do impacto da Pandemia da COVID-19 no Consumo de Bebidas Alcoólicas entre indivíduos que relataram impacto



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra bebedores LENAD III N =5.661

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

De forma geral observa-se que, enquanto nos adultos predominou a redução, entre os adolescentes destacou-se tanto a interrupção quanto o início do consumo, revelando impactos diferentes da pandemia sobre os padrões de uso de álcool nas duas faixas etárias.

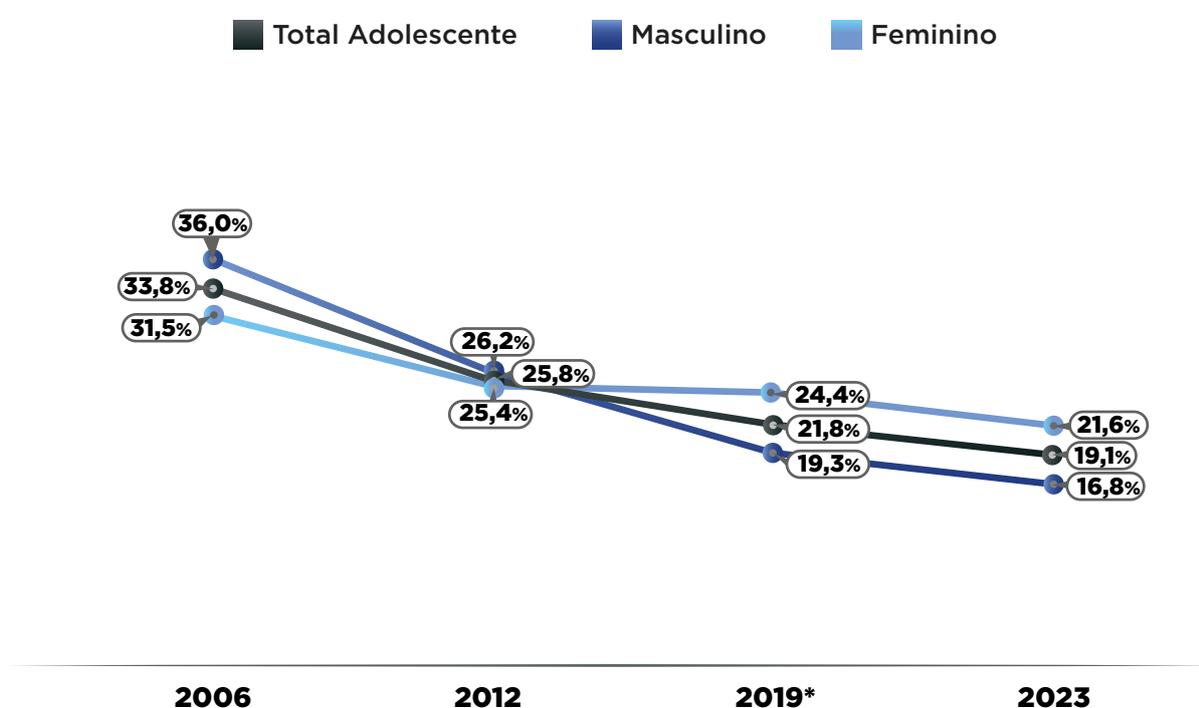
Entre os adultos, a maioria relatou ter reduzido o consumo (53,8%; IC95%: 50,7-56,8) ou parado de beber (27,8%; IC95%: 25,0-30,7), enquanto 13,8% (IC95%: 11,5-16,6) declararam que aumentaram a ingestão de bebidas alcoólicas. Proporções menores afirmaram ter passado a beber após a pandemia (2,6%; IC95%: 1,9-3,5) ou retomado o consumo (2,0%; IC95%: 1,3-3,1).

Já entre os adolescentes (14 a 17 anos), predominam as respostas associadas à interrupção do consumo, com 44,2% (IC95%: 37,4-51,1) afirmando ter parado de beber e 34,4% (IC95%: 28,1-41,4) relatando redução. Apenas 5,4% (IC95%: 2,9-9,6) indicaram aumento, mas chama atenção o contingente de 13,5% (IC95%: 9,6-18,9) que declarou ter iniciado o consumo durante a pandemia, proporção substancialmente superior à observada entre os adultos. Além disso, 2,5% (IC95%: 1,0-6,3) relataram ter retomado o uso.

A elevada proporção de adolescentes que relataram ter interrompido o consumo nesse período reforça a necessidade de interpretar com cautela

os indicadores de uso recente nessa população, considerando, de forma complementar, as prevalências referentes ao ano anterior à pandemia (até março de 2020).

Gráfico 41 - Consumo Recente de Bebida Alcoólicas entre Adolescentes



* Consumo reportado retrospectivamente sobre o ano antes da pandemia (“Até Março de 2020”)
 Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Tomando o indicador de uso até março de 2020 como marco de referência para o consumo de álcool em adolescentes, ou seja, um período sem a influência da pandemia, observa-se que 21,8% (IC95%: 19,8-23,9) dos jovens de 14 a 17 anos haviam consumido bebidas alcoólicas no último ano. Em 2023, essa proporção caiu para 19,1%, (IC95%: 17,2-21,1), sugerindo uma redução relativa de cerca de 12%. Esse declínio pode ser interpretado à luz dos achados sobre o impacto direto da pandemia na medida de que quase um terço dos adolescentes que já haviam bebido na vida relatou ter interrompido o consumo durante esse período. Esse dado reforça que a queda entre 2019 e 2023 não representa apenas uma tendência histórica de redução, mas reflete também o efeito da pandemia como fator de contenção do consumo nessa faixa etária.

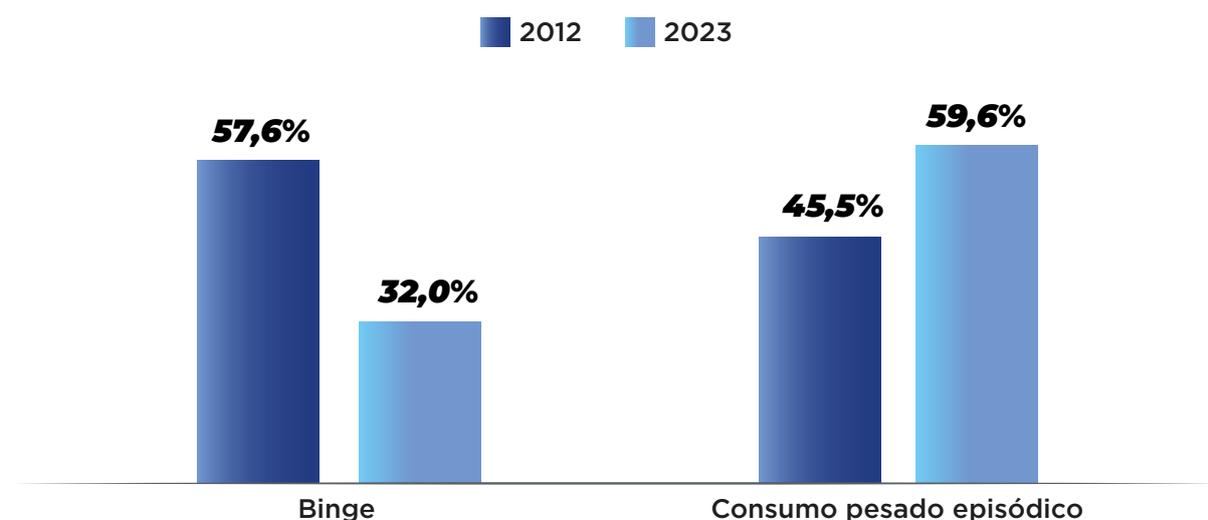


5.2 Comparações Intertemporais dos Indicadores de Consumo Pesado

O monitoramento de indicadores de padrão de consumo pesado de bebidas alcoólicas é fundamental para a compreensão da magnitude dos riscos associados ao uso da substância no Brasil. Esses indicadores, por captarem situações de ingestão em maior volume ou intensidade, apresentam prevalências superiores às observadas para transtornos clínicos diagnosticados e constituem preditores relevantes de desfechos adversos em saúde, como intoxicações agudas, acidentes, violência e complicações crônicas.

No LENAD, a incorporação progressiva desses indicadores possibilitou mensurar de forma mais abrangente a extensão do problema e aprimorar a capacidade comparativa do levantamento ao longo do tempo. Embora os indicadores centrais do LENAD tenham se mantido inalterados ao longo das edições, novos indicadores foram incorporados em consonância com o estabelecimento de métricas nacionais para avaliar padrões de consumo pesado. Em função dessas alterações metodológicas, a análise comparativa deste relatório prioriza os resultados das duas últimas edições, de 2012 e 2023. Na edição de 2006, o levantamento utilizou exclusivamente o indicador de binge drinking segundo a definição do NIAAA, o que restringe a comparabilidade direta com as métricas recentemente definidas pelo Ministério da Saúde.

Gráfico 42 - Comparação 2012 e 2023 dos indicadores de consumo pesado Beber em Binge e Consumo Pesado Episódico.



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Os indicadores de consumo pesado de álcool evidenciam mudanças contrastantes ao longo da última década, na medida que, enquanto indicador de BINGE, caracterizado pela ingestão rápida de grandes quantidades de álcool, teve uma redução significativa na última década (de 57,6% em 2012 para 32,0% em 2023), o indicador de CONSUMO PESADO EPISÓDICO, definido pela ingestão de altas quantidades, porém sem uma delimitação temporal precisa, aumentou, também significativamente no mesmo período (de 45,5% em 2012 para 59,6%).

Para fins de comparação entre as diferentes edições do LENAD, as métricas de consumo pesado foram calculadas apenas entre os indivíduos que referiram beber. Essa opção metodológica buscou evitar que as variações na proporção de bebedores ao longo do tempo mascarassem a real magnitude dos padrões de consumo pesado entre aqueles que de fato consomem álcool. Dessa forma, assegura-se que as estimativas reflitam de maneira mais precisa a intensidade e a nocividade do consumo dentro da população exposta, independentemente das flutuações no contingente de abstinentes.

BEBER EM “BINGE”

O indicador de consumo em binge avalia episódios de ingestão rápida - consumo de quatro (sexo feminino) ou cinco (sexo masculino) ou mais doses em até duas horas - geralmente associado a ocasiões sociais. Esse indicador apresentou variações expressivas ao longo das edições do LENAD. Na amostra total, observou-se um aumento de 48,9% em 2006 para 57,6% em 2012, seguido de uma queda significativa em 2023, quando a prevalência foi de 32,0%. A diferença entre 2006 e 2012 foi estatisticamente significativa ($p=0,035$), assim como a redução entre 2012 e 2023 ($p<0,001$). Ressalta-se que essas variações não devem ser interpretadas como tendências lineares, dado o extenso intervalo entre as edições do estudo. Na estratificação por sexo, o padrão binge foi consistentemente mais elevado no sexo masculino. Em 2006, 56,5% dos homens relataram esse tipo de consumo, proporção que subiu para 65,0% em 2012 e caiu para 35,5% em 2023. Entre mulheres, as prevalências foram mais baixas, mas seguiram a mesma trajetória: 38,7% em 2006, 47,1% em 2012 e 26,8% em 2023. Em ambos os sexos, a redução entre 2012 e 2023 foi estatisticamente significativa ($p<0,001$).

Tabela 21 - Distribuição do consumo binge para a população total e segundo sexo e grupo etário. LENAD I, II e III

Binge (entre bebedores)	LENAD I 2006			LENAD II 2012			LENAD III 2023		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Amostra total	48,9	44,7	53,1	57,6	54,1	61,0	32,0	29,9	34,2
Sexo	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Masculino	56,5	51,1	61,7	65,0	60,6	69,1	35,5	32,6	38,6
Feminino	38,7	33,5	44,2	47,1	42,3	51,9	26,8	24,5	29,1
Grupo etário	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Adolescentes	44,0	35,5	52,8	42,7	35,4	50,3	23,7	19,6	28,4
Adultos	49,3	44,9	53,7	58,4	54,8	61,9	32,3	30,2	34,5

Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Na análise etária, os adolescentes apresentaram valores elevados nos dois primeiros levantamentos (44,0% em 2006 e 42,7% em 2012), seguidos de redução acentuada em 2023, quando 23,7% relataram esse padrão. Entre os adultos, a prevalência passou de 49,3% em 2006 para 58,4% em 2012, caindo para 32,3% em 2023. A diferença entre 2006 e 2012 foi significativa apenas para adultos ($p=0,025$), enquanto a redução entre 2012 e 2023 alcançou significância estatística tanto para adolescentes quanto para adultos ($p<0,001$).

Consumo Pesado Episódico

Os resultados demonstraram um aumento significativo no padrão de consumo pesado entre os bebedores ao longo da última década. Quando analisado o indicador de consumo intenso sem delimitação temporal, observa-se crescimento expressivo da proporção de indivíduos que relatam ingerir seis ou mais doses em uma única ocasião em todos os estratos avaliados.

Na população total, a prevalência passou de 45,5% em 2012 para 59,5% em 2023, representando um aumento relativo de 31% ($p<0,001$). Isso significa que, em 2023, mais da metade dos bebedores já referia esse padrão.

Tabela 22 - Distribuição do Consumo Pesado Episódico na população total e segundo sexo. LENAD II e III

	LENAD I 2012			LENAD II 2023		
	%	IC 95%		%	IC 95%	
Total	45,5	42,2	48,7	59,5	57,8	61,2
Masculino	55,5	51,6	59,3	67,9	65,9	69,9
Feminino	31,2	26,5	36,3	47,0	44,6	49,4

Todas as diferenças entre 2012 e 2023 foram estatisticamente significativas ($p < 0,05$, Teste Qui-quadrado com correção de Rao-Scott, para amostragem complexa).

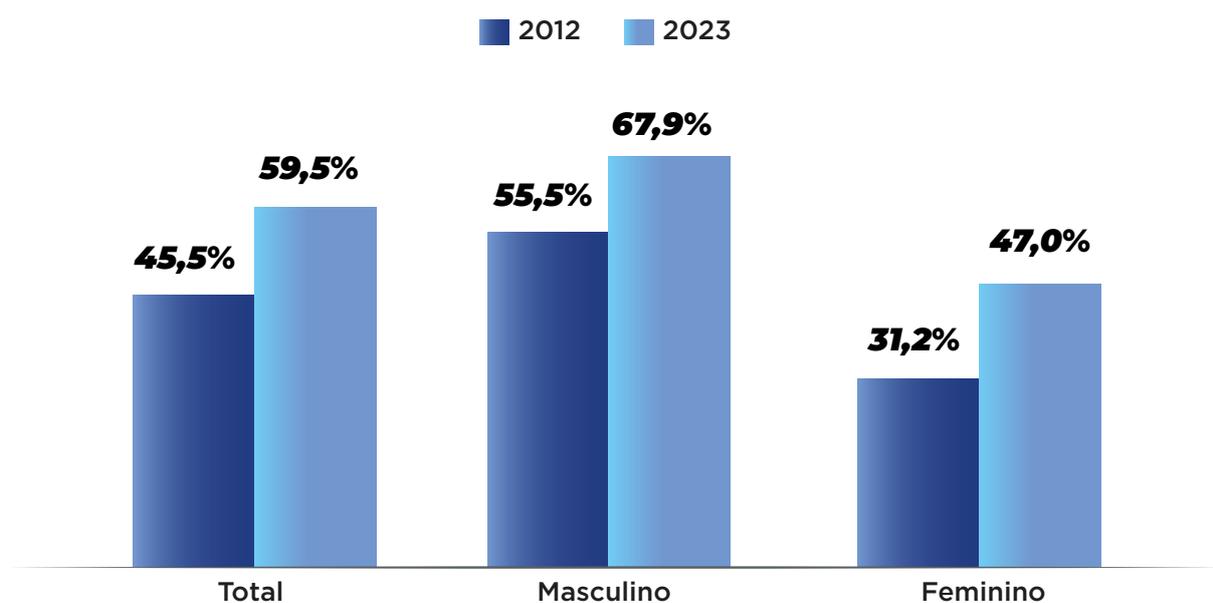
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

O aumento foi observado em ambos os sexos, embora de forma desigual. No sexo masculino, a prevalência de consumo de seis doses ou mais em uma única ocasião passou de 55,5% em 2012 para 67,9% em 2023, o que representa um incremento relativo de 22% ($p < 0,001$). No sexo feminino, a elevação foi proporcionalmente mais expressiva, subindo de 31,2% para 47,0% no mesmo período, correspondendo a um crescimento relativo de 51% ($p < 0,001$). Embora o sexo masculino ainda apresente prevalências mais elevadas, o avanço mais acelerado no sexo feminino reduziu a diferença absoluta entre os grupos, de 24 para 21 pontos percentuais.

Gráfico 43 - Distribuição do consumo pesado episódico na população total, segundo sexo. LENAD II e III



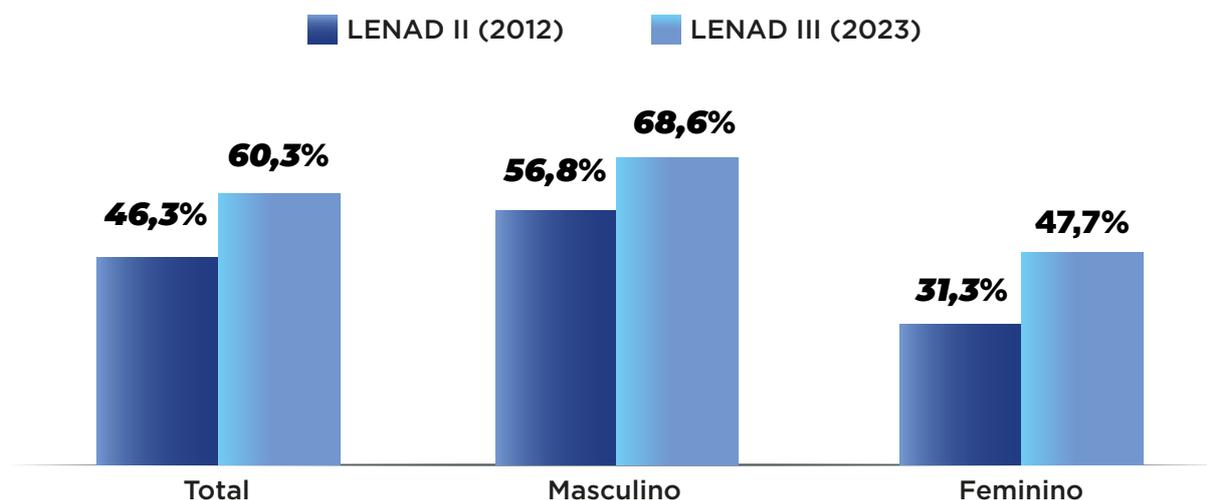
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Entre adultos, o aumento foi estatisticamente significativo em ambos os sexos, embora com magnitudes distintas. No sexo masculino, mais da metade dos bebedores já praticava consumo pesado episódico em 2012, e a proporção avançou de 56,8% (IC95%: 52,8–60,7) para 60,3% (IC95%: 58,6–62,1) em 2023, representando um incremento relativo de 6% ($p < 0,001$). No sexo feminino, a elevação foi proporcionalmente mais expressiva, passando de 31,3% (IC95%: 26,4–36,6) em 2012 para 46,4% (IC95%: 43,1–49,7) em 2023, correspondendo a um crescimento relativo de quase 50% ($p < 0,001$). Esse avanço reduziu a distância entre os sexos, aproximando as prevalências de consumo pesado episódico ao longo do período.

Gráfico 44 - Distribuição do consumo pesado episódico na população ADULTA, segundo sexo. LENAD II e III



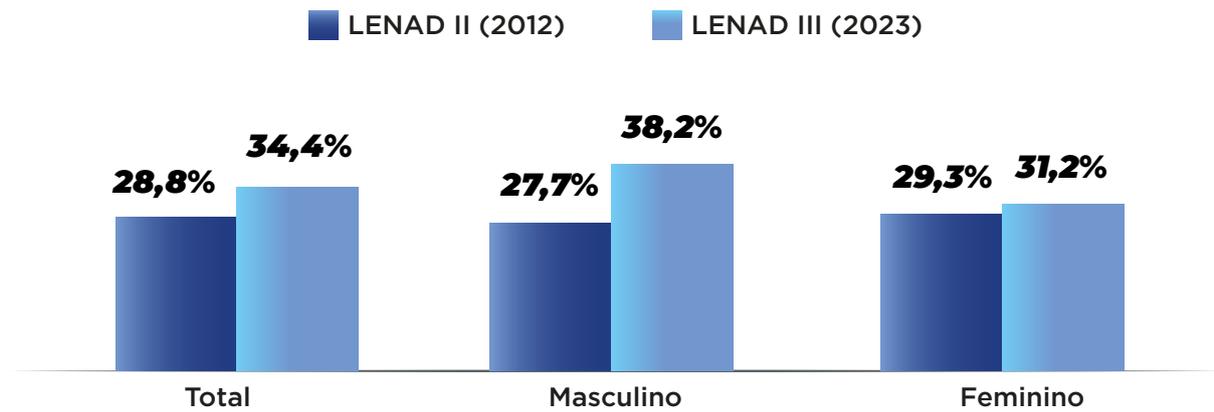
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Entre adolescentes, as prevalências de consumo pesado episódico também apresentaram aumento em ambos os sexos, mas sem alcançar significância estatística, possivelmente em razão do tamanho reduzido da amostra em 2012. No sexo masculino, a proporção passou de 27,7% (IC95%: 19,0–38,4) em 2012 para 34,4% (IC95%: 29,8–39,3) em 2023, representando um crescimento relativo de 24% ($p = 0,76$). Entre as adolescentes do sexo feminino, os percentuais foram semelhantes, passando de 29,9% (IC95%: 20,3–41,8) em 2012 para 34,3% (IC95%: 29,8–39,3) em 2023, correspondendo a um incremento relativo de 15% ($p = 0,76$).

Gráfico 45 - Distribuição do consumo pesado episódico na população ADOLESCENTE, segundo sexo. LENAD II e III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595

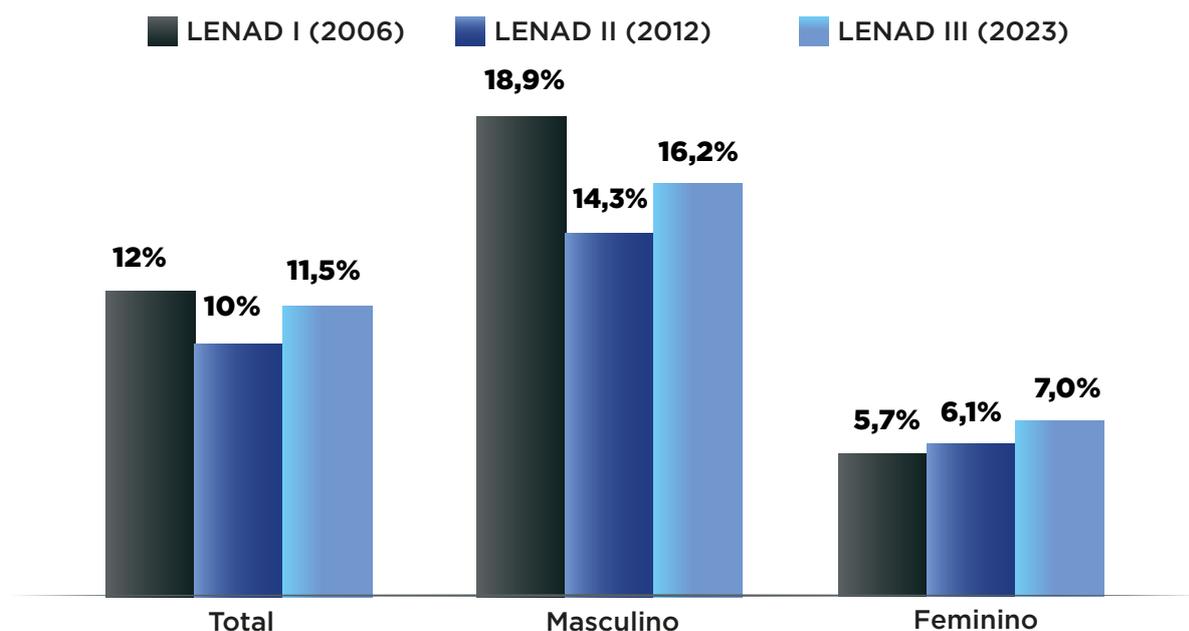
Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

5.3 transtorno pelo Uso de Álcool (TUA)

Na população total, a prevalência de transtorno por uso de álcool manteve-se relativamente estável ao longo das três edições do levantamento. Em 2006, 12,0% da população preenchia critérios para o transtorno, proporção que caiu para 10,0% em 2012, mas voltou a subir para 11,5% em 2023. Essa trajetória sugere oscilações moderadas, mas sem evidência de tendência consistente de queda ou aumento no período.

A comparação das estimativas de alcoolismo entre o LENAD II (2012) e o LENAD III (2023) evidencia um aumento nas prevalências, que se mostrou estatisticamente significativo após aplicação da correção para o delineamento amostral complexo. A prevalência global passou de 10,0% (IC95%: 8,7-11,5) em 2012 para 11,5% (IC95%: 10,2-13,0) em 2023 ($p=0,041$).

Gráfico 46 - Distribuição do Transtorno por Uso de Álcool (TUA) para a população total, segundo sexo. LENAD I, II e III



Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);

Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595

Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Tabela 23 - Distribuição do transtorno por uso de álcool para a população total segundo sexo. LENAD I, II e III

Transtorno por uso de álcool	LENAD I 2006			LENAD II 2012			LENAD III 2023		
	%	IC 95%		%	IC 95%		%	IC 95%	
Amostra total	12,0	10,3	14,0	10,0	8,7	11,5	11,5	10,2	13,0
Masculino	18,9	15,9	22,4	14,3	12,2	16,7	16,2	13,9	18,7
Feminino	5,7	4,4	7,3	6,1	4,8	7,7	7,0	5,9	8,2

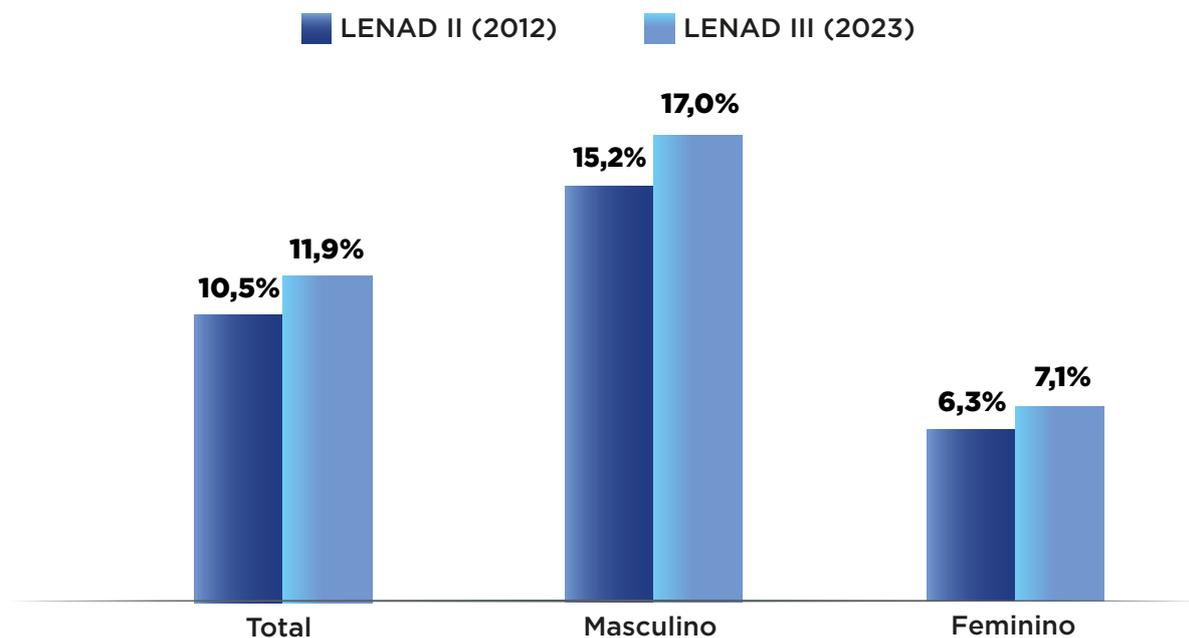
Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy);
 Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595
 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)

Quando estratificado por sexo, nota-se que o transtorno é mais frequente entre indivíduos do sexo masculino em todas as edições. Em 2006, quase um em cada cinco homens (18,9%) apresentava o transtorno, valor que diminuiu para 14,3% em 2012, mas voltou a crescer para 16,2% em 2023. Entre as mulheres, as prevalências foram substancialmente menores, variando entre 5,7% (2006), 6,1% (2012) e 7,0% (2023).

A análise comparativa da variação na última década por subgrupos, observou-se crescimento mais expressivo entre indivíduos do sexo masculino, cujas estimativas aumentaram de 14,3% para 16,2% ($p=0,032$). Entre os indivíduos do sexo feminino, as prevalências variaram de 6,1% em 2012 para 7,0% em 2023, mas essa diferença não atingiu significância estatística ($p=0,118$). Esse padrão reforça que, apesar de pequenas variações entre os períodos analisados, a diferença entre os sexos permanece marcante, com o sexo masculino apresentando aproximadamente o dobro da prevalência de TUA em comparação ao sexo feminino em todas as edições do estudo.

Os amplos intervalos de confiança observados na estratificação por grupo etário, sobretudo quando combinada ao recorte por sexo, limitam a precisão das estimativas da edição de 2006 e, conseqüentemente, restringem a possibilidade de análises comparativas consistentes para esse subgrupo naquele período. No entanto, as duas edições subsequentes do LENAD (2012 e 2023) dispõem de amostras mais robustas, permitindo examinar de forma mais confiável as variações nos indicadores de transtorno por uso de álcool entre adolescentes, tanto no total quanto estratificado por sexo. Essa melhoria metodológica possibilita uma compreensão mais precisa das tendências recentes nesse segmento da população e oferece subsídios mais sólidos para a análise comparativa da última década.

Gráfico 47 - Distribuição do transtorno por uso de álcool para a população de adultos segundo sexo. LENAD II e III

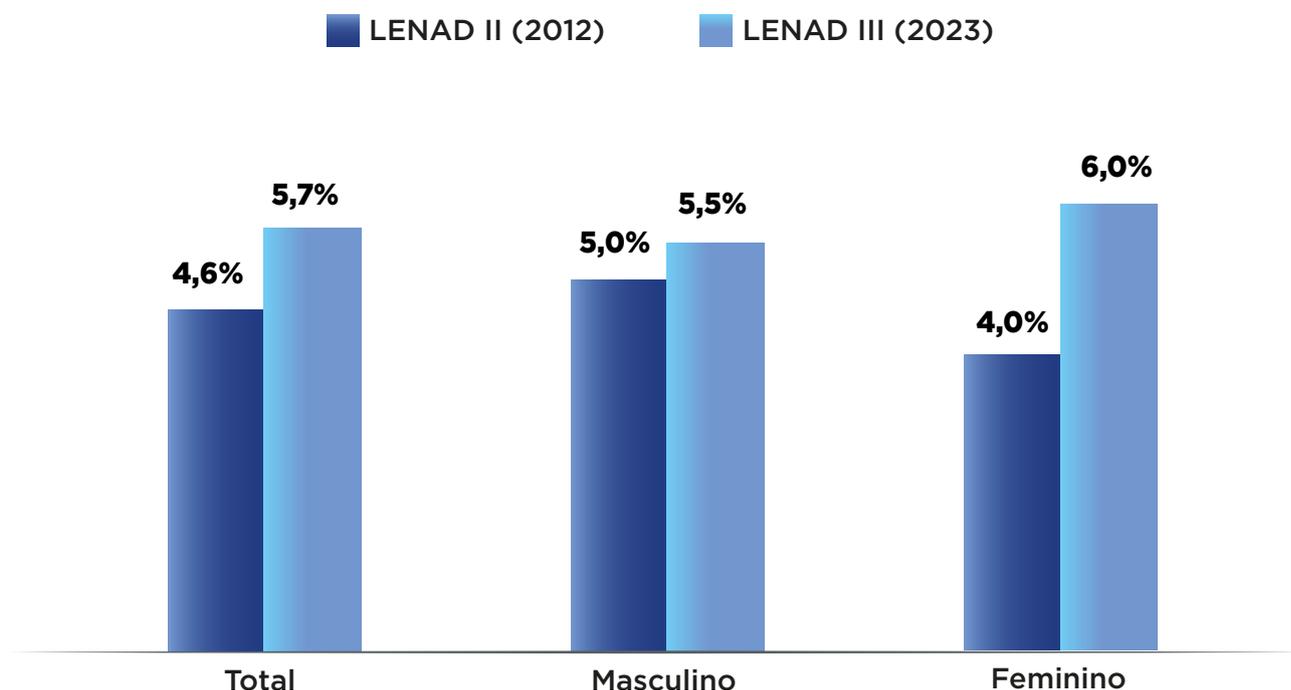


Transtorno por uso de álcool	LENAD II 2012			LENAD III 2023			Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy); Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)
	%	IC 95%		%	IC 95%		
Total de Adultos	10,5	9,2	12,3	11,9	10,6	13,5	
Masculino	15,2	13,0	18,0	17,0	14,6	19,7	
Feminino	6,3	4,9	8,0	7,1	5,9	8,4	

Entre adultos do sexo masculino, a prevalência de transtorno por uso de álcool foi de 15,3% (IC95%: 13,0-18,0) em 2012, aumentando para 17,0% (IC95%: 14,6-19,7) em 2023. Esse crescimento corresponde a um aumento relativo de aproximadamente 11%, e a diferença foi estatisticamente significativa (Rao-Scott χ^2 , $p=0,032$).

No sexo feminino, as prevalências foram substancialmente menores: 6,3% (IC95%: 4,9-8,0) em 2012 e 7,1% (IC95%: 5,9-8,4) em 2023. O acréscimo relativo de 13% não atingiu significância estatística (Rao-Scott χ^2 , $p=0,118$).

Gráfico 48 - Distribuição do transtorno por uso de álcool para a população de adolescentes segundo



Transtorno por uso de álcool	LENAD II 2012			LENAD III 2023			Prevalências em percentuais ponderados (peso amostral declarado com comando svy); Amostra LENAD I N = 3.006; Amostra LENAD II N = 4.607; Amostra LENAD III N = 16.595 Fonte: UNIFESP - Terceiro Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD III)
	%	IC 95%		%	IC 95%		
Total de Adolescentes	4,6	3,3	6,5	5,7	4,2	7,8	
Masculino	5,0	3,2	7,7	5,5	3,6	8,3	
Feminino	4,2	2,5	6,9	6,0	3,9	9,2	

Entre adolescentes, diferentemente do observado nos adultos, as variações nas prevalências de transtorno por uso de álcool entre 2012 e 2023 não alcançaram significância estatística, o que pode estar associado ao tamanho reduzido da amostra e aos amplos intervalos de confiança nesse subgrupo. No sexo masculino, a prevalência passou de 5,0% em 2012 para 5,5% em 2023, correspondendo a um aumento relativo de cerca de 10%, porém sem significância estatística ($p > 0,05$). No sexo feminino, observou-se elevação de 4,0% para 6,0% no mesmo período, representando um incremento relativo de aproximadamente 50%, igualmente sem significância estatística (Rao-Scott χ^2 , $p > 0,05$).

6

Síntese dos Resultados



6. Síntese dos Resultados

1 Indicadores de consumo (vida, ano, mês)

✓ **Adultos (18 anos ou mais):** Estima-se que 63,6% da população adulta já consumiu bebidas alcoólicas ao menos uma vez. O padrão varia fortemente segundo o sexo: 75,2% no sexo masculino contra 53,0% no sexo feminino. O consumo recente confirma essa desigualdade: 44,2% beberam no último ano, proporção quase 20 pontos percentuais mais alta nos homens (55,4%) do que nas mulheres (33,9%). Já o uso atual, no último mês, foi referido por 31,6% dos adultos (41,8% no sexo masculino e 22,1% no feminino).

✓ **Macrorregiões:** prevalências mais altas no Sul e Centro-Oeste e menores no Norte, sugerindo influência de fatores culturais e contextuais. Tipo de bebida: a cerveja é a mais consumida (73,5%), seguida de vinho (22,2%) e destilados (19,4%).

Comparações intertemporais (vida e ano): Consumo na vida: 57,0% (2006) → 69,5% (2012) → 63,7% (2023). Consumo no último ano: 50,2% (2006) → 47,7% (2012) → 44,2% (2023).

✓ **Adolescentes (14-17 anos):** Apesar da proibição legal, o LENAD III identificou que 56% da população brasileira experimentou álcool antes dos 18 anos e 25,5% passou a beber regularmente ainda na menoridade. Entre adolescentes de 14 a 17 anos, 27,6% já beberam, 19,1% consumiram no último ano e 10,4% no último mês, indicando acesso facilitado a bebidas alcoólicas.

✓ **Sexo:** Diferentemente dos adultos, o consumo é mais elevado no sexo feminino (29,5% na vida; 21,6% no ano; 12,4% no mês) do que no sexo masculino (25,8%; 16,7%; 8,5%). Macrorregiões: prevalências mais altas no Sul (36,7% na vida; 25,1% no ano; 14,0% no mês) e Centro-Oeste, e mais baixas no Norte e Nordeste.

Comparações intertemporais (vida e ano):

Consumo na vida:

39,1% (2006) → **32,7%** (2012) → **27,6%** (2023).

Consumo no último ano:

33,8% (2006) → **25,8%** (2012) → **19,1%** (2023).

Tendência: declínio contínuo, mais acentuado no sexo masculino.

2

Consumo pesado (binge e consumo pesado episódico)

- ✓ **Entre adultos que consomem álcool, a maioria ingere quantidades elevadas:** o brasileiro consome em média 5,3 doses por ocasião e 44,6% bebem nessa intensidade semanalmente.

Binge: 14,2% da população adulta (≈ 24 milhões), 32,3% entre bebedores; mais prevalente no sexo masculino (19,8%) que no feminino (9,0%).

Consumo pesado episódico: 34,7% da população (≈ 59 milhões), 60,3% entre bebedores. Entre homens, quase 70% (68,8%) relataram esse padrão, contra 47,7% das mulheres.

- ✓ **Entre Adolescentes: Consumo médio:** 3,7 doses por ocasião (mediana 2 doses), indicando que parte dos adolescentes consome volumes elevados ainda que o acesso devesse ser restrito.

Binge: 4,5% da população adolescente (≈ 520 mil), 23,7% entre os adolescentes que já bebem. Mais prevalente no sexo feminino (5,5%) do que no masculino (3,5%).

Consumo pesado episódico: 7,5% da população adolescente (≈ 860 mil), 34,4% entre os que bebem. Prevalências próximas entre meninos (7,1%) e meninas (7,9%).

Comparações intertemporais:

Binge:

57,6% (2012) → **32,0%** (2023) → redução significativa.

Consumo pesado episódico:

45,5% (2012) → **59,5%** (2023)

→ aumento expressivo, sobretudo no sexo feminino.

3

Consumo de risco (AUDIT)

Mais de um terço dos adultos que bebem (34,7% dos homens e 17,7% das mulheres) apresenta padrões de risco, nocivo ou provável dependência, segundo a escala AUDIT. Na população total, isso representa 11,9% (≈ 22 milhões de brasileiros). Entre adolescentes, embora a prevalência seja menor (3,0% no total), já se observa 15,8% dos que bebem com algum padrão problemático.

4

Dependência (TUA - DSM-5)

Alcoolismo: O LENAD estima que 11,9% dos adultos (≈ 21 milhões de pessoas) preenchem critérios para Transtorno por Uso de Álcool (TUA). Essa prevalência é maior que a registrada em 2012 (10,6%), confirmando estabilidade em patamar elevado. O risco é duas vezes maior no sexo masculino (17,0%) do que no sexo feminino (7,1%).

Entre adolescentes: 5,7% (≈ 340 mil jovens) já apresentam TUA, proporção semelhante entre os sexos (5,5% no masculino e 6,0% no feminino). O diagnóstico precoce de dependência nessa faixa etária evidencia o impacto do acesso facilitado e reforça a urgência de políticas de prevenção dirigidas a escolas, famílias e comunidades.

Comparações intertemporais:

TUA: **12,0%** (2006) → **10,0%** (2012) → **11,5%** (2023).

Tendência estável, mas com aumento recente entre adultos do sexo masculino.

Apesar de 41,3% dos bebedores declararem vontade de reduzir ou interromper o consumo, a maioria nunca tentou parar e menos de 5% das pessoas com TUA já buscaram tratamento. Entre os serviços formais, o CAPS-AD aparece como principal porta de entrada, mas o apoio comunitário (como Alcoólicos Anônimos, familiares e práticas religiosas) também se mostra central. Além disso, 14,1% da população (\approx 25,5 milhões de adultos) já se enquadram como ex-bebedores, indicando abandono posterior do hábito, geralmente após padrões de uso intensos.

O Brasil apresenta uma elevada prevalência de abstinentes em comparação internacional: 57,5% da população (\approx 116,7 milhões) não consumiu álcool no último ano. Esse grupo inclui tanto os que nunca beberam quanto os ex-bebedores. A taxa é ainda maior entre adolescentes (80,9%), embora mesmo nesse grupo já se observem ex-bebedores (3,5%). Essa combinação de alta abstinência com consumo pesado entre quem bebe caracteriza o país como um caso de contrastes no cenário global do álcool.

7

Considerações Finais



7. Considerações Finais

O Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) é realizado desde 2006 e, até hoje, permanece como o único inquérito domiciliar de abrangência nacional que investiga não apenas a prevalência do consumo de bebidas alcoólicas, mas também o transtorno por uso de álcool (alcoolismo segundo os critérios do Manual Diagnóstico DSM-5) e padrões de consumo de risco (segundo a Escala AUDIT), instrumentos amplamente validados e reconhecidos globalmente.

Com três edições (2006, 2012 e 2023), o estudo constitui a principal fonte de monitoramento de tendências do uso de álcool no Brasil ao longo da última década e meia, permitindo avaliar tanto a evolução histórica quanto os desafios emergentes. A edição mais recente, o LENAD III, reforça a magnitude do impacto do álcool na população brasileira e fornece projeções nacionais robustas sobre experimentação, consumo atual, padrões pesados e dependência, servindo de base científica essencial para políticas públicas e estratégias de prevenção.

Quem bebe no Brasil

Estima-se que 63,6% da população adulta já tenha experimentado a substância, o que equivale a cerca de 104 milhões de pessoas. O uso recente também é expressivo: 44,2% dos adultos (\approx 72 milhões) relataram consumo no último ano, e 31,6% (\approx 52 milhões) no último mês. As diferenças entre os sexos são marcantes: três em cada quatro pessoas do sexo masculino já beberam, contra pouco mais da metade das do sexo feminino. No último ano, o consumo foi quase 20 pontos percentuais mais elevado entre homens (55,4%) do que entre mulheres (33,9%).

Como o brasileiro bebe

Ainda que mais da metade da população brasileira seja abstinente, entre os que consomem álcool predomina o uso em quantidades excessivas. O brasileiro ingere em média 5,3 doses por ocasião, e 44,6% dos bebedores o fazem nessa intensidade pelo menos semanalmente. O consumo pesado episódico é relatado por 60,3% dos bebedores — o que corresponde a

34,7% da população adulta total (≈ 59 milhões de pessoas). Esse padrão é mais frequente entre homens (68,8%) que entre mulheres (47,7%), e está diretamente relacionado a intoxicação aguda, acidentes e agravos diversos.

Transtorno por Uso de Álcool (TUA)

O alcoolismo continua sendo um importante problema de saúde pública. O estudo identificou que 11,9% dos adultos — cerca de 21 milhões de pessoas — preenchem critérios diagnósticos para TUA, proporção ligeiramente superior à encontrada em 2012 (10,6%). A prevalência é mais do que o dobro no sexo masculino (17,0%) em comparação ao feminino (7,1%), reforçando desigualdades estruturais no padrão de consumo.

Adolescentes e menores de idade

O acesso precoce ao álcool permanece uma realidade preocupante. Mais da metade da população brasileira experimentou álcool antes dos 18 anos e um quarto passou a beber regularmente antes da idade legal. Entre adolescentes de 14 a 17 anos, 19,1% (≈ 1,1 milhão) relataram uso no último ano e 10,4% (≈ 600 mil) no último mês. Entre os que consomem, 34,4% apresentam padrão abusivo de consumo pesado episódico, o que equivale a 7,5% de toda a população adolescente (≈ 860 mil). Além disso, 5,7% dos adolescentes (≈ 340 mil) já apresentam critérios para TUA, proporção semelhante entre sexos. Esses achados evidenciam que, apesar da proibição legal, o álcool circula amplamente entre menores de idade, com consequências diretas para a saúde e o desenvolvimento.

Abstinência e ex-bebedores

O Brasil apresenta uma característica paradoxal: 57,5% da população (≈ 116 milhões) é abstinente, o que o posiciona entre os países com maior proporção de não consumidores. Ao mesmo tempo, entre aqueles que bebem, o consumo pesado é a norma. Além disso, 14,1% da população (≈ 25,5 milhões de adultos) são ex-bebedores, evidenciando trajetórias de abandono após períodos de uso mais intenso.

Busca por tratamento e uso de redes de apoio

Apesar da magnitude do problema, a busca por cuidados especializados é limitada. Quatro em cada dez bebedores já pensaram em reduzir ou interromper o consumo, mas apenas 4,8% das pessoas com TUA procuraram tratamento ao longo da vida. O CAPS-AD aparece como principal serviço formal de referência, mas estratégias comunitárias — como grupos de apoio e redes familiares — ainda cumprem papel central.

Limitações na interpretação de tendências temporais

Embora o LENAD permita identificar oscilações nos indicadores desde 2006, é preciso cautela ao interpretar tendências de longo prazo. Os intervalos entre edições são grandes (2006, 2012 e 2023) e não captam mudanças intermediárias. Além disso, a pandemia de COVID-19 representou um marco disruptivo para o padrão de consumo, alterando contextos sociais, econômicos e familiares. Esses fatores impedem suposições de linearidade ao longo da década. Assim, as prevalências devem ser lidas como fotografias pontuais, úteis para dimensionar a carga atual e orientar políticas públicas, mas não como trajetórias contínuas de crescimento ou queda.

Referências

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Pesquisa Nacional de Saúde: 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal. Rio de Janeiro: IBGE; 2020.
2. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigilância em Saúde Brasil 2022: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde; 2023.
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2019. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.
4. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. Nota Técnica nº 44/2022-CGDANT/DAENT/SVS/MS: Estabelece a definição de dose padrão de bebida alcoólica de 10 gramas de álcool puro a ser utilizada como unidade de medida oficial. Brasília: Ministério da Saúde; 2022.
5. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism. Drinking Levels Defined. Bethesda, MD: National Institutes of Health, U.S. Department of Health and Human Services; 2004.
6. World Health Organization. Global status report on alcohol and health 2018. Geneva: World Health Organization; 2018.
7. Lima CT, Freire ACC, Silva APB, Teixeira RM, Farrell M, Prince M. Concurrent and construct validity of the AUDIT in an urban Brazilian sample. *Alcohol and Alcoholism*. 2005;40(6):584-9.
8. Bradley KA, McDonnell MB, Bush K, Kivlahan DR. The AUDIT alcohol consumption questions: reliability, validity, and responsiveness to change in older male primary care patients. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*. 1998;22(8):1842-9.
9. World Health Organization. AUDIT: The Alcohol Use Disorders Identification Test. Guidelines for use in primary care. Geneva: World Health Organization; 2001.

10. Babor TF, Higgins-Biddle JC, Saunders JB, Monteiro MG. AUDIT - The Alcohol Use Disorders Identification Test - Guidelines for Use in Primary Care. Geneva: World Health Organization; 2001.
11. Kessler RC, Ustün TB. The World Mental Health (WMH) Survey Initiative Version of the World Health Organization (WHO) Composite International Diagnostic Interview (CIDI). *International Journal of Methods in Psychiatric Research*. 2004;13(2):93-121.
12. Andrade L, Silveira CM, Gentil V, editors. Validação da entrevista semi-estruturada CIDI (composite international diagnostic interview) tendo o SCAN (schedule for clinical assesment in neuropsychiatry) como padrão-ouro: sintomas e transtornos depressivos. *Anais*; 2001; Recife: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.
13. Viana MC, Andrade LH, et al. São Paulo Megacity Mental Health Survey: a population-based epidemiological study of psychiatric morbidity in the São Paulo metropolitan area. *International Journal of Methods in Psychiatric Research*. 2009;18(2):87-99.
14. American Psychiatric A. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing; 2013.
15. World Health O. *Composite International Diagnostic Interview (CIDI), Version 3.0*. Geneva: World Health Organization; 1997.
16. StataCorp. *Survey Data Reference Manual*. College Station, TX: Stata Press; 2023.

PAREAMENTO DE INDICADORES ALCOOL DO LENAD COM PRINCIPAIS INQUÉRITOS NACIONAIS

PNS - Pesquisa Nacional de Saúde		PNS (2019)			LENAD 3 (2023)		
Faixa etária amostra PNS		Recorte PNS = 18 anos + Recorte PNS 19 = 15 anos +			Recorte LENAD: 18+ ou 15 + Serão comparados os indicadores para 18+		
ALCOOL		TOTAL	MASC	FEM	TOTAL	MASC	FEM
CONSUMO REGULAR 1x/semana +		26,4	37,1	17	18,4	26,5	10,9
Definição	Proporção de pessoas de 18 anos ou mais de idade que costumavam consumir bebida alcoólica uma vez ou mais por semana				Indicador composto, criado a partir de 2 variáveis: consumo (doses) num dia normal e qual frequência (sob total respondentes módulo álcool. Recorte combina as frequências: 1a 2 x/ semana + 2 a 3 x/ mês + Uma x/ mês + 7 Menos que 1x/mês		
CONSUMO REGULAR 5x/semana +		2,5	4,4	0,8	2,3	4,0	0,8
Definição	Percentual de indivíduos de 18 anos ou mais que costumam consumir bebida alcoólica em 5 dias ou mais por semana.				Indicador composto, criado a partir de 2 variáveis: consumo (doses) num dia normal e qual frequência (sob total respondentes módulo álcool. Recorte combina as frequências: todos os dias + 5 a 6 x / semana		
USO ABUSIVO / Pesado		17,1	26	9,2	26,8	30,7	23,3
Definição	Percentual de indivíduos de 18 anos ou mais que relataram o consumo de 5 ou mais doses de bebida alcoólica, em uma única ocasião.				O pareamento dos indicadores do LENAD para esse indicador pode ser feito usando 2 diferentes variáveis: 1) Indicador BINGE = 4/5 doses em 2h OU 2) Transformar a var de dose consumida em um dia normal em 5 doses. Devido a grande diferença entre binge e uso pesado (6 doses em uma ocasião) observada em 23, onde a restrição do período de consumo reduziu bastante a estimativa, optou-se por seguir a opção 2, partindo do consumo médio de doses em um dia normal. NOTA: esse indicador pode ficar subestimado pois no lenad a questão envolve a afirmação de que as doses são consumidas na rotina ("Nos últimos 12 meses, num dia normal em que você bebe, quantas doses de álcool você ingere? Incluindo qualquer bebida alcoólica: cerveja, vinho, destilados, bebidas "ice" ou qualquer outra bebida contendo álcool?")		
DIRIGIR DEPOIS DE BEBER		13,6			19,8 entre condutores 31,3% entre condutores bebedores		
Definição	Percentual de condutores de automóvel ou motocicleta que dirigiram logo depois de consumir bebida alcoólica nos últimos 12 meses				A questão "Quantas vezes você dirigiu depois de beber álcool nos últimos 12 meses?" é aplicada para bebedores. O pareamento recodifica incluindo todos os demais condutores habilitados como denominador. Todas as frequências de resposta de mais de uma vez foram acumuladas.		

PeNSE - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar	PeNSE (2019)			LENAD 3 (2023)		
Faixa etária amostra total PENSE	13 a 17 anos RECORTE 13/15 RECORTE 16/17			Recorte amostra LENAD: 14 a 17 anos Recorte 13/15 = 14/15 Recorte 16/17 = 16/17		
CONSUMO VIDA	TOTAL	MENINOS	MENINAS	TOTAL	MENINOS	MENINAS
Definição	Percentual de escolares de 13 a 17 anos que experimentaram bebida alcoólica alguma vez na vida			Indicador do uso na vida do lenad é gerado pela composição de duas questões: uso no último ano e uso "antes disso na vida". Pode gerar subestimação devido ao fato de não usar o termo "experimentação", mas consumo.		
Total	63,3	59,6	66,9	27,6	25,8	29,5
13 a 15 anos	55,9	50,9	60,9	18,8	17,5	20,3
16 e 17 anos	76,8	75,5	78,1	37,7	35,9	39,5
EMBREAGUEZ VIDA	TOTAL	MENINOS	MENINAS	TOTAL	MENINOS	MENINAS
Definição	Percentual de escolares de 13 a 17 anos que sofreram algum episódio de embriaguez na vida			Percentual de adolescentes de 14 a 17 anos que consumiram de 4 a 5 doses em 2 horas, elevando a concentração de álcool no sangue (BAC) a 0,08% ou mais (0,08 g/dL), entre bebedores		
Total	47	46,2	47,6	23,7	21,3	25,7
13 a 15 anos	38,6	35,9	40,8	16,9	9,3	22,3
16 e 17 anos	58,1	58,9	57,4	27,1	26,7	27,5
CONSUMO ULTIMO MÊS	TOTAL	MENINOS	MENINAS	TOTAL	MENINOS	MENINAS
Definição	Percentual de escolares de 13 a 17 anos que consumiram bebidas alcoólicas pelo menos um dia nos 30 dias anteriores à pesquisa			Percentual de adolescentes de 14 a 17 anos que consumiram bebidas alcoólicas pelo menos uma vez nos últimos 30 dias, na população total		
Total	28,1	26	30,1	10,4	8,5	12,4
13 a 15 anos	22,1	18,7	25,5	5,9	3,9	8,2
16 e 17 anos	38,9	39,2	38,6	15,5	14	17
CONSUMO PESADO BINGE / 4 doses	TOTAL	MENINOS	MENINAS	TOTAL	MENINOS	MENINAS
Definição	Percentual de escolares de 13 a 17 anos que consumiram 4 doses ou mais de bebida alcoólica em um dia, dentre aqueles que beberam bebidas alcoólicas pelo menos um dia nos 30 dias anteriores à pesquisa			Percentual de adolescentes de 14 a 17 anos que consumiram 4 doses ou mais de bebida alcoólica entre bebedores no último mês		
Total	34,5	36,3	33	41,1	39,8	41,9
13 a 15 anos	28,6	28,2	28,8	26,6	18,6	30,8
16 e 17 anos	40,8	43,4	38,2	47,5	47,1	47,8
CONSUMO PESADO BINGE / 5 doses	TOTAL	MENINOS	MENINAS	TOTAL	MENINOS	MENINAS
Definição	Percentual de escolares de 13 a 17 anos que consumiram 5 doses ou mais de bebida alcoólica em um dia, dentre aqueles que beberam bebidas alcoólicas pelo menos um dia nos 30 dias anteriores à pesquisa			Percentual de adolescentes de 14 a 17 anos que consumiram 5 doses ou mais de bebida alcoólica entre bebedores no último mês		
Total	24,7	26,8	23	34,6	33,7	35,2
13 a 15 anos	19,9	19,9	19,9	21,5	13,5	25,8
16 e 17 anos	29,7	32,9	26,6	40,4	40,6	40,2

ACESSE www.uniad.org.br/lenad

